

**O AUTOCOLANTE  
E O LIVRO**

A MANIPULAÇÃO  
DO ADESIVO  
NA MENSAGEM

**Tiago Alexandre de Brito Gaspar**  
Orientador **João Tiago Santos**

**Mestrado em  
Design de Comunicação  
2017**



O seguinte documento foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico.

Todas as citações e transcrições foram traduzidas.

## **Palavras-Chaves**

Autocolante; Recontextualização; Apropriação; Livro.

## **Resumo**

Quando o autocolante é motivo de tema, as suas associações mais comuns são o acto da sua aplicação num determinado suporte tendo múltiplas funções (como informativos, publicitários ou artísticos) e características particulares como elementos gráficos impressos e a adesividade no verso. O autocolante é utilizado como uma ferramenta comunicativa flexível e barata transmitindo informações de uma forma rápida. No entanto, o autocolante tem a particularidade de manipular, quando aplicado, o contexto do seu suporte. Por outras palavras, quando colado, atendendo de factores como a sua natureza gráfica impressa e a informação presente no suporte, manipula a mensagem transmitida pelo suporte, recontextualizando-o e permitindo múltiplas leituras e reacções. Este fenómeno é a ideia base do presente projecto. O projecto, de natureza prática, procura ilustrar o potencial que os autocolantes possuem em gerar diferentes conteúdos e leituras num mesmo artefacto, neste caso, um livro.



## **Keywords**

Sticker; Recontextualization; Appropriation; Book.

## **Abstract**

When the sticker is motive of theme, his most common associations is the act of his application in a support, having multiples functions (information, publicity or artistic) and particular aspects as graphic elements printed in one side and an adhesive substance in the other side. As a flexible and cheap communicative tool, the sticker is used to transmitting informations in a fast way. However, the sticker have the particularity of manipulating the context of his support. In other words, the sticker when applied in a support, change the content of message displayed by the support, recontextualizing him with news meanings and reactions. That phenomenon is the main idea of this project. This project has the concept of explore the potential that stickers have in creating new contents and readings in an artifact, in this case, a book.



## Agradecimentos

A concretização desse projecto não foi fácil perante as exigências necessárias e, por várias vezes, a desistência foi um cenário perto de se concretizar, dadas as frustrações acumuladas e desespero constante ao longo dos meses. No entanto, esse projecto só foi possível graças à paciência e à compreensão dos demais que me acompanharam de perto o progresso deste projecto.

Acima de tudo, quero agradecer à minha família, principalmente à minha mãe, que está sempre presente e a apoiar, mesmo quando o cenário não era dos melhores.

Agradeço imenso ao meu orientador João Tiago Santos pelo acompanhamento, pela disponibilidade, pelas críticas e conselhos e pela paciência, apesar dos constantes problemas de comunicação.

Agradeço também a João Martino pelos seus conselhos e participação e à Dra. Joana Santos, directora do Mestrado, por me ouvir e me ajudar nas questões burocráticas, mesmo em momentos bastantes esporádicos.

Um especial agradecimento ao meu amigo José, mesmo sendo totalmente alheio à área do design, por me ouvir, por me apoiar e me incentivar uma perspectiva mais aceitável e optimista acerca do meu trabalho.

Sem o vosso contributo, pequeno ou grande, esse projecto não seria possível.

## **Índice**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
Métodos de Trabalho Adoptados	5
Motivações	6
<b>CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>7</b>
<b>1.1 Autocolante</b>	<b>8</b>
1.1.1 Definição	9
1.1.2 Contexto Histórico e Estado da Arte	10
1.1.3 Exemplos Práticos	12
1.1.4 Recolha de Dados	16
<b>1.2 Metodologias Visuais</b>	<b>17</b>
1.2.1 Introdução às Metodologias Visuais	18
1.2.2 Análise dos Dados	19
1.2.3 Desenvolvimento da Categorização	20

<b>CAPÍTULO 2: TRABALHO PRÁTICO</b>	<b>21</b>
<b>2.1 Categorização dos Dados</b>	<b>22</b>
2.1.1 Informativos	23
2.1.2 Publicitários	24
2.1.3 Artísticos / Urbanos	28
2.1.4 Autocolantes Concebidos para Cadernetas	36
<b>2.2 Desenvolvimento dos Autocolantes</b>	<b>37</b>
2.2.1 Reprodução dos Autocolantes	38
2.2.2 Galeria e Propósito dos Autocolantes Reproduzidos	39
<b>2.3 Livro</b>	<b>49</b>
2.3.1 Tema	50
2.3.2 Produção Gráfica do Livro	51

<b>2.4 Trabalho Prático</b>	<b>53</b>
2.4.1 Livro 1	54
2.4.2 Livro 2	76
2.4.3 Livro 3	98
2.4.4 Livro 4	120
2.4.5 Livro 5	142
2.4.6 Livro 6	164
2.4.7 Livro 7	186
2.4.8 Livro 8	208
2.4.9 Livro 9	230
2.4.10 Conclusões do Trabalho Prático	252
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>253</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>256</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>257</b>
<b>Referências Eletrônicas</b>	<b>259</b>
<b>LISTA DE IMAGENS</b>	<b>261</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>264</b>
Cidade do Porto (em saldo para camones e ricos)	265
Ode Triunfal	266
<b>DOCUMENTO DIGITAL</b>	<b>272</b>

# INTRODUÇÃO

O autocolante é uma peça gráfica secundária e propriamente concebida, cujo conteúdo da superfície da sua aplicação acaba por definir o conceito e a forma do adesivo. No entanto, não se entra em consideração os efeitos da sua aplicação numa determinada superfície que podem provocar diferentes leituras e entendimentos (quer face ao local da sua aplicação, quer face ao autocolante em si). Num workshop leccionado por Russell Bestley (2015), um exercício fora concretizado: com o uso de um jornal, cortando e separando imagens e texto e em seguida reposicioná-los permitiu a criação de novas narrativas, com situações caricatas, cómicas, irónicas e chocantes. O conceito original das imagens e do texto eram manipulados à medida que eram reposicionados. Existe um paralelismo entre esse exercício e o acto de aplicar autocolantes em suportes para obter narrativas.

“É difícil de acreditar que papel ou vinil com adesividade no verso podem fazer muita coisas. A repetição funciona e o autocolante é o meio ideal para demonstrar esse princípio. As pessoas não parecem resistir à tentação de colar autocolantes no seu carro, skate, guitarra...” (Fairey, 2003, tradução livre <sup>1</sup>)

O autocolante é uma ferramenta gráfica cujas principais particularidades é a sua aplicação numa determinada superfície. Os autocolantes possuem diferentes funções atendendo a natureza gráfica impressa.

“A utilização de autocolantes em suportes de comunicação é recorrente, principalmente com o intuito de fazer sentir ao utilizador que faz parte do desenvolvimento do artefacto... Completar informações, gerar uma nova identidade, reorganizar conteúdos, personalizar, a sensação de ‘autoria’ por parte do utilizador ou resultados inesperados são propósitos associados à utilização deste material.” (Moreira, 2015, p.38)



FIGURA 1



FIGURA 2

FIGURA 1

Avenida dos Aliados, Porto  
Fotografia do Autor.

FIGURA 2

Rua do Almada, Porto  
Fotografia do Autor.

---

<sup>1</sup> “It’s hard to believe that paper and vinyl with adhesive backing can do so much. Repetition works, and stickers are a perfect medium to demonstrate this principle... People also seem unable to resist the urge to stick them on their belongings, car, stereo, skateboard, guitar, and the list goes on.”

FIGURA 3

Autocolante do Futebolista Luis "Lucho" González, Estação ferroviária de Campanhã. Fotografia do Autor.

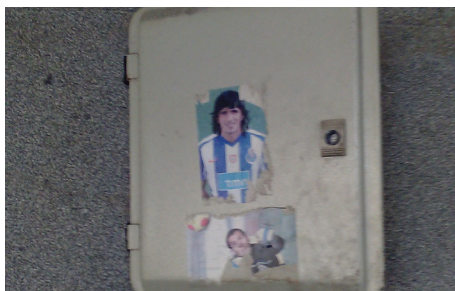


FIGURA 3

Uma caderneta sem os respectivos autocolantes apresenta-se com um layout minimamente equilibrado e neutro. No entanto, à medida que os autocolantes são aplicados no artefacto, este perde as propriedades que outrora tinha, assumindo-se mais rico, mais ilustrativo (Lloyd, 2014, tradução livre <sup>1</sup>). Esse fenómeno também é perceptível no autocolante em si. Um autocolante de um futebolista, fora do contexto da caderneta (que concilia e ilustra com o texto), e aplicado num poste ou quadro de electricidade, é entendido com um carácter simbólico, sendo uma forma de manifestação de amor e apoio ao clube ou idolatria ao atleta (Figura 3). Esse projecto prático visa o estudo dos efeitos da aplicação do autocolante e como o seu uso potencia a mensagem presente num artefacto como o livro.

Os autocolantes objectos de estudo neste projecto foram recolhidos com o uso de registo fotográfico num ambiente urbano, na qual há uma enorme variedade de exemplos, isto porque a sua aplicação, além de ser mais rápida, envolve menos risco de apreensão:

“...o método de colar possui vantagens - a acção simples e rápida de colar um autocolante é discreto e implica menos riscos que outras formas de *street art*... pode-se imprimir centenas de autocolantes no conforto da própria casa, e levar consigo no bolso no tempo todo. Estes factores significam que é igualmente possível aplicar uma maior área em menos tempo, e trabalhar durante o dia.” (Clough, 2011, p. 6-7, tradução livre <sup>2</sup>).

---

<sup>1</sup> “Panini strike a nice balance with their album design. Although it looks fine without the stickers, you realise that as you add stickers, the pages take on a nice weight, like a medieval document. Through adding stickers the album itself becomes more substantial...”

<sup>2</sup> “...the method of tagging has clear advantages - the simple, quick action of putting up a sticker is inconspicuous and therefore carries much less risk than other forms of street art... can prepare hundreds of stickers in the comfort of their own home, and carry some around in their pocket at all times. These factors mean it is also possible to cover a larger area in less time, and to work in daylight.”

Com factores, como o pouco risco, a portabilidade e a rápida aplicação, permitem que o adesivo fosse uma alternativa mais rápida, fiável e barata como forma de expressão artística e interventiva, ou como objecto de informação e publicidade.

“O livro, enquanto meio privilegiado, pode ser abordado como um suporte interactivo...o utilizador controla o objecto para descobrir novos conteúdos” (Moreira, 2015, p.14). Dado as potencialidades, o livro concebido neste projecto visa ser um objecto de estudo que permite enaltecer a manipulação do adesivo na mensagem presente nesse mesmo artefacto. A sua aplicação provoca diferentes efeitos e leituras no livro entendido em relação à mensagem original. Esse fenómeno envolve conceitos-chaves como apropriação, isto porque colocando um adesivo num determinado espaço reclama-o como seu e usa este meio visual como uma ferramenta para chamar a atenção das pessoas, procurando uma resposta (Clough, 2011, p. 12, tradução livre <sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> "By putting something into the world he can call his own, Fairey demonstrates firsthand a 'way of worldmaking' - a way of re-establishing oneself as a person with an identity and a right to inhabit the world both overtly and visually... We use visual media as a tool to reach out and touch other people, to grab their attention and try to invoke a response."

## Métodos de Trabalho Adoptados

Os métodos de trabalho neste projecto foram adoptados de acordo com os requisitos necessários que as respectivas fases de trabalho necessitavam. Este projecto divide-se em duas fases distintas: o enquadramento teórico e o desenvolvimento do trabalho prático. O enquadramento teórico permitiu uma revisão aos conceitos relacionados à temática do autocolante, como a sua definição, estado da arte e contextos de uso e a recolha de exemplos e, por consequente, uma metodologia visual e a interpretação dessa. O desenvolvimento do trabalho prático trata-se da aplicação dos autocolantes recolhidos num livro concebido para a ocasião, procurando e descrevendo as diferentes recontextualizações que o texto original fora sujeito graças à aplicação do autocolante.

A definição e o estado de arte forneceu a objectividade necessária e um caminho mais concreto de trabalhar com os exemplos de autocolantes, que seriam registados de modo fotográfico e análise estudo na pesquisa visual. Os autocolantes que viriam a ser objectos de estudo foram registados, procurando o maior número de exemplos possível, sob os mais diversos exemplos. Antes de prosseguir para a metodologia visual, fora importante uma pequena introdução a essas mesmas metodologias visuais. A principal razão do uso das metodologias visuais como parte do enquadramento teórico deve-se perante à necessidade de criar uma base interpretativa segura face ao objecto de estudo.

A segunda fase do projecto é dedicado ao desenvolvimento do trabalho prático. Nessa mesma fase, os autocolantes recolhidos foram categorizados e reproduzidos e o livro fora concebido sob padrões clássicos. A aplicação dos autocolantes nos livros foi encarregado pelo autor, e, atendendo às informações impressas, procurando que diferentes reacções e recontextualizações que o adesivo pode provocar.

## Motivações

A principal razão da escolha do autocolante se deve ao gosto de o autor nutre em aplicar autocolantes em diferentes superfícies, especialmente no seu computador pessoal, como forma de personalização, e sendo o autocolante um suporte para o design gráfico. O acto de aplicar um autocolante numa superfície é comum e na área do design gráfico, já existem artefactos e projectos editoriais que fazem uso do adesivo explorando a sua adesividade. O seu uso implementa uma maior interactividade e um nova forma de olhar para o artefacto.

O seguinte projecto serve de base para futuros projectos que envolva o livro e o autocolante. O trabalho prático desenvolvido procura oferecer directrizes e métodos de aplicação para um uso mais eficaz do adesivo no livro, de modo a criar projectos editoriais em que o mesmo conteúdo é gradualmente manipulado, criando diferentes versões sobre o mesmo livro.

**CAPÍTULO 1:  
ENQUADRAMENTO  
TEÓRICO**

**AUTOCOLANTE**

## Definição

*"A Sticker is a type of a label. Often it is a piece of paper or plastic, sticky on one side, and usually with some pattern on the other. See for yourself..."*

- Museu e Galeria HATCH Sticker, Berlim -

Antes de iniciar a pesquisa visual, era importante entender o conceito de autocolante e as suas particularidades, de modo a oferecer uma base e um critério de rigor na interpretação dos autocolantes recolhidos para a pesquisa visual.

O autocolante é todo e qualquer pedaço de papel, plástico e vinil com elementos gráfico impressos, seja em forma de fotografia, tipografia ou ilustração, num dos lados e que no oposto adere a uma superfície sem necessidade de humedecer graças a uma substância química adesiva. Os autocolantes podem assumir uma ampla gama de cores, formas e tamanhos e podem ser colocados em diferentes contextos e superfícies (Ball, 2012, tradução livre <sup>1</sup>). Normalmente possui dimensões reduzidas, permitindo a sua impressão numa folha A4 (Rodrigues, 2010, p.14), mas a particularidade mais característica é a sua portabilidade de levar no bolso ou na mão e a acção rápida da sua aplicação, por outras palavras, retirar a protecção da superfície adesiva e aplicar numa superfície (Clough, 2011, p.32, tradução livre <sup>2</sup>). Mesmo não sendo comum em todos os casos, existem autocolantes que possuem a propriedade de serem reposicionados sem perderem a sua adesividade.

Devido ao seu pequeno tamanho e à sua facilidade em colar, possuem uma infinidade de aplicações, fazendo do autocolante uma ferramenta dotada de uma enorme flexibilidade (Clough, 2011, p.33, tradução livre <sup>3</sup>).

---

<sup>1</sup> "Today's sticker labels come in a wide range of colours, shapes and used for a wide selections of applications."

<sup>2</sup> "Perhaps most significantly, the small size of stickers means they can be held in the palm of the hand, carried in multiples, and applied to urban surfaces with quick, subtle movements."

<sup>3</sup> "Stickers therefore enable greater coverage and flexibility within an area due to the subtlety of their application".

## Contexto Histórico e Estado da Arte

Nesse capítulo, procurou-se um rápido enquadramento histórico e contextualização do estado de arte actual do autocolante, visando oferecer uma base ou critério que possa ser instrumental para a concretização das metodologias visual.

O acto de colar um pedaço de papel numa superfície é antigo, e detinha propósitos informativos acerca de um produto ou situação. Ainda hoje associa-se o autocolante a funções meramente informativas. Em ordem de transmitir aos clientes informações sobre ingredientes, benefícios e cuidados no consumo, autocolantes se tornaram mais integrados à particularidade de transmitir ideias e informações. Trata-se de uma ferramenta gráfica comunicativa.

A evidência arqueológica mais antiga do uso de um papel colado numa superfície data-se no antigo Egípto. Os antigos egípcios usavam uma espécie de papel primitivo para anunciar informações acerca dos seus produtos no mercado. No século XIX, Sir Rowland Hill, no ano de 1839, inventou o que é hoje conhecido como selos postais. Nesse mesmo século, na Holanda, os comerciantes de pomares, devido à concorrência alta, usavam e colavam papel nas caixas dos seus produtos de modo a distinguir dos demais concorrentes e atrair e informar os clientes.

No século XX, R. Stanton Avery inventou uma máquina de produção que produzia uma película que adería e podia ser reposicionada sem perder a adesividade. Foi algo revolucionário e os autocolantes podiam ser pré-recortados. Nessa fase foram utilizados com propósitos industriais e comerciais, isto porque o autocolante permitia uma rápida transmissão de informação. Antes de R. Stanton Avery, usava-se a técnica de impressão litográfica para produzir papel adesivo, na qual eram bastantes complexos e caros de produzir, apesar dos graduais avanços tecnológicos no século XIX, como o surgimento de autocolantes coloridos e atractivos.

No entanto nos anos 30, os autocolantes foram sujeitos a uma mudança no seu design face à Grande Depressão. As imagens com ilustrações, detalhes e grafismos, foram substituídos por textos e informações mais objectivas e precisas face ao conteúdo, isso porque os clientes, em dificuldades face à crise económica, queriam a certeza de que compensava a compra do produto. Os autocolantes começaram como uma ferramenta prática com fins comerciais pelas corporações e propostas de branding, informações e promoção de negócios, como uma imagem ou logótipo impresso num autocolante. Ao mesmo tempo, as crianças usavam os autocolantes fascinadas com as suas cores e formas.

Os autocolantes, atendendo à natureza gráfica impressa, possuem diferentes funções e prioridades em diferentes contextos.

Os autocolantes informativos assumem funções ou prioridades mais funcionais sobre um produto ou situação, com a particularidade de transmitir ideias e informações de uma forma clara, objectiva e simples.

O autocolante num contexto comercial e publicitário é utilizado para fortalecer um contacto directo entre o produto/empresa e o cliente, levando-o a acreditar que ele é importante e faz parte do crescimento da empresa, segundo Brunfaut (2014). Ao oferecer uma maior interacção, fortalece-se uma maior relação com o cliente. Em outro sentido, muitas empresas usam o autocolante como uma forma de se promoverem com o seu logótipo impresso em diversos suportes, dando às pessoas uma apresentação informal.

“A utilização de autocolantes em suportes de comunicação é recorrente, principalmente com o intuito de fazer sentir ao utilizador que faz parte do desenvolvimento do artefacto” (Moreira, 2015, p. 38). O autocolante, devido à sua maleabilidade oferece uma ampla gama de opções tais como “completar informações, gerar uma nova identidade, reorganizar conteúdos, personalizar, a sensação de “autoria” por parte do utilizador ou resultados inesperados” (Moreira, 2015, p. 38). O facto de a sua aplicação ser flexível, isto é, a possibilidade de este ser aplicado em qualquer superfície, provoca uma sensação de pertença no utilizador, criando uma relação de proximidade entre a pessoa e o artefacto.

Os autocolantes urbanos/artísticos possuem a intenção de comunicar com as pessoas numa situação fora do contexto artístico e/ou de se apresentarem. Pode ser colocado em qualquer lado, pois o material é flexível, pequeno e não há um risco de apreensão grande, pois a intervenção é rápida. Para além disso, é uma forma acessível e barata, pode-se imprimir em grandes quantidades em casa e é fácil de transportar, o contrário se vê em outras formas de arte urbana, como latas de stencil (Clough, 2011, p. 7-8, tradução livre <sup>1</sup>), de os artistas urbanos de se expressarem e criticarem a sociedade. Por esses factores, a sticker art acaba por ser uma forma democrática de arte urbana. Esses autocolantes se apresentam com formas figurativas simples, com o texto a assumir formas pictóricas e possuem traços poucos elaborados e de fácil entendimento para as pessoas (Rodrigues, 2010, p.18, e Clough, 2011, p. 42, tradução livre <sup>2</sup>). É comum a troca desses mesmos autocolantes e formas de colecionismo, por causa do seu pequeno tamanho.

---

<sup>1</sup> "...the simple, quick action of putting up a sticker is inconspicuous and therefore carries much less risk than other forms of street art...Artists can prepare hundreds of stickers in the comfort of their own home, and carry some around in their pocket at all times."

<sup>2</sup> "Most sticker artists therefore focus on image-based designs, due to the necessity for quick and efficient communication to the viewer."

## Exemplos Práticos

Após a breve introdução do estado da arte do autocolante, era importante referir exemplos práticos na qual o autocolante é um elemento gráfico adicional para um objecto físico como o livro e os possíveis efeitos da sua aplicação.

É comum a aplicação do autocolante em suportes físicos. Os mais comuns suportes físicos são as cadernetas, que normalmente possuem um layout equilibrado sem os autocolantes. No entanto à medida que é preenchida, a caderneta assume um visual mais pesado e substancial, perdendo a neutralidade que outrora tinha (Figura 4-5). As cadernetas são concebidas especialmente para a aplicação dos autocolantes numa zona específica. Todavia, existem exemplos práticos do uso do autocolante como elemento de interacção em suporte portáteis que visam incentivar o inesperado.



FIGURA 4



FIGURA 5

FIGURA 4

Caderneta de Cromos com a temática do Futebol.

FIGURA 5

Caderneta de Cromos com a temática de Pedras Preciosas.

O flyer concebido por André Cruz em função do evento “Curtas - Short Film Festival 2011”, faz uso de autocolantes. Com o uso de adesivos, o utilizador resolve um puzzle cujos elementos podem ser reposicionados e assim a mensagem é decifrada (Figura 6-7).

FIGURA 6 e 7

Flyer “Curtas de Vila do Conde” concebido por André Cruz (2011).



FIGURA 6



FIGURA 7

O álbum do músico Beck, “The Information”, oferece ao utilizador a possibilidade de este criar a sua própria capa com autocolantes pré-concebidos (Figura 8). Concebido pelo estúdio Big Active, o disco é constituído com uma capa em branco e quatro folhas com autocolantes um total de 250 autocolantes, o utilizador cria uma interpretação das músicas do artista. (Figura 9-10)

FIGURA 8

Autocolantes do álbum “The Information”, concebido pelo estúdio Big Active (2006).



FIGURA 8

FIGURA 9 e 10

Álbum “The Information”, do músico Beck, concebido pelo estúdio Big Active (2006).

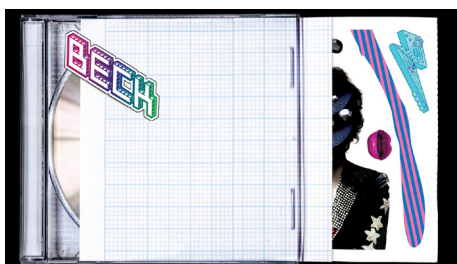


FIGURA 9



FIGURA 10

FIGURA 11

Livro “I want the title of this book to be...” concebido por H55 Studio (2001)

Essas mesmas experiências interactivas também são visíveis nos exemplos editoriais “I Want this Book to Be...” (Figura 11) e “Hands On” (Figura 12-13). Esses projectos transpõe o conceito para o próprio livro. Ambos os projectos editoriais apenas são completados com a intervenção do utilizador. No primeiro caso, os autocolantes se apresentam assumindo a forma de caracteres e o utilizador usa-os para decidir o título e o conteúdo do livro. No segundo caso, os autocolantes são tratados como legendas concebidas para o utilizador colocar na página certa, completando o livro.

FIGURA 11 e 12

Livro “Hands On” (2012)

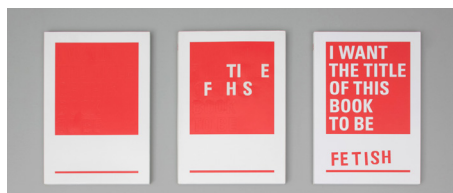


FIGURA 11



FIGURA 12



FIGURA 13

Num projecto editorial concebido por Bjorn Borrís Peters, “DATA PILOT - Sticker Compilation”, brinca com o facto de que alguns conteúdos no livro podem ser compreendidos de uma forma mais facilitada e rápida colocando autocolantes ao lado de um texto (isto porque a relação entre ambos os elementos acaba por ser fortalecida) do que ler um texto de uma forma tradicional (Figura 14-15).

FIGURA 14 e 15

Livro “DATA PILOT - Sticker Compilation” concebido por Björn Borrís Peters (2006).



FIGURA 14

FIGURA 15

Existem livros infantis que usam o autocolante, como os livros da editora La Zoo e da empresa de brinquedos Melissa & Doug. No primeiro caso, a criança é incentivada a colocar autocolantes, de uma forma objectiva, (isto é, colocar adesivos numa área específica) para criar conteúdo (Figura 16-17). No caso da editora Melissa & Doug, a criança usufruí uma maior liberdade. A empresa dedicada à produção de brinquedos para crianças lançou livros, de diversas temáticas como o mundo citadino, o mundo animal, a vida doméstica, o rosto humano, etc, que fazem uso do autocolante como elemento que permite criar histórias, cenários, personagens e situações (Fig.18-19-20).

FIGURA 16 e 17

Livro “Stickers! An Activity Book with Stickers” (2010)

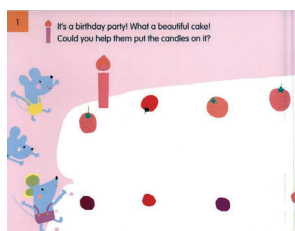


FIGURA 18

Artefacto “Reusable Sticker Pad - Vehicles” (s.d.).

FIGURA 19

Artefacto “Make-a-Face Crazy Animals Sticker Pad” (s.d.).

FIGURA 20

Artefacto “Make-a-Face Sticker Pad - Sparkling Princesses” (s.d.)

FIGURA 16

FIGURA 17



FIGURA 18

FIGURA 19

FIGURA 20

FIGURA 21

Livro "FUSSBALL-WM 1974" (2006).

O uso de autocolantes já concebidos também podem ser utilizados como conteúdo para um projecto editorial. Foi o que aconteceu com Dino Simonett, quando este tinha nove anos de idade e decidiu criar o seu próprio álbum de autocolantes, criando hierarquias, layout e conteúdo. Esse álbum possuía autocolantes de futebolistas participantes na X edição do campeonato do mundo de futebol realizado na Alemanha Ocidental em 1974. Anos mais tarde fora feita uma cópia exacta desse mesmo álbum e publicado em 200 cópias intitulado de "Fussball - WM 1974" (Figura 21).



FIGURA 21

## Recolha de Dados

Finda a fase de investigação acerca do autocolante e seu estado de arte, iniciou-se assim a recolha de exemplos. Procurou-se registar o máximo de exemplo, quer em casa do autor, quer pelas ruas na qual este se encontrava-se.

A grande maioria dos registos dos exemplos de autocolantes deu-se principalmente nas ruas da cidade do Grande Porto e na cidade natal do autor, Paredes, a freguesia de Senhora da Hora, Matosinhos e estações de comboio e metro. A actividade dos registos deu-se em 4 dias alternados, de dia.

Os autocolantes aplicados num ambiente urbano, passam despercebidos isto porque “...nós simplesmente não vemos autocolantes... as pessoas convivem com os autocolantes todos os dias, mas a maioria passam despercebidos até que alguém os apontam...os autocolantes não parecem figurar na atenção do público em geral” (Clough, 2011, p. 9-10, tradução livre <sup>1</sup>). É por esses motivos que é surpreendente apontar o elevado número de exemplos de autocolantes que podem ser encontrados numa rua.

Com a recolha dos autocolantes terminada, totalizou-se um total de aproximadamente 200 autocolantes diferentes, sendo os mais comuns, autocolantes urbanos. Os autocolantes publicitários também se registaram em grande quantidade, no entanto a maioria são repetidos, o que não surpreende, porque a repetição permite um aumento da sua visibilidade. Já mais raros são autocolantes concebidos para cadernetas. Os autocolantes concebidos para transmitir informações, foram, na maioria, encontrados em espaços movimentados e pontos sociais como estação de comboios e de metro ou estabelecimentos e hotéis.

---

<sup>1</sup> “...we simply don't see stickers... people coexist with stickers every day, but most were totally unaware of their existence until I pointed it out...Stickers don't seem to figure on the radar of the general public...”

## **METODOLOGIAS VISUAIS**

## Introdução às Metodologias Visuais

Segundo Almeida (2012), o uso de metodologias visuais, utilizadas nas ciências sociais para examinar dados visuais, podem ser benéficos ao designer para o trabalho e para a análise da cultura visual. De acordo com Noble e Bestley (2005), a articulação e os processos das metodologias visuais podem manifestar-se nos seguintes modelos:

Pesquisa sobre Design: Estudo da história do design, estilos, influências, modelos e abordagens. O objectivo principal é compreender um contexto a partir de diferentes perspectivas, como a crítica ao design e a pesquisa histórica.

Pesquisa no Design: Exploração de métodos e práticas do design, incluindo testes e experimentos visuais. Esta pesquisa centra-se tanto na compreensão do próprio processo de design como no desenvolvimento de novos projectos ou métodos.

Pesquisa através do Design: A pesquisa através do design envolve o desenvolvimento de novos artefactos, dos quais o objectivo é comunicar visualmente novos conhecimentos, mas a prática não está no centro de todo o processo de pesquisa. O design gráfico é como um instrumento para investigar e articular uma determinada área do assunto, que pode estar fora do campo do design - como tal, este modelo de pesquisa de design incluiria mapeamento, concepção de informação e abordagens editoriais para visualizar e categorizar dados.

Essas formas de metodologias visuais ou processos visuais visam estabelecer conexões entre fragmentos identificáveis como forma, cor ou contexto. Começa-se ao acumular e organizar “peças de puzzle” de acordo com categorias, e dessa forma estabelece-se agrupamentos que partilham uma característica em comum. No caso da “peça de puzzle”, categoriza-se de acordo com a cor, tonalidades, formas ou bordas (Almeida, 2012, p. 88, tradução livre 1), no entanto “isso significa que há metodologias que são mais equiparadas para responder a algumas pesquisas que outras, dependendo da quantidade ou da natureza dos dados visuais, que vão desde fotografias, pinturas, publicidade, revistas e jornais, filmes e outros...”, “no entanto, cada pesquisa é única para pesquisadores, como para os designers, que devem ser capazes de responder de uma forma crítica em termos metodológicos para as especificidades do problema que estão confrontando” (Almeida, 2012, p. 93, tradução livre 2 3).

---

<sup>1</sup> "We start by organizing pieces according to categories, that is by grouping pieces which share the same characteristics. For example colours, tones, borders, corners, and so on..."

<sup>2</sup> this means that there are methodologies better equipped to respond to some research situations than others, depending on the amount and nature of the visual materials involved, ranging from photographs, paintings, advertisements, magazines and newspapers, films and others..."

<sup>3</sup> "...however, each research case is unique to researchers, as well as designers, should be able to respond critically in methodological terms to the specificities of the problems they are dealing with..."

Por conta desse aspecto, os designers podem desenvolver a sua própria metodologia desde que seja adequada à proposta da pesquisa do objecto de estudo em questão.

Ao usar uma metodologia visual, é importante surgir uma proposta de uma narrativa coerente que explica relações e que argumenta ideias conclusivas, isto porque, segundo Rose (2007) clareza tem benefícios.

## **Análise dos Dados**

Depois da introdução às metodologias visuais, o estado de arte do autocolante foi atendida como base interpretativa para o desenvolvimento das metodologias visuais. Os autocolantes possuem elementos ou factores-chaves que se diferenciam entre si como a forma, a informação impressa e o propósito. As metodologias visuais são importantes para obter uma interpretação segura face ao objecto de estudo em questão, atendendo à dificuldade do aluno em encontrar referências bibliográficas que abordam o autocolante de uma forma geral.

Face à natureza visual dos exemplos recolhidos, a interpretação visual irá assumir-se numa categorização dos dados, usando um sistema de comparação. Segundo Ian Noble e Russel Bestley (2005) ao separar e estabelecer uma comparação dos dados estes interligam-se em oposição mútua estabelecendo as diferenças entre si criando, dessa forma, significado.

Essa mesma interpretação irá, posteriormente no trabalho prático, servir como uma base comparativa perante à recontextualização que os autocolantes irão ter no trabalho prático.

## Desenvolvimento da Categorização

A pesquisa visual e os conceitos-chaves a respeito do autocolante permitiu definir algumas diretrizes quanto à categorização do adesivo, como a forma, propósito, ou informação impressa. A forma não é um aspecto chave conclusivo, isto porque os autocolantes recolhidos continuam a ser vastos e de diferentes naturezas. Com isso a tabela fora concebida atendendo a natureza gráfica impressa e o propósito dos autocolantes.

Desse modo concebeu-se quatros grupos principais dos autocolantes:

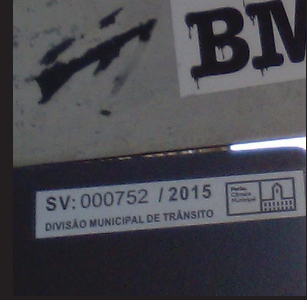
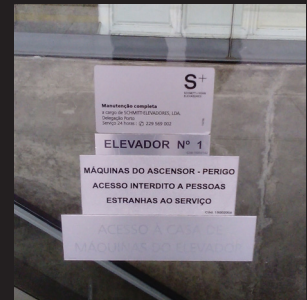
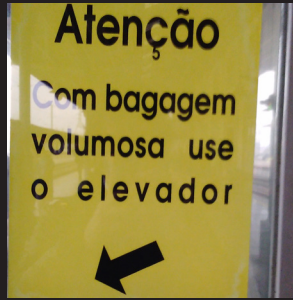
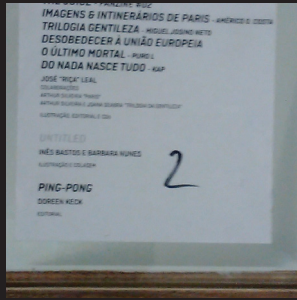
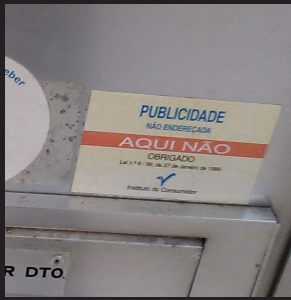
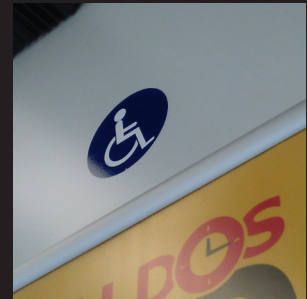
- Informativos;
- Publicitários;
- Artísticos/Urbanos;
- Autocolantes concebidos para cadernetas.

Como explicado anteriormente, autocolantes informativos assumem funções ou prioridades mais funcionais sobre um produto ou situação, transmitindo informações de uma forma objectiva. Os autocolantes publicitários assumem um propósito com intenções comerciais, divulgação de negócios ou ferramenta como forma de se promoverem. Os autocolantes artísticos e interventivos possuem a intenção de provocarem ruído e forma de manifestação e protesto. Apesar de aplicados um contexto diferente, os autocolantes para as cadernetas não perdem o entendimento do seu propósito original, isto é, mesmo aplicado num ambiente urbano, percebe-se que estes são concebidos para serem aplicados numa caderneta.

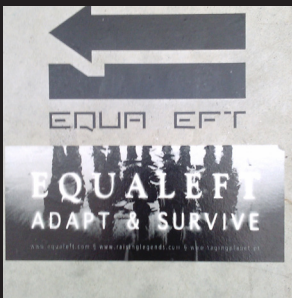
## **CAPÍTULO 2: TRABALHO PRÁTICO**

## **CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS**

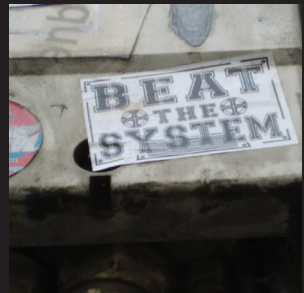
# Informativos



# Publicitários

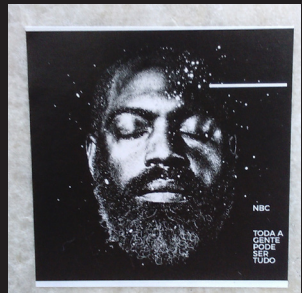
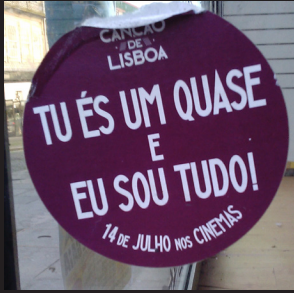




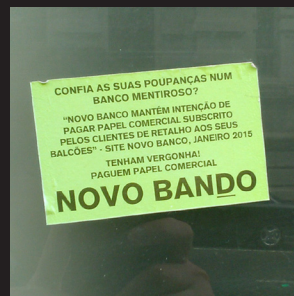


26



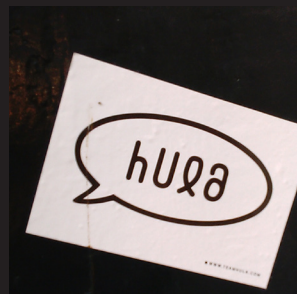


# Artísticos / Urbanos



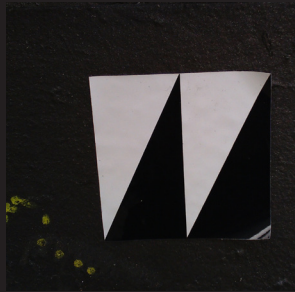
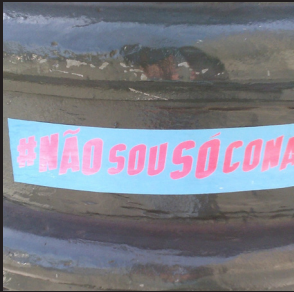






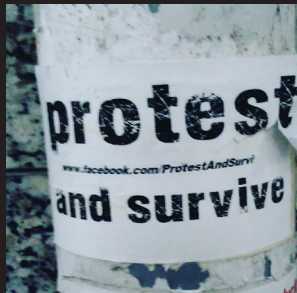






34





# Autocolantes Concebidos para Cadernetas



**DESENVOLVIMENTO  
DOS AUTOCOLANTES**

## Reprodução dos Autocolantes

Com o uso de *softwares* necessários, como *Adobe Illustrator*, *Adobe Photoshop* e *Adobe InDesign*, os autocolantes fotografados foram reproduzidos procurando a máxima fidelidade gráfica. Por motivos de gestão de tempo e face aos desafios, autocolantes com elementos gráficos e composições complexas e demasiados elaborados foram deixados para trás. Com isso reproduziu-se cerca de cento e trinta autocolantes diferentes. Quanto à produção gráfica dos autocolantes, de modo a atender a sua utilização em dez exemplares do mesmo livro e obter as mais variadas recontextualizações, cada um desses autocolantes foram impressos em três a cinco cópias. Ao total, foram impressos cerca de quinhentos autocolantes.

A maioria dos autocolantes têm formas geométricas e estes foram recortados manualmente. Face à dificuldade de recortar e à necessidade de rigor, os autocolantes com formas orgânicas foram impressos à parte, num papel adesivo diferente dos autocolantes com formas geométricas.

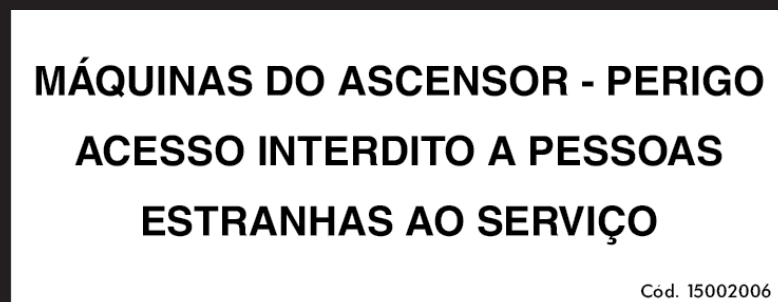
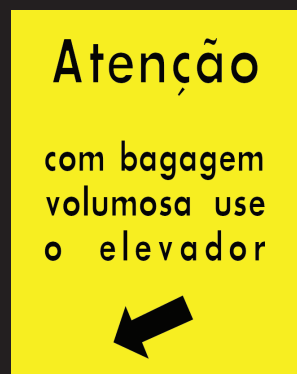
FIGURA 22

Fotografia dos autocolantes impressos, depois de recortados. Fotografia do Autor.



## Galeria e Propósito dos Autocolantes Reproduzidos

O fenómeno da recontextualização só entra em consideração se os seus propósitos originais forem entendidos. Nesta presente galeria, não só iremos apresentar os autocolantes reproduzidos como também o propósito e intenção de cada um deles, à excepção dos informativos. Os autocolantes informativos possuem o seu contexto e o propósito impresso.



Autocolante aplicados na estação ferroviária de Campanhã, perto de um elevador.



Autocolante comumente aplicados nas estações do Metro de Porto, nas escadas rolantes.



Os dois autocolantes à esquerda são comumente aplicados nos comboios urbanos do Porto. Os dois autocolantes à direita são aplicados em produtos, informando dados quantitativos.

**SECURITAS**  
Alameda MMA, Nº 22A, Nº 22B e C



Para sua protecção,  
 este local é objecto  
 de videovigilância.

Responsável pelo tratamento de dados

Art.31º da Lei 342013 de 16 de Maio




**PROIBIDO  
 FUMAR E  
 FOGEAR**



APHORT

**PROIBIDA A ENTRADA A ANIMAIS**

**PUBLICIDADE NÃO ENDEREÇADA**

**AQUI NÃO**  **OBRIGADO**

Lei n.º 6/99, de 27 de Janeiro de 1999

**SV: 000752 / 2015**

DIVISÃO MUNICIPAL DE TRÂNSITO




**NÃO FUMADORES  
 NO SMOKERS  
 NON FUMEURS**

de acordo com o Decreto-Lei nº 22593

Os restantes autocolantes foram aplicados um ambiente urbano, isto é, aplicados em edifícios (quer nas portas, quer nas paredes), em bocas de incêndio e sinais de trânsito.

Os autocolantes publicitários assumem um propósito com intenções para divulgar negócios ou como forma de se promoverem, isto porque, como explicado anteriormente, o baixo custo da impressão do autocolante mais a produção em massa permite uma maior visibilidade.

## DESENTUPIMENTOS ESGOTOS

RALOS • SANITAS • LAVA-LOIÇAS  
ALGEROZES • CHAMINÉ • CANALIZAÇÃO  
FOSSAS • LIMPEZA DE TELHADOS  
**962 384 250**

## TELE DESENTUPIMENTOS ESGOTOS

Sanita • Banheiras • Algerozes  
Lava-Loiça • Ralos • Fossas  
• *Chaminé*  
• *Canalização* Inspeção  
Câmara de vídeo  
Av. Pressão  
**963 767 155**  
**919 013 540** 24H

CONCERTO DE  
ELECTRODOMÉSTICOS  
AO DOMICÍLIO

ORÇAMENTOS  
GRÁTIS

**919556193**

DESENTUPIMENTOS

SimpliEsgotos

**800 917 917**

## S.O.S REPARAÇÕES

224 069 538 / 918 857 346

224 069 538	DESENTUPIMENTOS (Caldeas, Cozinhas, Sanitas, Colunas de fixo, Prumadas e todo o tipo de esgotos.)	FECHADURAS (Reparação-Abertura-Instalação.)	918 857 346
	MÁQUINAS LAVA LOIÇA E ROUPA (Reparação Instalação.)	ESTORES (Reparação Instalação.)	
	ELECTRICISTAS (Reparação Instalação.)	ESQUENTADORES CALDEIRAS (Reparação Instalação.)	
	CANALIZADORES (Reparação Instalação.)		

**918 857 346**

224 069 538 / 918 857 346

## LENHAS

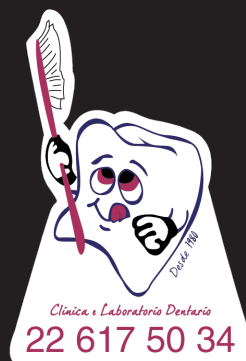
PARA  
LAREIRAS,  
RECUPERADORES,  
SALAMANDRAS, ETC.

**917 233 217**  
**229 885 581**

GoPro  
Be a HERO.

INDICADO PARA  
O MELHOR  
PADRINHO DO MUNDO!

**dream  
pills**



## DESENTUPIMENTOS ESGOTOS 24H

COZINHAS • LAVA-LOIÇAS • MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA • SIFÃO  
SANITAS • BANHEIRAS • BIDÉS • COLUNAS • CONDUTAS DE LIXO  
LIMPEZA DE TELHADOS • LIMPEZAS DE CHAMINÉS • ALGEROZES  
CALDEIRAS • CAIXAS • MAUS CHEIROS • FOSSAS • MONTAGEM DE  
BOMBAS • FILMAGEM DE INTERIORES DE TUBAGENS

**963 710 591**  
**915 479 034**

## RESTAURO DE MÓVEIS

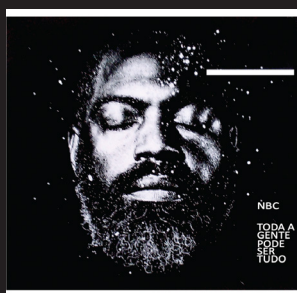
RESTAURAMOS E RECUPERAMOS MÓVEIS ANTIGOS, ESTRAGADOS,  
COM DEFEITOS OU QUE SOFRERAM ALGUNS DANOS.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

**968 735 231**



Autocolante do grupo Hip Hop Com Sentido, que tem, como fundamento a divulgação do movimento hip hop, desde o trabalho dos artistas a eventos.



Autocolante do artista musical NBC (aka) Natural Black Color, usado como divulgação do seu disco, "Toda a Gente Pode Ser Tudo".



Autocolante do artista musical Dom Rubirosa, usado como divulgação do seu disco, "A Tua Mãe Curte-me Tótil".



Autocolante usado como divulgação do grupo musical Sentido Único.



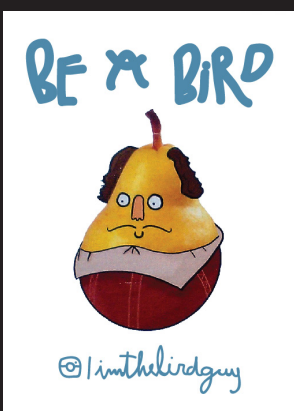
Autocolante usado como divulgação do filme realizado por Pedro Varela, A Canção de Lisboa (2016) e remake do filme homónimo realizado por José Cottinelli Telmo (1933).



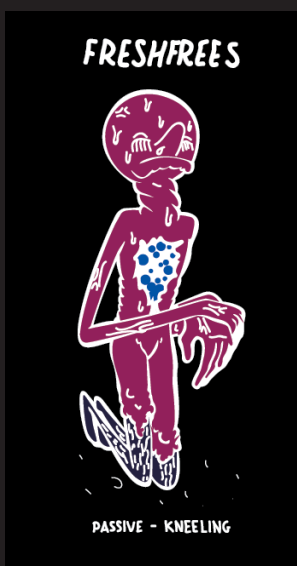
Autocolante usado como divulgação do Mix "Amantes do Trance", do DJ Saykou.



Autocolante de intenções desconhecidas. Fora categorizado como publicitário dado a presença de endereço de facebook.



Autocolante usado por Diogo Seabra, ilustrador, como forma de promover e divulgar o seu trabalho.



Autocolante usado pelos Fresh Frees, um grupo de ilustradores que vende camisolas com as suas ilustrações estampadas.



Autocolante usado perante o desagrado ao investimento imobiliário focado no turismo e nos negócios, deixando para trás os habitantes locais e a cultura local, de acordo com um manifesto<sup>1</sup> colado numa montra, na rua 31 de Janeiro, Porto.



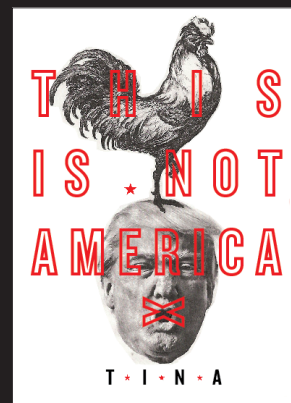
QUERO QUE  
ME QUEIXAS...

[facebook.com/HeroiDeRua](https://www.facebook.com/HeroiDeRua)

Autocolante usado pelo artista urbano Herói de Rua.



Autocolante usado pelo grupo feminista InversaMente<sup>2</sup>, que visa proteger sobre a forma de desafio a mulher face ao assédio sexual. Segundo o mesmo grupo: <<Um grupo de homens passou por nós e um deles gritou: "Que conas bonitas!". Como estou a tentar uma estratégia de confrontação, virei-me na direcção dele e gritei "Não sou só cona!!!"... O que digo quando grito "Não sou só cona"? Que sou uma pessoa (não interessa se mulher, homem, bonita, feia, magra, gorda,...). Sou muitas coisas mas nunca uma cona>>.



Autocolante usado pelo T\*I\*N\*A, projecto independente de Arte e Design. O autocolante trata-se "de uma reinterpretação assumida da simbologia norte-americana, esta identidade reflecte uma dimensão crítica nacional, com a introdução do galo caseiro em substituição da água americana."<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Ver em anexos: "Cidade do Porto (em saldo para camones e ricos)".

<sup>2</sup> InversaMente é um colectivo feminista fundado em Outubro de 2015 e é constituído por 5 mulheres.

InversaMente é também uma plataforma para partilhar eventos, procurando o questionamento e a procura de soluções feministas. Informações retiradas no site do grupo em Dezembro 23, 2016 em <http://inversamente.wixsite.com/inversamente/blank-1>

<sup>3</sup> Retirado em Dezembro 23, 2016 de <https://www.facebook.com/This-is-not-America-169299663263609/>

**CONFIAS AS SUAS POUPANÇAS NUM  
BANCO MENTIROSO?**

**"NOVO BANCO MANTÉM INTENÇÃO DE  
PAGAR PAPEL COMERCIAL SUBSCRITO  
PELOS CLIENTES DE RETALHO AOS SEUS  
BALCÕES" - SITE NOVO BANCO, JANEIRO 2015**

**TENHAM VERGONHA!  
PAGUEM PAPEL COMERCIAL**

**NOVO BANDO**

Autocolante usado pelos lesados do Banco Espírito Santo, mostrando a sua desconfiança face à solução proposta do Novo Banco.

**THIS IS  
435ISM**

Autocolante usado pelos The 435ism, um grupo de artistas graffitis urbanos, como forma de assinatura.

**J'EXISTE.**



Autocolantes concebidos e usado pelo belga Thierry Jaspert, sob o pseudónimo de Andallitha. Segundo o próprio, não tem a intenção de chamar a atenção, de surpreender ou incitar uma reflexão. A intenção é gritar a sua existência<sup>1</sup>. Desconhece-se se o segundo autocolante possui alguma relação com o jornal generalista francês publicado de entre 1930 a 1944.

**O PEDRO ARROJA  
JÁ ENOJA**



Autocolante usado como objecto de manifestação contra as afirmações do economista e comentador Pedro Arroja financiado por um "grupo de amigos". Segundo este mesmo grupo Pedro Arroja "nasceu na espécie errada e no milénio errado. As ideias de antanho que defende sobre família, mulheres, homossexuais, trabalho infantil, povos africanos, mercantilização das eleições, etc. desrespeitam todas as conquistas civilizacionais alcançadas, apoucando a dignidade de milhares de pessoas e ofendendo a democracia"<sup>2</sup>.

**LUTO  
FERROVIÁRIO**



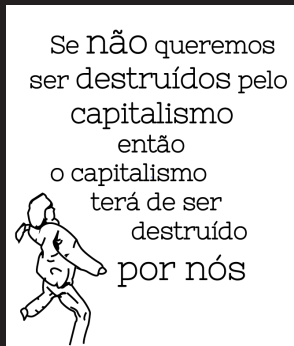
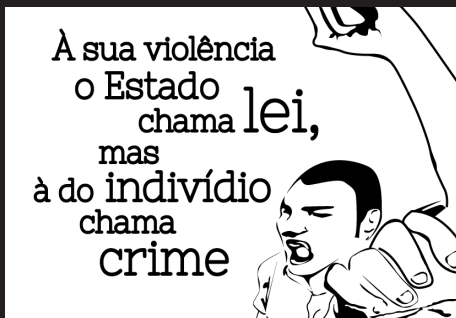
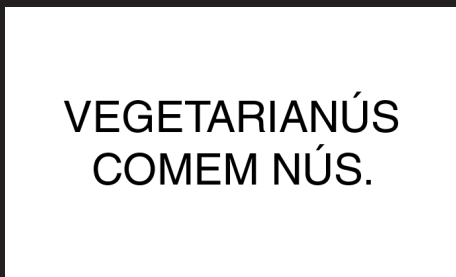
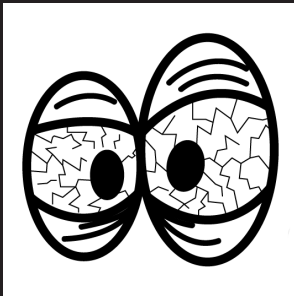
Autocolante usado como manifestação e reclamação por parte dos trabalhadores do sector ferroviário face à redução dos salários e pensões e em especial contra o "processos de privatização, o governo quer destruir todos os direitos contratuais, em particular o direito ao transporte ferroviário de trabalhadores e familiares, existente há mais de 100 anos"<sup>3</sup>, no ano de 2010.

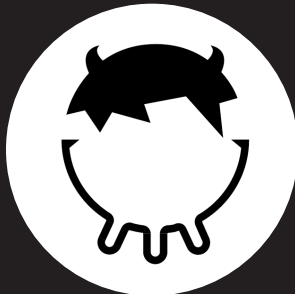
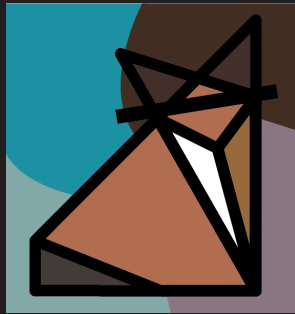
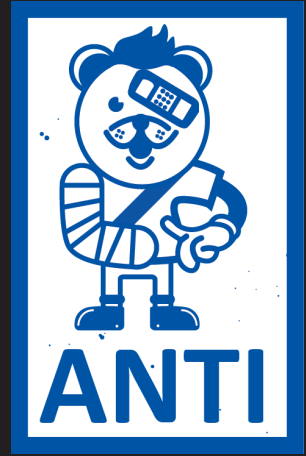
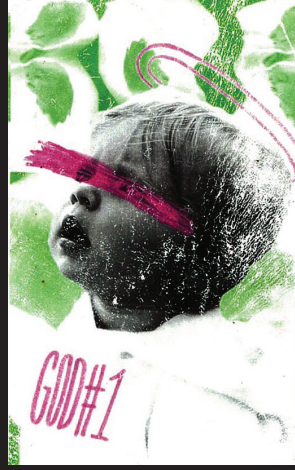
<sup>1</sup> Retirado em Dezembro 22, 2016 de <https://thierryjaspert.wordpress.com/2015/12/24/ni-artistes-ni-vandales-12/>

<sup>2</sup> Para além disso, essas mesmas medidas implicavam a redução do pagamento em trabalhos extras, trabalho em dias de folga e feriados, e uma redução do salário equivalente a 1/4, violando assim as expectativas dos trabalhadores e os Acordos de Empresa livremente assinados companhias e sindicados. Retirado em Dezembro 23, 2016 de <http://webrails.tv/tv/?p=295>

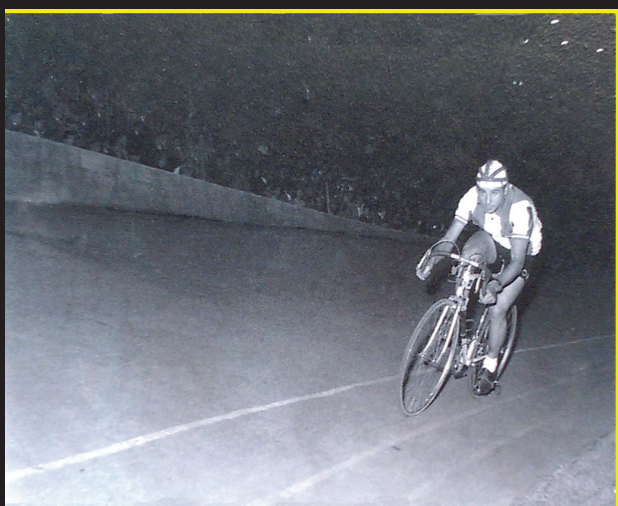
<sup>3</sup> Retirado em Dezembro 23, 2016 de <https://www.facebook.com/O-Pedro-Arroja-j%C3%A1-enoja-475651475970466/>

Os seguintes autocolantes, ao contrário dos anteriores, revelaram-se difíceis de averiguar os seus conceitos e propósitos devido à inexistência de pistas, como texto ou “hashtags” impressos, ou falta de resultados no recorrer na pesquisa.

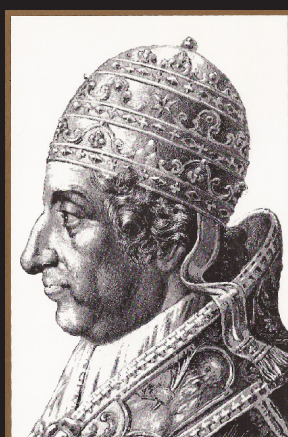
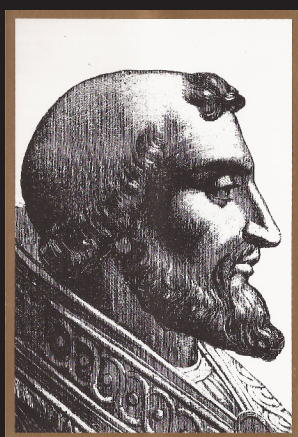




Referente aos autocolantes concebidos para cadernetas, foram encontrados poucos exemplos, quer em casa do autor quer num contexto urbano. Devido ao péssimo estado do autocolante do futebolista Luis “Lucho” González, concebido para uma caderneta em comemoração da conquista do campeonato nacional de 2008/09, encontrado na estação de Campanhã e na dificuldade em encontrar uma fotografia com as proporções certas, este fora descartado.



Autocolantes de um ciclista, em função ao álbum concebido pelo Jornal de Notícias, em comemoração à prova de ciclismo da Volta a Portugal do ano de 2016.



Autocolantes de Papas, do livro de cadernetas “O Grande Livro dos Papas”, promoção do Diário de Notícias, em comemoração da visita do Papa Bento XVI, a Portugal (2010). O livro é uma “fotobiografia que apresenta, de São Pedro a Bento XVI, a vida e o percurso dos sumos pontífices da Igreja Católica ao longo dos tempos”. (10-01) Os seguintes autocolantes foram digitalizados, já que o autor possui o livro completo. Da esquerda para a direita: São Leão IX (1049-1054), Leão X (1513-1521), Clemente XI (1700-1721) e Alexandre VI (1492-1503).

**LIVRO**

## Tema

O texto em si não poderia ser extenso, uma vez que o livro não poderia ter um elevado número de páginas. Um livro com um número considerável de página seria aborrecido para um acto efémero como a aplicação do autocolante. Contudo, o texto tinha que ser extenso o suficiente para fazer dele um pequeno livro. O texto tinha que ter um conteúdo explícito e objectivo, que falasse sobre um determinado tema. A possibilidade de conceber um livro contendo diferentes poemas fora descartada isto porque oferecia uma ideia de aleatoriedade que tornaria o livro confuso para o utilizador.

Com isso, o poema “Ode Triunfal”<sup>1</sup> de Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa, escrito “num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda” (carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais, 1935), foi escolhido, visto que é extenso o suficiente para conceber um livro. O poema, segundo Jacinto Coelho (1987), é dotado de um estilo esfuziante, torrencial, anafórico e exclamativo, invoca um entusiasmo e amor e ao mesmo tempo um desencanto aos tempos modernos, adoptando sempre o ponto de vista do homem da cidade.

O poema do heterónimo de Fernando Pessoa é um elogio à civilização industrial e da técnica, por outras palavras, futurista (“Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!”), escandaloso, sensacionalista (“Sentir tudo de todas as maneiras”), sadista e masoquista (“Rasgar-me todo, abrir-me completamente,/ tornar-me passento...”). O poema, em suma, ““É uma composição irreverente e ostensivamente vanguardista na qual a erotização da relação homem-máquina parece parodiar Marinetti” (Sadlier, 2009, p.38, tradução livre<sup>2</sup>)

A escolha do poema “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos também se deve face à expressividade do poema e do discurso expressivo do sujeito poético.

Álvaro de Campos é o poeta futurista da exaltação da energia, da velocidade e da força da civilização mecânica...Efectivamente, este heterónimo elege como palavra-chave o futuro e escolhe a palavra velocidade como outro seu emblema. Além disso, é um precursor da agressividade estética... opondo ao conceito de beleza eterna a transformação rápida e efémera...num estilo nervoso, pujante e torrencial... (Vaz Pedro, 2010)

Essa expressividade presente nas suas obras se deve à sua proposta de uma Estética Não-Aristotélica, isto é, Álvaro de Campos “propõe uma estética baseada «não na ideia de beleza», ... «mas na de força», aqui assimilada à força vital, poder de integração e de desintegração, ou de reacção e de acção” (Gil, 1986).

---

<sup>1</sup> Ver em anexos o poema na íntegra.

<sup>2</sup> “is an irreverent and ostentatiously avant-garde composition in which the eroticization of the relationship between man and machine that seems to parody Marinetti”.

## Produção Gráfica do Livro

O formato do livro, inicialmente visava oferecer uma quantidade considerável de espaço em branco de modo a não limitar a aplicação do autocolante. No entanto, a aplicação do autocolante sob o texto incita uma maior interferência na leitura, um efeito contrário da monotonia e a previsibilidade dos autocolantes aplicados no espaço em branco. Com um formato mais pequeno, a aplicação do autocolante é mais condicionada e forçada a interferir sobre o texto.

FIGURA 23

Livros na sua impressão e acabamentos finais. Fotografia do Autor.



FIGURA 23

Como o livro se trata de um objecto alvo de experimento, não era prioridade concebê-lo com os máximos cuidados e atenção, da mesma maneira que um produto final é. Todavia, era importante a presença de uma base ou princípios que permitiria dar forma ao livro. Ao consultar livros desenvolvidos por John Kane (2012) e Josef Müller-Brockmann (2012) e segundo estes, os layouts (apresentado nos seus livros) devem ser entendidos como sugestões, e não como soluções finais, na qual o designer deverá fazer a sua escolha. Ao compor um layout, a primeira coisa a ser levantada em conta é a forma e o tamanho da página. O formato do livro assume as medidas de 150 mm x 212 mm, seguindo as proporções segundo a fórmula da secção áurea (Figura 24).

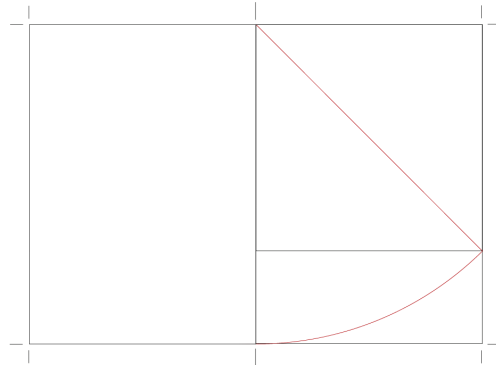


FIGURA 24

Tamanho da página e suas proporções. Gráfico concebido pelo Autor.

FIGURA 25

Mancha de texto concebida para o livro. Gráfico concebido pelo Autor.

FIGURA 24

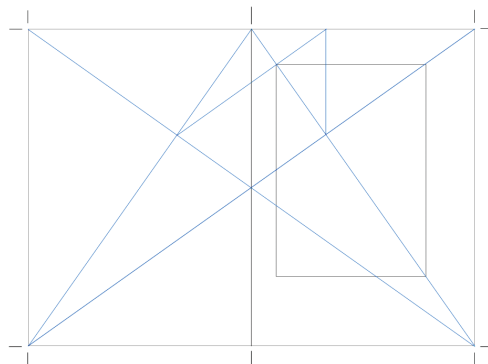


FIGURA 25

A secção áurea existe como modelo de proporção desde os tempos clássicos, apesar de que, segundo Kane (2012), a sua relação com o design gráfico contemporâneo tornou-se enfraquecida após a implementação do sistema ISO. A mancha de texto segue o padrão Van de Graaf (Figura 25). Este método “é usado para dividir a folha em proporções agradáveis. O padrão funciona com qualquer relação entre altura e largura da folha e permite ao designer posicionar a mancha de texto criando margens funcionais...” (Ambrose, & Harris, 2007, p.17, tradução livre <sup>1</sup>).

A fonte usada é a Garamond. É devido à sua clareza e harmonia que a fonte foi escolhida, procurando uma leitura confortável.

---

<sup>1</sup> “...is a method used to divide book pages in pleasing proportions. The canon works with any page width, height ratio and allows a designer to position a text block so that page are maintained while creating functional margins...”

## TRABALHO PRÁTICO

Com os livros e os autocolantes prontos, seguiu-se à fase final do projecto prático. Essa mesma fase consistia em aplicar os autocolantes no livro.

Tendo um total de dez livros impressos e acabados, e deixando um à parte para comparação directa, os autocolantes foram aplicados em nove deles. Estes foram aplicados em função do discurso e da acção do sujeito poético ou palavras-chaves do poema que poderiam estabelecer uma relação com o contexto do adesivo. A aplicação fora um pouco meticulosa e procurou-se o cuidado em não obstruir demasiado elementos e palavras chaves do texto. Por isso, de modo a obter resultados e uma leitura clara, a aplicação dos autocolantes fora decidida que não mais que dois ou três autocolantes na mesma página. Como explicado anteriormente, cada um dos autocolantes foram impressos em cópias de três a cinco cópias, isto porque, procurou-se aplicar o mesmo autocolante em diferentes páginas e diferentes livros, de modo a obter resultados diferentes. Dessa forma procura-se obter as diferentes recontextualizações que o texto fora sujeito.

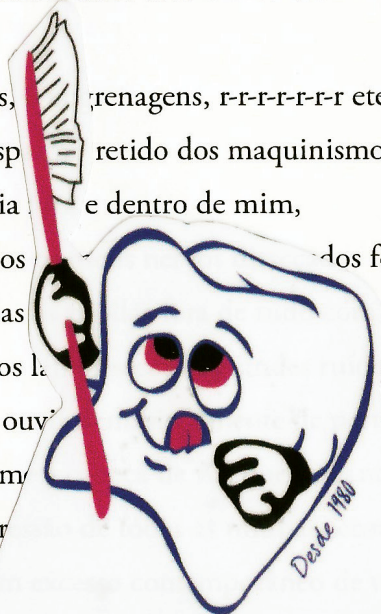
Neste capítulo irão ser apresentados as digitalizações das páginas dos respectivos nove livros que foram alvos da aplicação do autocolante. Os autocolantes foram aplicados em cada um desses livros seguindo uma intenção, como enriquecer e adicionar informações. O primeiro autocolante de cada livro fora aplicado em textos ou páginas com elementos mais sugestivos e daí aplicar os restantes em função da ideia gerada na primeira aplicação, procurando criar uma história consistente dessa nova versão do livro. Com isso, nas próximas páginas, antes da apresentação das páginas dos livros, uma pequena introdução resume a recontextualização do livro, e um breve texto exemplifica e explica as recontextualizações ou “diferentes” leituras resultantes que cada uma das páginas foram alvo com os autocolantes.

**LIVRO 1** O autocolante aqui presente estabelece uma ligação com a palavra “dentes”, sugerindo que o sujeito poético sofre de alguma doença ou mal nos dentes.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, renagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espantado retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria dentro de mim,  
Por todos os lados fora,  
Por todas as partes que eu sinto!  
Tenho os lábios e os dentes modernos,  
De vos ouvir e sentir,  
E arde-me a boca com um excesso  
De expressão e sensações,  
Com o uso das máquinas!



*Clinica e Laboratorio Dentario*

**22 617 50 34**

A figura na imagem da esquerda, sendo um rosto humano, ilustra o rosto sujeito poético. Já no lado direito, o sentido da satisfação do sujeito (“expressar-me como um motor se exprime”) é largamente reforçado com o autocolante e com o texto nele inserido.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas  
e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir tr... cérebro  
do Ésquilo  
Andam por... estes  
êm...  
Rugindo, r... to,  
Fazendo-m...  
nur...



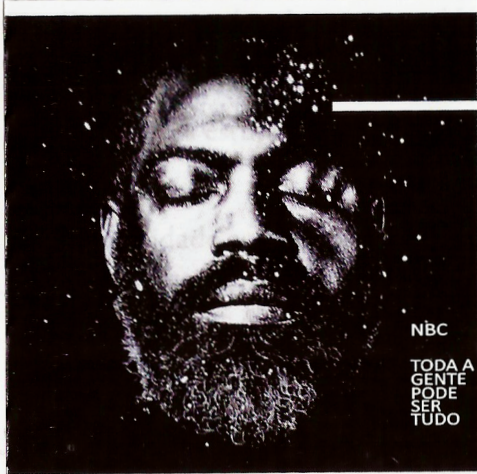
Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,



tamente, tornar-me passento

lores e carvões

ficial e insaciável!

icas!

te

s dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono

das correias de transmissão!

A página da esquerda descreve uma cidade e o autocolante, com a palavra “Paris” acaba por localizar o sujeito poético na capital francesa. No outro lado, a presença de uma imagem ilustrativa, que complementa com o texto do autocolante de Domrubirosa, acaba por dar um motivo de admiração ou exaltação que o sujeito poético expressa pela cidade, sugerindo alegria e uma caminhada pela cidade.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas  
e as chumaceiras do Pro  
Nova Minerva sem-alma dos ca  
Novos entusiasmos de estatura  
Quilhas de chapas de ferro sorr  
Ou a seco, erguidas, nos planos  
Actividade internacional, trans  
Luzes e febris perdas de tempo  
Nos Longchamps e nos Derby  
E Piccadillies e Avenues de L'O  
Pela minh'alma dentro!



Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca  
Presença demasiadamente acentuada das d  
Banalidade interessante (e... be o qu  
Das burguesinhas, mã... filha gen... te  
Que andam na ru  
A graça femin  
E toda a  
E afir



A TUA MÃE  
CURTE-ME  
TÓTIL!

DOM RUBIROSA

(Ah, ...sto tudo!)

[www.facebook.com/domrubirosa](http://www.facebook.com/domrubirosa)  
[www.twitter.com/domrubirosa](http://www.twitter.com/domrubirosa)  
[www.instagram.com/domrubirosa](http://www.instagram.com/domrubirosa)  
[www.youtube.com/domrubirosa](http://www.youtube.com/domrubirosa)  
[www.domrubirosa.com](http://www.domrubirosa.com)

Em ambas as páginas, a presença do autocolante “Je Suis Partout” oferece um sentido de omnipresença ao sujeito poético face à cidade. Entretanto, o autocolante “J’Existe” complementa com o primeiro, dando continuidade e uma ligação entre as duas páginas.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes —  
Duas colunas deles passando para a segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!

Os cartazes

Vients-de-p

Como eu vo

Como eu vo

Com os olh

E com o tac

E com a int

Ah, como to



JE SUIS  
PARTOUT

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

**EXISTE.**

O autocolante da página da esquerda foi aplicado de modo a estabelecer uma ligação com a palavra “carnivorosamente”, sugerindo uma descrição oposta ao texto, funcionando como forma de “comentário” adicional do sujeito poético. Já na segunda página, a presença de um rosto ilustra a mulher citada no texto, enquanto

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.

Amo-vos carnivoramente.

Pervertidamente e enrosca

Em vós, ó coisas grandes, l

Ó coisas todas modernas,

Ó minhas contemporânea

Do sistema imediato do Universo!

Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

**VEGETARIANÚS  
COMEM NÚS.**

que o segundo autocolante, aplicado por cima, provoca um efeito de anonimidade e reacção face aos acontecidos no texto.

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela  
que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.



O primeiro autocolante, com a ponta direccionada a “Platão” e “misericordiosamente”, ilustra a suposta conversa entre Platão e Aristóteles, oferecendo informação adicional. Na outra página, os autocolantes aplicados, quando estabelecidos com palavras associadas com a ideia de fogo, como “fornalhas”, provocam uma ideia contrária face às intenções do sujeito poético.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!

Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!

Eh-lá-hô recomposições ministeriais!

Parlamentos, políticas, relatórios

Orçamentos falsificados

(Um orçamento é um relatório)

E um parlamento é um orçamento

Eh-lá o interesse

Porque tudo é a favor

Até à noite ponte e mar

E o mar antigo e soleado

E sendo misericordiosamente

Que era quando Platão era realmente *Platão*

Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,

E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.



EMPRESTA-ME  
1 EURO?

Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega

duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!



**PROIBIDO  
FUMAR E  
FOGEAR**

s!  
s!  
mos!  
e eu e barulho!  
Derby,  
duas cores!

**USO EXCLUSIVO  
A BOMBEIROS**

O autocolante da página da esquerda ilustra a personagem acidentada e a sua determinação. Já na página oposta, com a presença do texto no autocolante “This Is Not America”, surge como forma de aviso ou implicação de que não é na América onde se situa a acção, mas sim, em Paris.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, cathedrais!

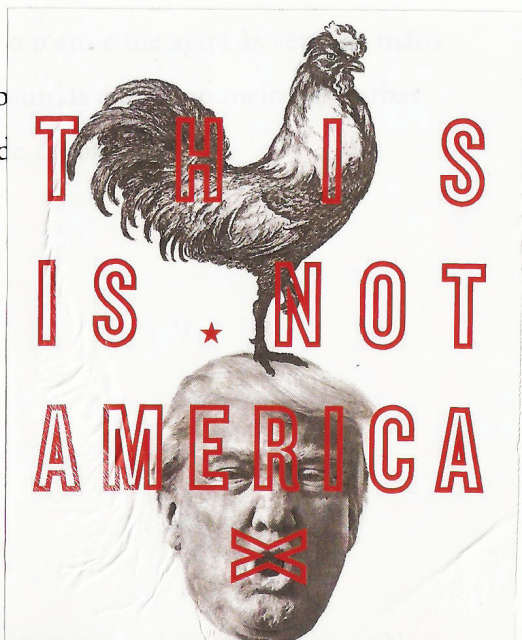
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!

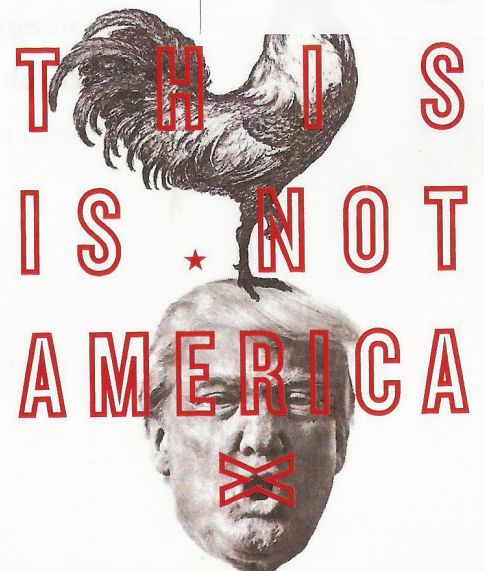
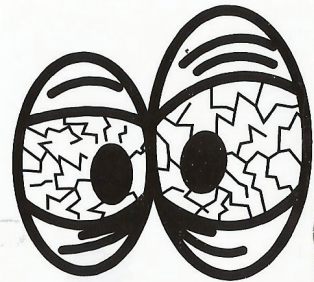


Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo  
e onde eu me posso banhar como queria!  
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro  
Em crispações ab  
Nas ruas cheias d



A repetição, como dito nos anteriores capítulos funciona isto porque aumenta a visibilidade, no entanto neste exemplo em particular estabelece uma ligação forte com a página anterior oferecendo uma continuidade de eventos face à história. A presença dos olhos, substituindo a cabeça do galo, mais a presença de um autocolante alusivo aos negócios de desentupimentos sugere que o sujeito poético

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.  
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães  
Que está abaixo de todos os sistemas morais,  
Para quem nenhuma religião foi feita,  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles!  
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,  
Nem imorais de tão baixos e  
Inatingíveis por todos os pro  
Fauna maravilhosa do fundo  
(Na nora do quintal da minha



T \* I \* N \* A

V \* N \* I \* L

está farto face aos eventos ocorridos nestas páginas e na página anterior e possui a intenção de fazer uma limpeza na cidade.

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de  
    todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
    ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

**DESENTUPIMENTOS  
ESGOTOS**

O autocolante alusivo ao negócio de desentupimentos está colado nos dois lados da página, oferecendo mais velocidade à leitura do artefacto. O autocolante “Luto Ferroviário” reforça o sentido dos desastres mencionados que o sujeito poético decide limpar. Já na página seguinte, com a adição do autocolante do “Herói de

Eh-lá grandes desastres de comboios!

Eh-lá desabamentos de galerias de minas!

Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!

Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,

erações de constituições, guerras, tratados, invasões,

ido, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,

marelos pela Europa,

RALOS • SANITAS • LAVA-LOIÇAS  
ALGEROZES • CHAMINÉ • CANALIZAÇÃO  
FOSSAS • LIMPEZA DE TELHADOS

962 384 250



Rua”, há a ideia de que o sujeito poético está a dialogar com o leitor em tom de desafio, face ao seu desinteresse em fazer uma limpeza.

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,

**QUERO QUE  
ME QUEIXAS...**

[facebook.com/HeroiDeRua](https://facebook.com/HeroiDeRua)

iro,

tes

Nestas duas páginas, o sujeito poético canta, ou expressa, a sua admiração pelas máquinas e tecnologias, mas com a presença do autocolante, acaba por sugerir que está a cantar ao ritmo do hip hop, ou que se trata de uma letra. O canto pode expressar como falta de interesse, manifestado na página anterior.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

O autocolante presente anuncia o fim da história como se trata-se de uma assinatura ou certificado de garantia, afirmando que o sujeito poético terminou (?) o seu trabalho de limpeza.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

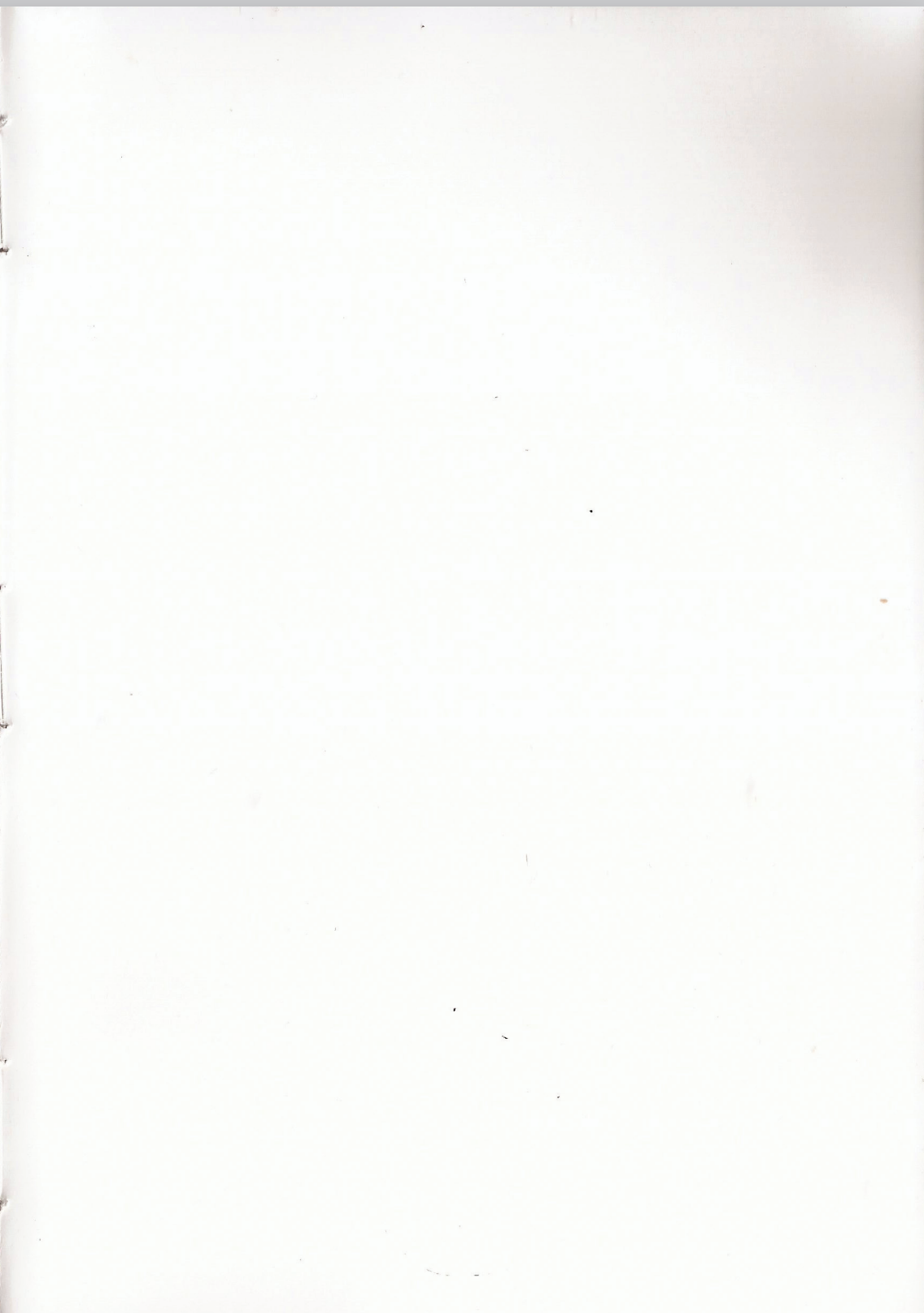
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

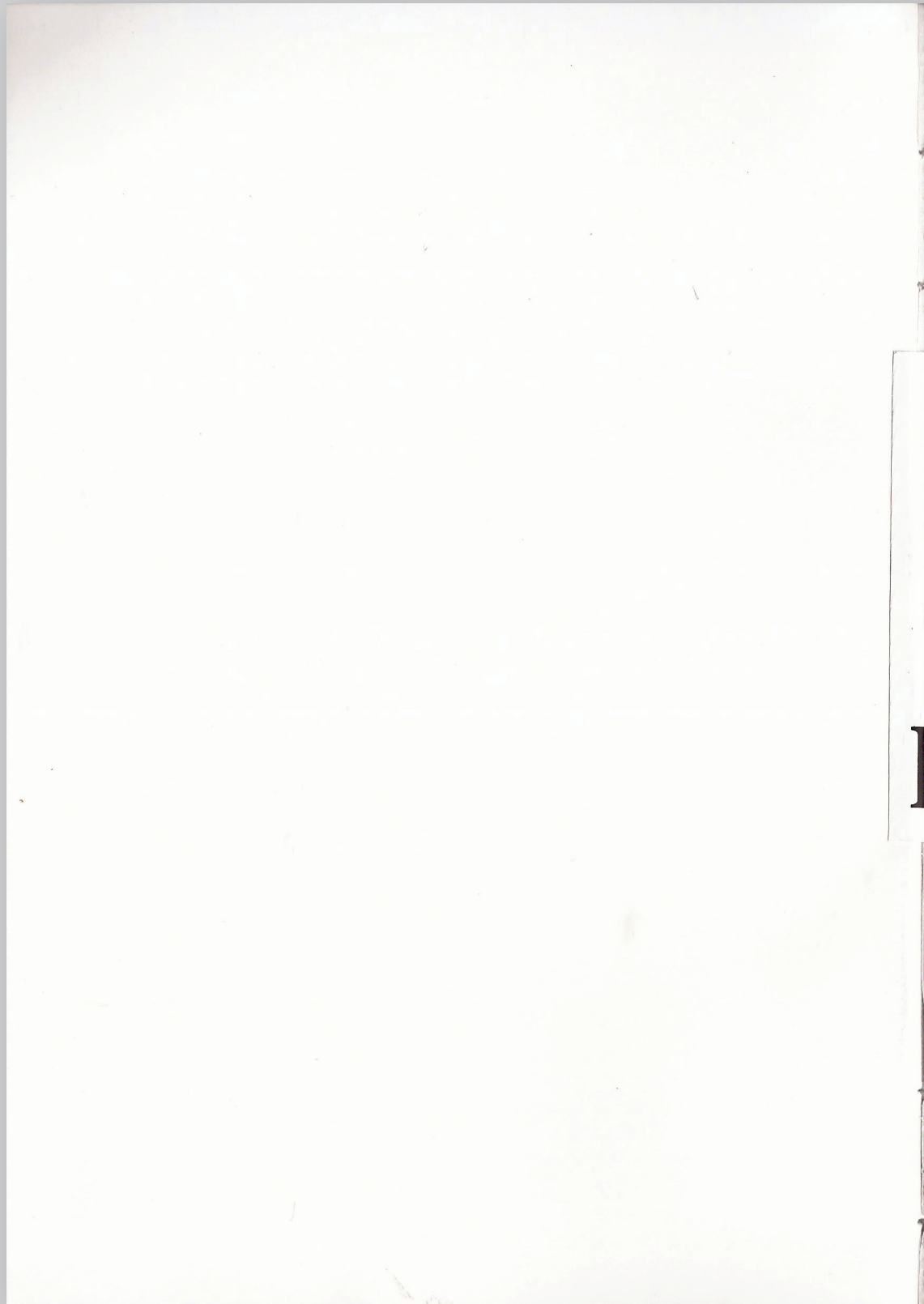
London, 1914 - Junho.

**S+**  
SCHMITT+SOHN  
ELEVADORES

**Manutenção completa**  
a cargo de SCHMITT-ELEVADORES, LDA.  
Delegação Porto  
Serviço 24 horas : ☎ 299 569 002



**LIVRO 2** Face ao espaço e à acção do sujeito poético, com a adição do autocolante, este se encontra contemplando e vivendo o espaço como um todo, afirmando que está “em todo o lado”.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.



r-r-r-r-r-r eterno!  
maquinismos em fúria!  
e mim,  
s dissecados fora,  
de tudo com que eu sinto!  
grandes ruídos modernos,  
mente de perto,  
os querer cantar com um excesso  
minhas sensações,  
aporâneo de vós, ó máquinas!

O acto de escrever segue em continuidade, comparando a fábrica a uma selva. O autocolante “Selva” entra em contexto com “Natureza tropical”, “Grandes trópicos... de ferro e fogo e força” e “Desta flora...”. A sua aplicação no meio oferece uma leitura mais rápida, permitindo entender o conteúdo das duas páginas como um todo. O autocolante do elefante complementa com “Selva”.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas

e das luzes eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro

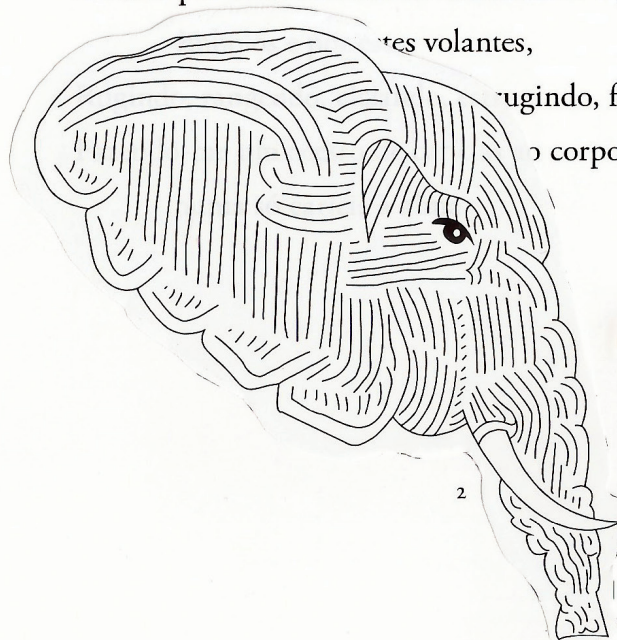
do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por

tes volantes,

ugindo, ferr

o corpo



Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante  
    como um automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento  
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões  
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

    ade com todas as dinâmicas!  
    a fúria de ser parte-agente  
    férreo e cosmopolita  
    boios estrénuos,  
transportadora-de-cargas dos navios,  
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,  
Do tumulto disciplinado das fábricas,  
E do quase-silêncio ciciante e monótono  
    das correias de transmissão!

O sujeito contempla-se com a burocracia e com a produtividade da fábrica.  
O autocolante na parte superior da página esquerda ilustra uma criança, que, com a sua aplicação, está a sugerir que se trata do retrato do sujeito poético. O autocolante "Sentido Único" alude ao ritmo da fábrica e à burocracia.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas  
e as chumaceiras do Progressivo!  
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!  
Novos entusiasmos de estatura do Momento!



sentido  
único

compartmento

[www.facebook.com/sentidounico](http://www.facebook.com/sentidounico)

encostadas às docas,  
nados dos portos!  
ica, Canadian-Pacific!  
vares, nos hotéis,  
os Ascots,  
que entram

Já no lado oposto, descrevendo uma cidade, os autocolantes não interferem com o texto, no entanto, estão aplicados nos dois lados da folha e a presença da palavra "This", que se repete, sugere algo escondido no virar da página.

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotês  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)  
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,  
Que andam na rua com um fim qualquer;  
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

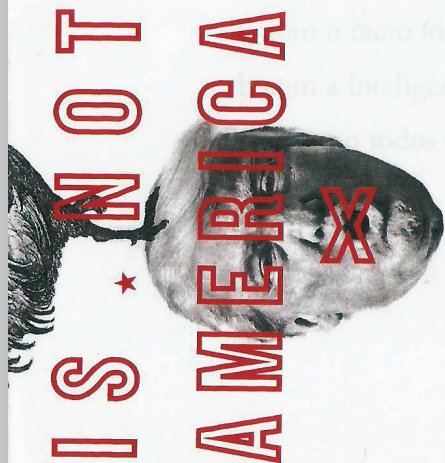
THIS IS



Os dois autocolantes aplicados nos dois lados da folha incita um maior ritmo de leitura e uma ligação mais forte entre os conteúdos da página anterior. Nessa mesma página, o contexto da cidade é ainda falado. A palavra “This” e a forma como os dois autocolantes foram aplicados sugere ser uma forma mais contida, que ao virar a página, as restantes partes dos autocolantes é revelada e sendo os

435ISM

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
 Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
 Agressões políticas nas ruas,  
 E de vez em quando o cometa dum regicídio  
 Que ilumina de Prodígio e Fanfarras os céus  
 Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
 Notícias desmentidas dos jornais,  
 Artigos políticos insinceramente sinceros,  
 Notícias passez-à-la-caisse, grandes crimes —  
 Duas colunas deles passando para a segunda página!  
 O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
 Os cartazes postos há pouco, molhados!  
 Vients-de-paraître amarelos como uma cinta branca!  
 Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
 Como eu vos amo de todas as maneiras,  
 Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto



alpar-vos representa para mim!)  
 como uma antena que fazeis vibrar!  
 os sentidos têm cio de vós!

primeiros elementos a serem entendidos, se manifesta de uma forma mais gritante. A página da direita, ilustra um acto meramente humano (o acto de fumar) em função das palavras “prolongamentos humanos” e a proibição deste acto brinca com a imagem da esquerda.

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura,  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência,  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da literatura,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos campos.



Ao virar a página, o leitor é confrontado com a outra metade do autocolante aplicado nos dois lados da folha, avisando-o de antemão que não pode incendiar a cidade que está a ser descrita nesta mesma página. O sujeito poético expressa o seu amor pela civilização moderna e o autocolante smile expressa essa mesma alegria.

**PROIBIDO  
FUMAR E  
FOGEAR**

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!



A sua aplicação no meio implica uma ligação mais forte entre os textos de ambas as páginas. Por último, o autocolante na página da direita complementa com a palavra “mulher” e reflecte o estado de alma do sujeito poético.

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —

Na minha mente turbulenta e encandescida

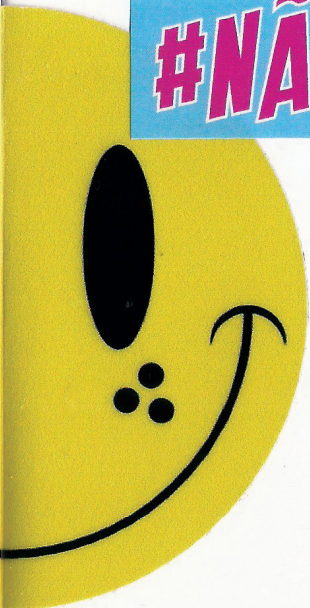
Possuo-vos como a uma mulher bela,

Completamente vos possuo como a uma mulher bela

que não se ama,

Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

**#NÃO SOU SÓ CONA**



O autocolante “Quero que me queixas...” complementa face ao sucedido entre Aristóteles e Platão, que não deviam deviam ter uma relação de discípulo-mestre.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

**QUERO QUE  
ME QUEIXAS...**

[facebook.com/HeroiDeRua](https://www.facebook.com/HeroiDeRua)

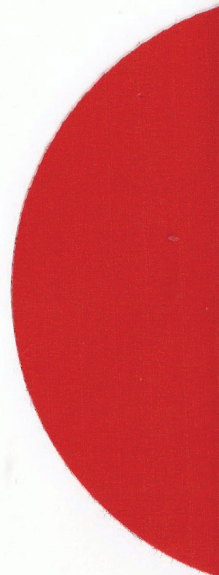
10

Na página da direita, face ao uso de palavras que incentivam a violência (“morrer triturado”, “Metam-me debaixo dos comboios” e “Espanquem-me”), o autocolante, com carácter de manifestação, mostra-se como uma reacção face à violência.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega  
duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!

Se não queremos  
ser destruídos pelo  
capitalismo  
então  
o capitalismo  
terá de ser  
destruído  
por nós

maquinismos!  
moderno e eu e barulho!  
nhaste o Derby,  
teu cap de duas cores!



Os autocolantes presentes nestas duas páginas associam-se com palavras como “Ser tão alto” e “Eh-lá, eh-lá, catedrais!” criando um conceito de elevador. Esses mesmos autocolantes enriquecem o espaço em torno do elevador.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!



400g

**ELEVADOR Nº 1**

Cod. 13002142

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo

e onde eu me posso banhar como quereria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!

Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,

As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,

Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto

E os gestos que faz quando ninguém pode ver!

Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,

Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome

me agita às vezes as mãos

em pleno meio das turbas

trões!

**Atenção**

**com bagagem  
volumosa use  
o elevador**



O sujeito poético contempla com a cidade e hábitos de seus habitantes, olhando-a com repugnância. O autocolante “Dream Pills” alude à recompensa que os homens “de aspecto decente” recebem por parte das crianças. Com o autocolante referente ao ciclista, o sujeito poético decide seguir em acção e “ser um herói” da cidade.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes  
Por vielas quase irreais de estreiteza e  
Maravilhosamente gente humana que  
Que está abaixo de todos os sistemas  
Para quem nenhuma religião foi feita  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles  
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,  
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!  
(Na nora do quintal da minha casa

INDICADO PARA  
O MELHOR  
PADRINHO DO MUNDO!



O burro anda à roda, anda à roda,

E o mistério do mundo é do tamanho disto.

Limpa o suor

A luz do sol a

E havemos to

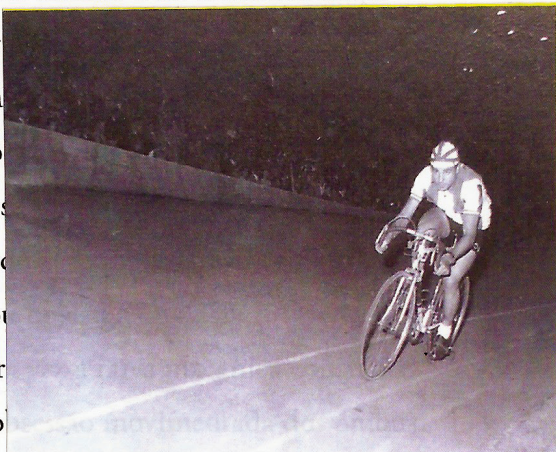
Ó pinheirais s

Pinheirais onc

Do que eu sou

Mas, ah outr

Outra vez a o



E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de

todos os comboios

**GoPro**  
**Be a HERO.**

navios,

O ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!

Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

O autocolante na página da esquerda surge como solução face aos “grandes desastres”, “desabamentos”, “revoluções”. Já na página seguinte, em alusão a “quente como um fogareiro”, descreve os desastres descritos na página anterior e a necessidade de socorros, com a aplicação do autocolante do extintor e dos bombeiros.

Eh-lá grandes desastres de comboios!

Eh-lá desabamentos de galerias de minas!

Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!

Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,

Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,

Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,

Europa,



**S.O.S. REPARAÇÕES**  
224 069 538 / 918 857 346

<b>224 069 538</b>	<b>DESENTUPIMENTOS</b> (Caixas, Cozinhas, Sanitas, Colunas de lixo, Prumadas e todo o tipo de esgotos.)	<b>FECHADURAS</b> (Reparação-Abertura-Instalação.)	<b>918 857 346</b>
	<b>MÁQUINAS LAVA LOIÇA E ROUPA</b> (Reparação Instalação.)	<b>ESTORES</b> (Reparação Instalação.)	
	<b>ELECTRICISTAS</b> (Reparação Instalação.)	<b>ESQUENTADORES</b> (Reparação Instalação.)	
	<b>CANALIZADORES</b> (Reparação Instalação.)	<b>CALDEIRAS</b> (Reparação Instalação.)	

**918 857 346**

**224 069 538 / 918 857 346**

*Piquete 24 Horas*

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,

gem de todas as bacantes  
bedeira dos metais.



**USO EXCLUSIVO  
A BOMBEIROS**

Na página da esquerda, em alusão dos eventos decorridos nas páginas anteriores, o autocolante alude à conclusão dos trabalhos das reparações.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



**Manutenção completa**

a cargo de SCHMITT-ELEVADORES, LDA.

Delegação Porto

Serviço 24 horas : ☎ 299 569 002

Já na página oposta, face à repetição da palavra “Eia”, e com a aplicação do autocolante “Amantes do Trance”, o sujeito poético entra numa trance e satisfação contínua que termina na última página.

Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!



AMANTES

O autocolante fora aplicado nos dois lados da folha para dar uma ideia de continuidade do “Trance” do sujeito poético.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!



DO TRANCE

es, 1914 — Junho.

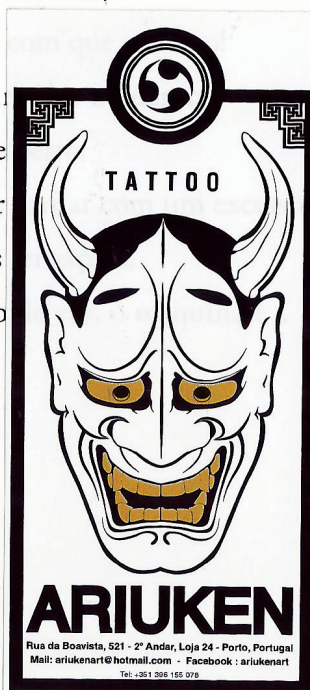


**LIVRO 3** O sujeito poético, com o seu acto de escrever e “rangendo” os dentes, liberta um estado de fúria que o autocolante acaba por ilustrar. Já o “Amantes do Trance”, colado nos dois lados da folha, dá uma continuidade do estado de alma do sujeito poético para a próxima página.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo  
Tenho os lábios secos, ó grandes  
De vos ouvir demasiadamente de  
E arde-me a cabeça de vos querer  
De expressão de todas as minhas  
Com um excesso contemporâneo



O sujeito poético entra em transe e num estado de alma pleno, com uma realização interior, graças ao já referido “Amantes do Trance” e “NBC - Toda a gente pode ser tudo”. Já na próxima página, o sujeito poético, com o autocolante adicionado, vê-se realizado e atingido a onnipresença.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas

e das luzes eléctricas

Porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

os do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

que não vão de ir ter febre para o cérebro

Ésquilo do século cem,

estas correias de transmissão e por estes

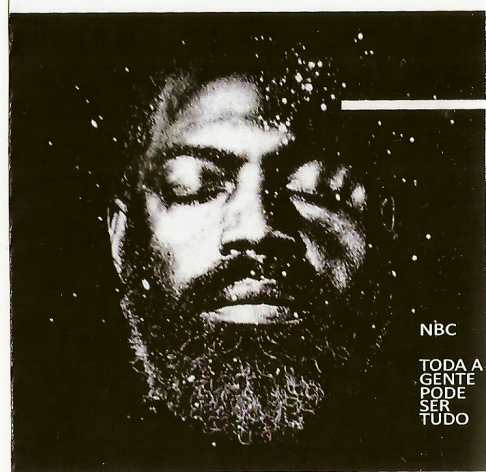
bolos e por estes volantes,

rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

do-me um acesso de carícias ao corpo

numa só carícia à alma.

AMANTES DO TRANCE



Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupefaciente e insaciável!

Frate

Pro

D

I

D

De

Do t

E do qua

das com

A  
CANÇÃO  
DE  
LISBOA

TU ÉS UM QUASE  
E  
EU SOU TUDO!

14 DE JULHO NOS CINEMAS

Nestas duas páginas, sob o contexto da cidade, a presença do autocolante com o gato ilustra o texto uma situação comum que é a presença de animais domésticos a complementar a cidade numa janela. Já o autocolante “Selva”, estabelece uma comparação entre a cidade e uma selva.

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres

Grandes cidades paradas nos céus

Nos cafés — oásis de inutilidade

Onde se cristalizam e se precipitam

Os rumores e os gestos do Útil

E as rodas, e as rodas-dentadas

e as chumaceiras do Príncipe

Nova Minerva sem-alma dos céus

Novos entusiasmos de estatua

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!

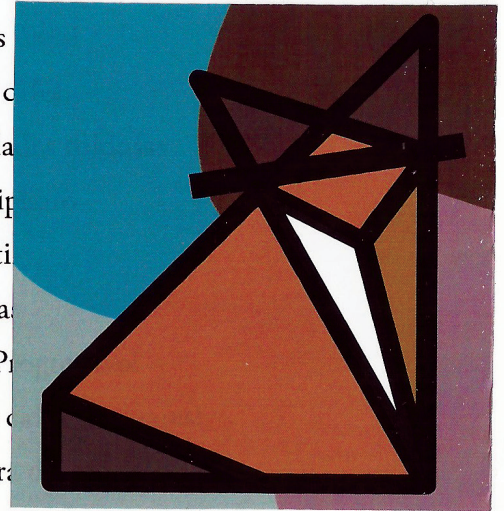
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,

E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram

Pela minh'alma dentro!



Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotes  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

**SELVA**

passam, lentos;  
passeia e se mostra

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

Nas duas páginas, há uma intenção de limpeza face ao contexto na página. O utensílio de limpeza, possivelmente um aspirador, com a presença do autocolante na direita, se encontra estragado.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes —



passando para a segunda página!

a de tipografia!

pouco, molhados!

arelos como uma cinta branca!

odos, a todos, a todos,

todas as maneiras,

os ouvidos e com o olfacto

palpar-vos representa para mim!)

como uma antena que fazeis vibrar!

eus sentidos têm cio de vós!

Aubos, debuladoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

**CONSRTO DE  
ELECTRODOMÉSTICOS  
AO DOMICÍLIO**

**ORÇAMENTOS  
GRATIS**

**919556193**

Com a presença do autocolante de uma figura religiosa e da palavra “Deus”, o amor e, por consequente, endeusamento que o sujeito poético tem pelas máquinas é reforçado até ao ponto de se criar uma nova religião. A sua aplicação na parte inferior do livro e face ao autocolante da direita sugere também um culto aos macacos, ou à rigidez, atendendo as características gráficas do autocolante.

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,



porâneas, forma actual e próxima  
ato do Universo!  
metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —

Na minha mente turbulenta e encandescida

Possuo-vos como a um

Completamente ela

q  
Que se e



Com o sujeito poético a descrever uma cidade, o autocolante presente na esquerda acaba por localizar o espaço como a cidade do Porto. Com a aplicação do autocolante, o sujeito poético expressa nojo pela cidade. A página seguinte, com a aplicação dos autocolantes, o sujeito poético auto-sacrifica-se procurando ser um herói, acabando-o por deixar numa cadeira de rodas.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,

||||| MAKE  
||||| PORTO  
||||| PODRE  
||||| AGAIN!!!!

as montras

io

alma dentro,

ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega

duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!

Metam-me debaixo dos comboios!

Espanquem-me a bordo de navios!

Masiquismo através de maquinismos!

Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

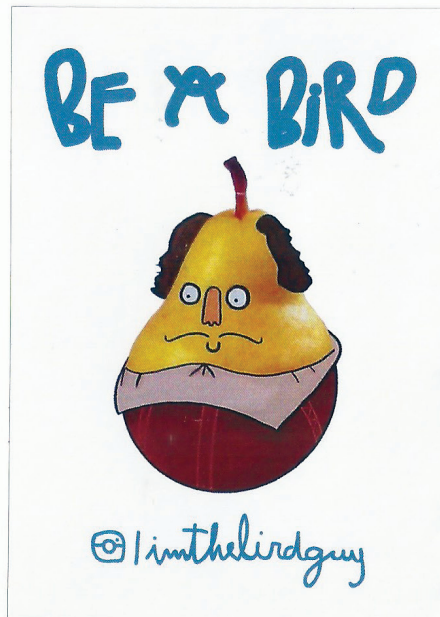
**GoPro**  
Be a HERO. ■■■■



Em função com a expressão “Sem ninguém saber quem eu sou!”, o autocolante acaba por indicar que o sujeito poético disfarçou-se de pássaro para para despercebido perante a câmara presente na página oposta.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)  
Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!



Ó tramways, funicula  
Roçai-vos por mim at  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas e  
Ó automóveis apinha  
Ó multidões quotidiana  
Rio multicolor anóni  
e onde eu me



Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

Os autocolantes, um deles de uma figura religiosa, estabelecendo uma continuidade face às páginas anteriores e dois que representam crianças, presentes nas duas páginas ilustram a expressão “filhas aos oito anos... Masturbam homens de aspecto decentes...”.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.



da pelos andaimes e que vai para casa  
reais de estreiteza e podridão.

gente humana que vive como os cães  
e todos os sistemas morais,  
na religião foi feita,  
ada,

destinada para eles!

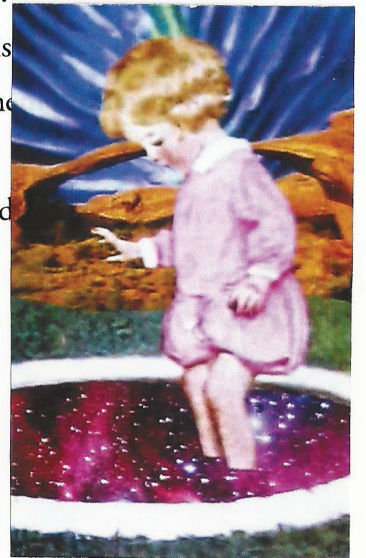
a todos, porque sois

o baixos que sois, no

dos os progressos,

a do fundo do mar d

al da minha casa

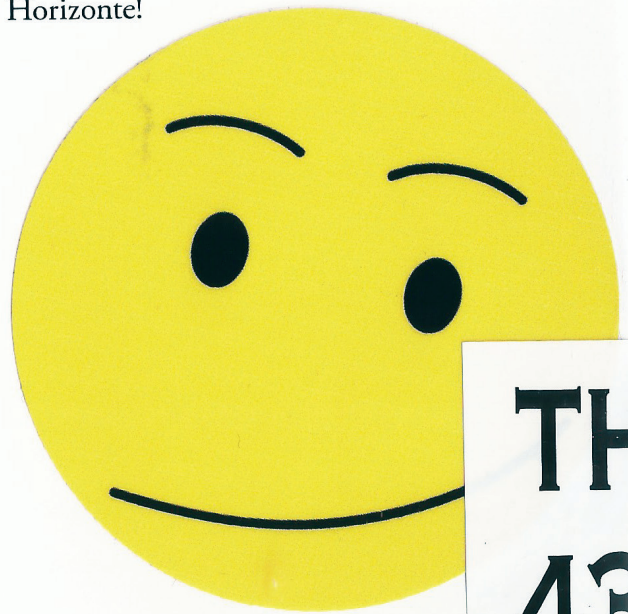


O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de  
todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes,



O smile amarelo estabelece uma ligação com a expressão “grandes bárbaros amarelos”, que com a presença do autocolante “This is 435ism”, que se confunde com “Racism”, cria uma personagem “amarela” que se queixa de racismo, face à repugnância que o sujeito poético expressa.

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
E outro Sol no novo Horizonte!



Já na próxima página, o sujeito poético pretende limpar a civilização. O autocolante é colado nos dois lados da folha.

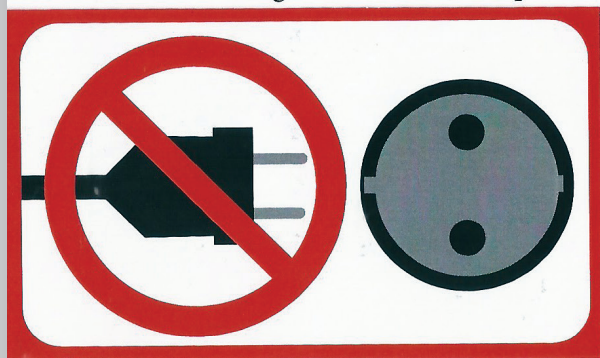
Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

**Uso exclusivo  
do serviço  
de limpeza  
195 a 385 Volts**

**IS IS  
5ISM**

A outra metade do autocolante fora colocado em função dos aparelhos descritos.  
Nos autocolantes, o sujeito poético vê o seu corpo a ser destruído pelas máquinas  
e pelo capitalismo.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Se não  
ser destr  
capita  
ent  
o capitali  
terá o  
de  
po



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro!

Engatam-me em todos os comboios!

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios!

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!



queremos  
uídos pelo  
lismo  
ção  
ismo  
de ser  
estruído  
r nós

O autocolante apresenta um rosto, ilustrando o rosto do sujeito poético, indicando que a cabeça fora a única parte do seu corpo natural a resistir à violência.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

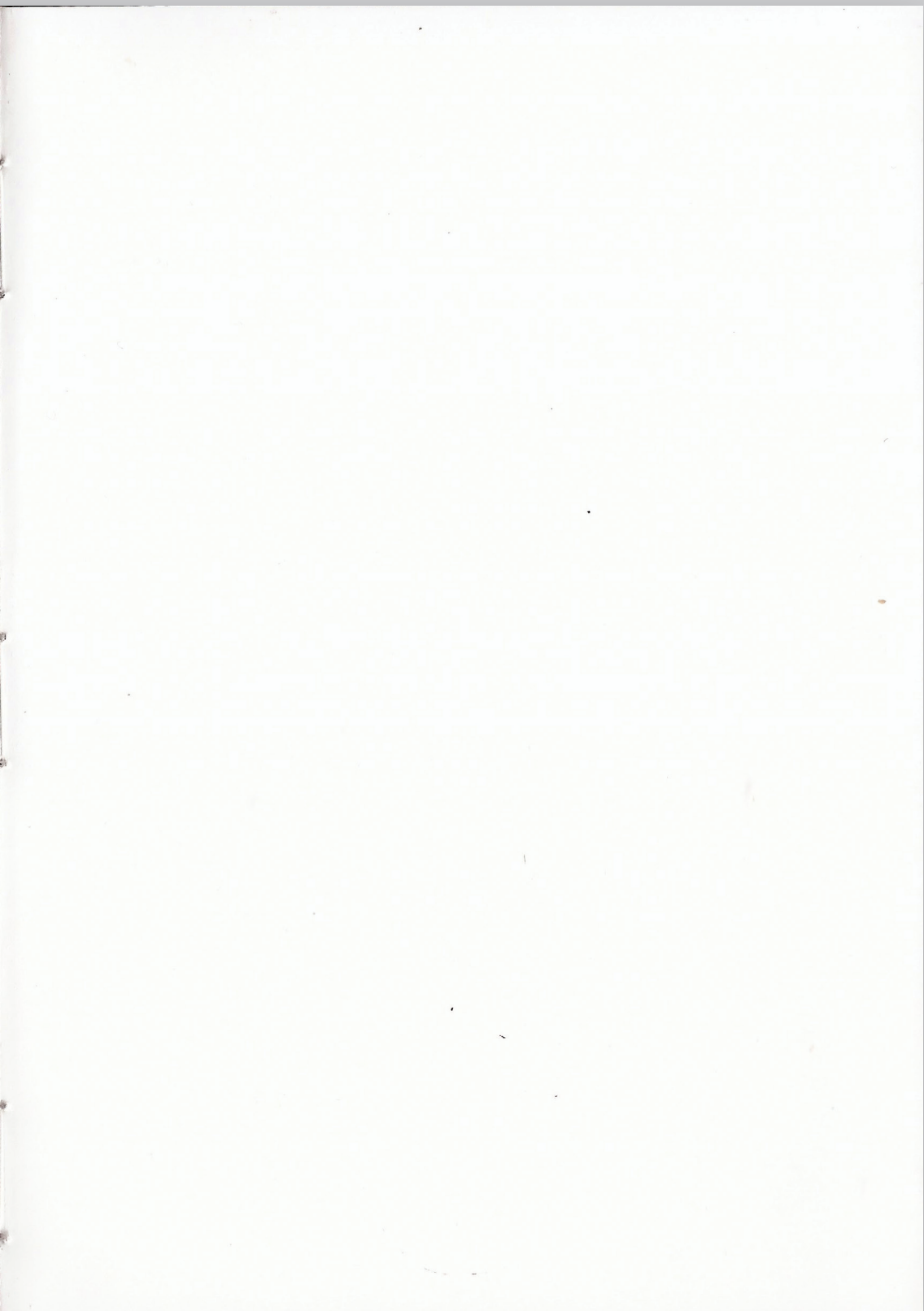
Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!





**LIVRO 4** Os olhos perturbados presentes no autocolante ilustra o cansaço e perturbação que o sujeito poético é alvo (Tenho febre e escrevo / Escrevo rangendo os dentes..., "...todos os meus nervos dissecados fora", "...arde-me a cabeça..."). Já o outro autocolante, brinca com essa mesma disposição.

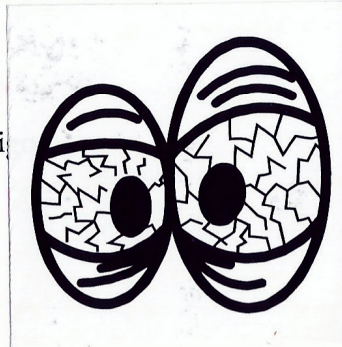


À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos anti



Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

**QUERO QUE  
ME QUEIXAS...**

[facebook.com/HeroiDeRua](https://facebook.com/HeroiDeRua)

Com os autocolantes que aludem ao conceito de máquina ou motores, estes acabam por dar ao texto informações adicionais. Na página seguinte, o autocolante do ciclista em movimento dá um conceito metafórico à ideia do sujeito poético de este se exprimir “como um motor”.

## ACESSO À CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR

Em febre e olhando os motores como a uma

Natureza tropical —

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas

e das luzes eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro

do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes

êmbolos e por estes volantes,

quando,



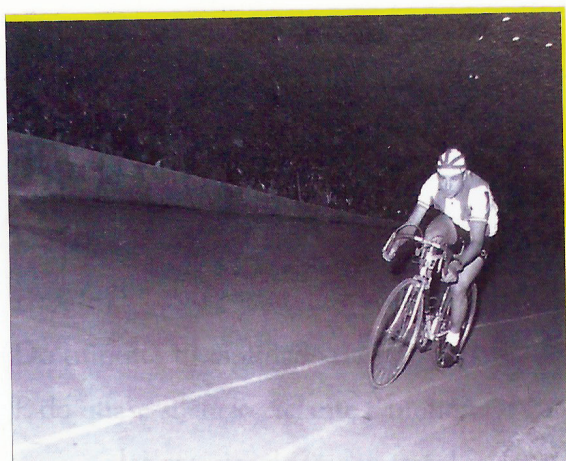
### Manutenção completa

a cargo de SCHMITT-ELEVADORES, LDA.

Delegação Porto

Serviço 24 horas : ☎ 299 569 002

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante  
    como um automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento  
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões  
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!



s,

das correntes de transmissão:

Os dois autocolantes referentes localizam o sujeito poético na cidade do Porto,  
para além de a caracterizá-la.

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés — oásis de i

Onde se cristalizam e s

Os rumores e os gestos

E as rodas, e as rodas-

e as chumaceir

Nova Minerva sem-ali

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!

Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,

E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram

Pela minh'alma dentro!



Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotês  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)  
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,  
Que andam na rua com um fim qualquer;  
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

MAKE  
PORTO

Os autocolantes aplicados nestas páginas, reforçam o sentido de podridão e corrupção que o texto descreve. O primeiro autocolante, aplicado nos dois lados da folha dão uma continuidade do conteúdo (que continua entre as duas páginas) em relação à página anterior. O autocolante “Pedro Arroja”, aplicado no meio, nas

**PODRE  
AGAIN!!!**

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,

**CONFIA AS SUAS POUPANÇAS NUM  
BANCO MENTIROSO?**

“NOVO BANCO MANTÉM INTENÇÃO DE  
PAGAR PAPEL COMERCIAL SUBSCRITO  
PELOS CLIENTES DE RETALHO AOS SEUS  
BALCÕES” - SITE NOVO BANCO, JANEIRO 2015

**TENHAM VERGONHA!  
PAGUEM PAPEL COMERCIAL**

**NOVO BANDO**

Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

**O PEDRO A  
JÁ EN**

duas páginas interliga o conteúdo dos dois textos, dando uma continuidade da ideia de podridão.

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!



O autocolante retrata uma situação de inferioridade ou passividade, ilustrando o sujeito poético, que se compara e entrega-se como uma "mulher", afirmando que é mais do que "cona" e que se oferece por 6 euros. Com esses autocolantes o sujeito poético é descrito como sendo uma prostituta a viver numa cidade corrupta.

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.



do a minha vista  
anais, úteis, inúteis,  
, forma actual e próxima  
niverso!  
dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela  
que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

**#NÃO SOU SÓ CONA**

**Novo Preço**  
**6,00 €**

O autocolante estabelece uma ligação com o texto devido à presença da palavra “orçamento” no texto e no adesivo. Existe uma tentativa de restaurar o Governo e o Estado. Já na seguinte página, o sujeito poético compara, como forma de informação adicional para o livro, a violência que é alvo com a lei do Estado.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!

Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!

Eh-lá-hô recomposições ministeriais!

Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,

Orçamentos falsificados!

(Um orçamento é tão natural como uma árvore

# RESTAURO DE MÓVEIS

RESTAURAMOS E RECUPERAMOS MÓVEIS ANTIGOS, ESTRAGADOS,  
COM DEFEITOS OU QUE SOFRERAM ALGUNS DANOS.

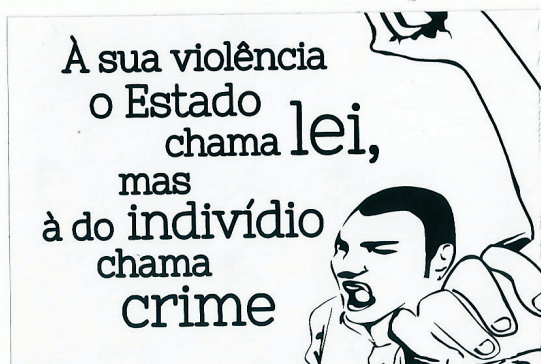
**ORÇAMENTOS GRÁTIS**

**968 735 231**

Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,

E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega  
duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masoquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!  
Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu cap de duas cores!



O autocolante aplicado na página de esquerda faz referência à violência que o sujeito poético sofreu na página anterior e à expressão “cheio de sangue”, estando a recuperar das lesões. A próxima página faz referência à burocracia e do trânsito da cidade do Porto, graças ao autocolante aplicado na metade inferior.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)  
Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!



Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo

e onde eu me posso banhar como queria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

**SV: 000752 / 2015**

**DIVISÃO MUNICIPAL DE TRÂNSITO**



O efeito da interligação do conteúdo nas duas páginas resulta graças à aplicação do autocolante nos dois lados da folha. O autocolante, com a presença de duas crianças, surge em contexto à infância que o sujeito poético recorda, neste excerto.



Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
turbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
Ela que anda pelos andaimes e que vai para casa  
quase irreais de estreiteza e podridão.  
A gente humana que vive como os cães  
fora de todos os sistemas morais,  
sem nenhuma religião foi feita,  
sem arte criada,  
sem política destinada para eles!  
Eu vos amo a todos, porque sois assim,  
nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!  
(Na nora do quintal da minha casa

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de  
    todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
    ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!



O sujeito poético vê-se no desastre que a cidade se tornou, procurando uma reparação e uma limpeza. No entanto conforta-se face aos sucedidos, deixando o problema para trás (“Que importa tudo isso”).

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
E outro Sol no novo Horizonte!

**S.O.S. REPARAÇÃO**  
224 069 538 / 9

**DESENTUPIMENTOS**  
(Caixas, Cozinhãs, Sanitas, Colunas de lixo, Prumadas e todo o tipo de esgotos.)

**MÁQUINAS LAVA LOIÇA E ROUPA**  
(Reparação Instalação.)

**ELECTRICISTAS**  
(Reparação Instalação.)

**CANALIZADORES**  
(Reparação Instalação.)

**FECHAD**  
(Reparação-Aber

**ESTORES**  
(Reparação Insta

**ESQUEN**

**CALDEIF**  
(Reparação Insta

**Piquete 24 Horas**

**224 069 538**

**DES**  
**ES**  
**RALOS • S**  
**ALGEROZ**  
**FOSSAS**  
**96**

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

**ÇÕES**

**18 857 346**

**URAS**

(tura-Instalação.)

**S**

(lação.)

**TADORES**

**AS**

(lação.)

**8 857 346**

**ENTUPIMENTOS  
GOTOS**

**SANITAS • LAVA-LOIÇAS**

**QUES • CHAMINÉ • CANALIZAÇÃO**

**• LIMPEZA DE TELHADOS**

**2 384 250**

**TH  
43**

O autocolante “This is 435ism” aplicado nos dois lados da folha, dá uma continuidade aos temas da página anterior e uma reacção xenófoba que o sujeito poético expressa face à nova civilização, a civilização das máquinas. Já na próxima página, o sujeito poético é engolido pela civilização e com a expressão “Be a

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

IS IS  
5ISM

Bird” ser usado como metáfora da sua passividade e redução do corpo, tornando onnipresente com as máquinas.

Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

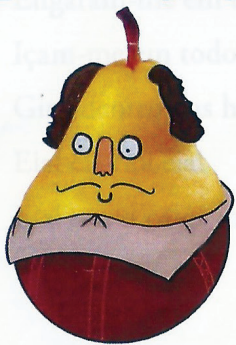
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

BE A BIRD

entro. Giro, rodeio, engenho-me.  
comboios.



todos os navios.

e a electricidade!

@imthelirdguy

Após entrar em comunhão com as máquinas, o sujeito poético expressa a sua onnipresença, com o autocolante aplicado.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

*Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!*

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!





**LIVRO 5** O livro começa com dois autocolantes, um deles com uma ilustração de um animal. O sujeito poético é um animal a expressar a sua admiração perante as máquinas. Já o autocolante aplicado na metade superior representa a iluminação da fábrica.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos



Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós



O sujeito poético é um animal de entre outros tantos (como o elefante e o polvo) que entraram numa fábrica e a compararam como a uma “Selva”.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —

Grandes trópicos

Canto, e canto o

Porque o presente

E há Platão e Vir

e das luzes

Só porque houve

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro

do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes

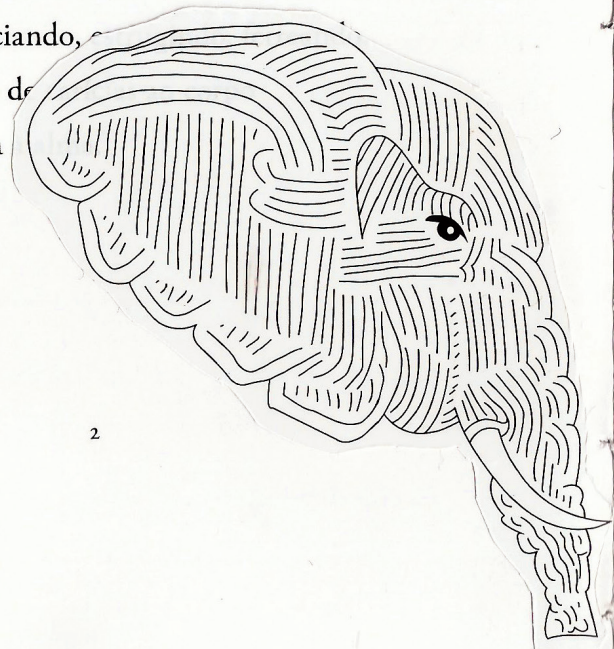
êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando,

Fazendo-me um acesso de

numa só carícia

**SELVA**



Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante  
    como um automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

## ACESSO À CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR

Fraternidade com todas as dinâmicas!



E do quase-silêncio ciciante e monótono  
    das correias de transmissão!

Os animais são apresentados à cidade, de onde, com a aplicação do autocolante, são proibidos de entrar, e dão a conhecer as suas condições, graças ao autocolante “Vegetarianús Comem Nós”.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas  
e as chumaceiras do Progressivo!  
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!  
Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às  
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!  
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-P  
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram  
Pela minh'alma dentro!



PROIBIDA A ENT

VEGETARIANÚS  
COMEM

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!

Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!



ites; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;

evidentes de clubes aristocráticos;

figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes

s até na corrente de oiro que atravessa o colete

ra a algibeira!

e passa, tudo o que passa e nunca passa!

emasiadamente acentuada das cocotês

e interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

iesinhas, mãe e filha geralmente,

Que andam na rua com um fim qualquer;

ça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;

a a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra

al tem alma lá dentro!

(An, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

Os animais ao confrontar a cidade e o seu funcionamento e a observam com desagrado, tendo vontade de limpar a porcaria que essa produziu. Com o autocolante aplicado na página da direita, a história é localizada no espaço, neste caso a América. Os animais, com isso, não reconhecem a sua própria terra.

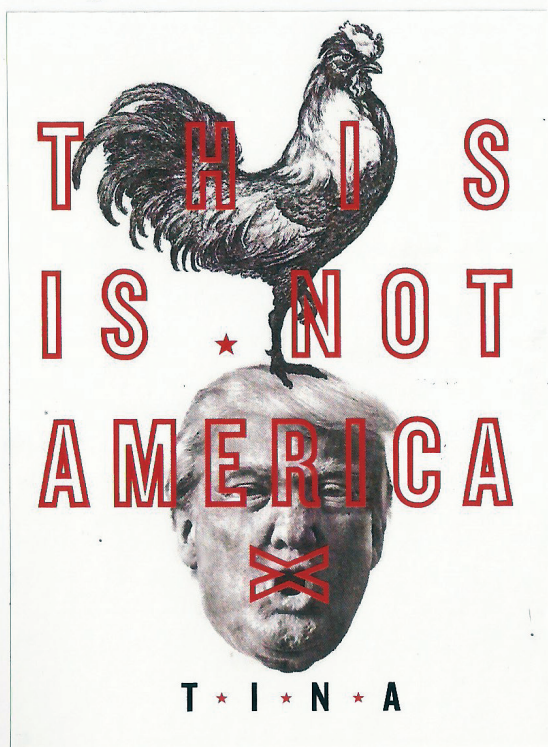
A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes —  
Duas colunas deles passando para a segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!

**DESENTUPIMENTOS**

**SimpliEsgotos**

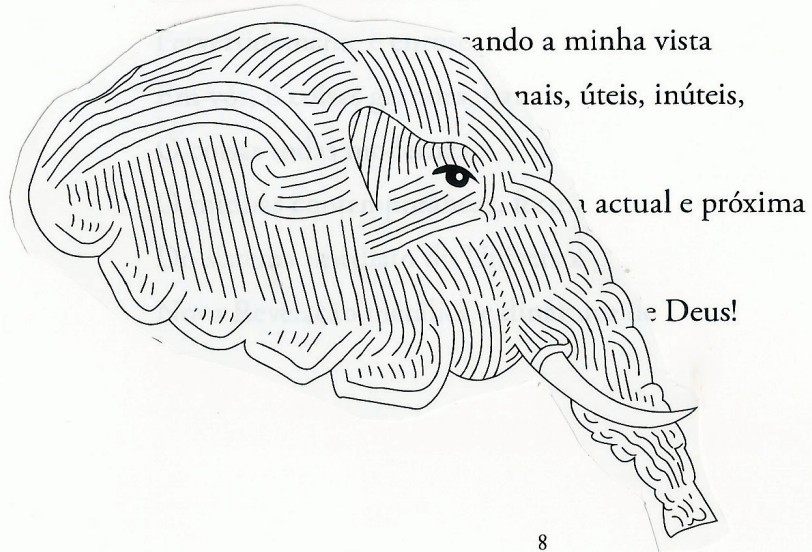
**800 917 917**

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!



Os animais passam a conhecer melhor a cidade, e observam com desencanto as vantagens da cidade. Até que confrontaram mais uma vez com a proibição de animais na cidade.

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.



Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela  
    que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.



O autocolante aplicado nos dois lados da folha, mesmo dividido traduzem a mesma coisa. Face ao sucedido, o sujeito poético entra em loucura. A repetição da aplicação do mesmo autocolante funciona aqui. Uma ideia de acção nasce graças à sobreposição de dois autocolantes com a mesmas formas gráficas.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma *leita*).

Eh-lá o interesse por tudo  
Porque tudo é a vida  
Até à noite  
E o mesmo  
mesmo  
realmente Platão  
e na sua carne com a alma dentro,  
E faz de Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

PROIBIDA A ENTRADA A ANIMAIS



Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega

dur

Atirem-me

Metam-me

Espanquem

Masoquism

Sadismo de

Up-lá hô jo

Morder ent



O sujeito poético procura converte-se num humano, mas é logo subjugado face à dureza da cidade, como se essa trata-se de uma distopia. Essas ideias são perceptíveis com a aplicação dos autocolantes “Freshfrees” e o autocolante informativo no canto superior direito.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!



Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de puta  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes  
Rio multicolor anónimo

e onde eu me posso banhar como quero

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!



Para sua protecção,  
este local é objecto  
de videovigilância.

Responsável pelo tratamento de dados

Art. 31º da Lei 342013 de 16 de Maio



Com o autocolante aplicado nos dois lados da folha, interliga o conteúdo dos dois lados da folha, mostrando que o sujeito poético se encontra farto do domínio que é alvo. Todavia com a aplicação do autocolante “J’Existe” mostra-se à vontade na sua nova forma, em contexto com a expressão “O burro anda à roda, anda à roda,/E o mistério do mundo é do tamanho disto”.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.  
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães  
Que está abaixo de todos os sistemas morais,  
Para quem nenhuma religião foi feita,  
Nenhuma arte criada,  
Nenhuma política destinada para eles!  
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,  
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,  
Inatingíveis por todos os progressos,  
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!  
(Na nora do quintal da minha casa



O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!

# **J'EXISTE.**

De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

O acto de fumar que o sujeito poético, este ao imitar os hábitos do Homem, é logo intercalado pelos aviso do autocolante presente, apesar das contradições presentes no texto e num dos autocolantes.

Eh-lá grandes desastres de comb  
Eh-lá desabamentos de galerias de  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos gr  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acol  
Alterações de constituições, guerr  
Ruído, injustiças, violências, e tal  
A grande invasão dos bárbaros an  
E outro Sol no novo Horizonte!



Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,

**LENHAS**

PARA  
LAREIRAS,  
RECUPERADORES,  
SALAMANDRAS, ETC.

**917 233 217**

**229 885 581**



**PROIBIDO  
FUMAR E  
FOGEAR**

Apesar de tudo, o sujeito poético vê-se realizado e feliz, com a aplicação do autocolante “Sou Quase Doutor”, que acaba por se sobrepor ao texto presente. Face a essa alegria o sujeito poético canta hip hop graças ao autocolante aplicado nos dois lados da folha, oferecendo uma continuidade do conteúdo da página.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

WWW.FACEBOOK.COM/HIPHOPCOMSENTIDO

**HIPHOP**  
**COM**

O autocolante reforça o conceito de “sentido”, esse mesmo autocolante entra em comunhão com palavras que aludem movimento como “Galgar com tudo por cima de tudo!” e “Hup-lá”.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

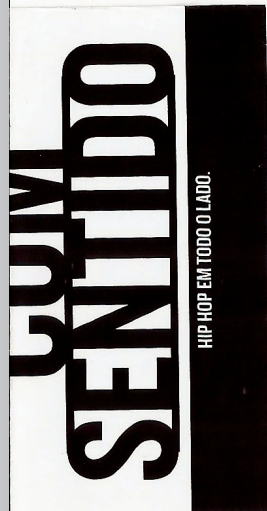
Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente



Paris, 1914 — Junho.

sentido  
único

compartimento

[www.facebook.com/sentidounico](http://www.facebook.com/sentidounico)



**LIVRO 6** A presença dos autocolantes nesta página acaba por implementar informações adicionais, enriquecendo o espaço que o sujeito poético se encontra.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto.

## **ELEVADOR Nº 1**

Cód. 13002142

O rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

### **MÁQUINAS DO ASCENSOR - PERIGO ACESSO INTERDITO A PESSOAS ESTRANHAS AO SERVIÇO**

Cód. 15002006

Tenho os lábios secos, o grandes ruidos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

O autocolante “Selva” colocado na página reforça a comparação que o sujeito poético expressa entre a fábrica e uma “Natureza tropical”. No lado oposto da página, a presença de um autocolante proibitivo à ideia de publicidade brinca com a expressão que o sujeito poético sente sobre as máquinas.

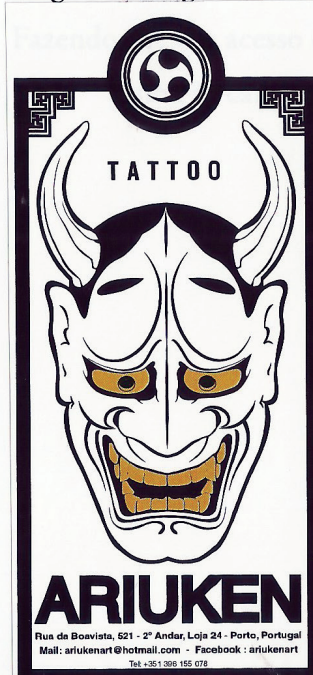
Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas  
e das luzes eléctricas

Só porque houve outros  
E pedaços do Alexand  
Átomos que hão-de ir  
do Ésquilo do  
Andam por estas corre  
êmbolos e por

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

e carícias ao corpo

alma.



2

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

como um automóvel último-modelo!

Po  
Ra  
A t  
De

isto,  
-me passento  
el!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promíscua fúria de ser parte-agente

Do rodar férreo e cosmopolita

Dos comboios estrénuos,

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono

das correias de transmissão!

O autocolante presente na página da esquerda provoca o mesmo efeito explicado na página anterior. A repetição do autocolante acaba por implicar ao poema um tema sobre a publicidade. O autocolante presente na página oposta oferece uma ideia de alegria e entusiasmo ao texto. A sua aplicação se deve às expressões “Hé-lá

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas



Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,  
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!  
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!  
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram  
Pela minh'alma dentro!

as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!”, e “Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!”.

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Presença demasiadamente ostensiva  
Banalidade interessante  
Das burguesinhas, mães de família  
Que andam na rua com o ar de quem sabe  
A graça feminil e falsa do mundo  
E toda a gente simplesmente  
E afinal tem alma lá dentro!



(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

Com os autocolantes presentes nas páginas já implicam uma ideia negativa face ao conteúdo graças aos autocolantes presentes. A presença do autocolante do “Pedro Arroja” e o verbo impresso neste sugere que o sujeito poético encontrou de forma indesejável Pedro Arroja. O autocolante aplicado na página seguinte funciona

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse,  
Duas colunas deles passam  
O cheiro fresco a tinta de  
Os cartazes postos há pouco,  
Vients-de-parâitre amarelos como uma cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!



como elemento que surge como solução para retirar Pedro Arroja da história, uma vez que está a enojar o sujeito poético.

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

## DESENTUPIMENTOS ESGOTOS **24H**

COZINHAS • LAVA-LOIÇAS • MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA • SIFÃO  
SANITAS • BANHEIRAS • BIDÉS • COLUNAS • CONDUTAS DE LIXO  
LIMPEZA DE TELHADOS • LIMPEZAS DE CHAMINÉS • ALGEROZES  
CALDEIRAS • CAIXAS • MAUS CHEIROS • FOSSAS • MONTAGEM DE  
BOMBAS • FILMAGEM DE INTERIORES DE TUBAGENS

**963 710 591**  
**915 479 034**

A repetição do autocolante presente na página da esquerda volta a mencionar o tema da publicidade repetido nas páginas anteriores. A aplicação do autocolante se deve em contexto às lojas descritas no texto. Na página oposta, a conciliação dos dois autocolantes acabam por provocar informações cómicas face à referência da

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se



os processos!  
ortíferos!  
nos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.

Amo-vos carnivoramente.

Pervertidamente e enroscando a minha vista

Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,

Ó coisas todas modernas,

Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima

Do sistema imediato do Universo!

Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

palavra "mulher" presente no texto, possivelmente um elogio que Pedro Arroja tem pela mãe de uma das crianças.

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Par  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela  
que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima



[www.facebook.com/domrubirosa](http://www.facebook.com/domrubirosa)  
[www.twitter.com/domrubirosa](http://www.twitter.com/domrubirosa)  
[www.instagram.com/domrubirosa](http://www.instagram.com/domrubirosa)  
[www.youtube.com/domrubirosa](http://www.youtube.com/domrubirosa)  
[www.domrubirosa.com](http://www.domrubirosa.com)

A presença do autocolante mais as palavras presentes no texto como “Eh-lá-hô” acabam por criar a ideia de que o sujeito poético está a elevar-se e, com a presença do segundo autocolante, compara-se com um pássaro. Na outra página, a presença dos olhos, ilustra uma ideia de irritação que o sujeito poético tem face ao “masoquismo” que é alvo.

# ELEVADOR Nº 1

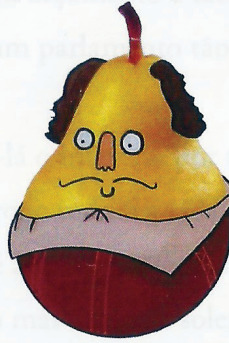
Cod. 13002142

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!

Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!

Eh-lá-hô recomposições ministeriais!

BE X BIRD



@imthelirdguy

es de orçamentos,

como uma árvore

no uma borboleta).

rida,

brilhantes nas montras

ntre os astros

do as costas

o mesmo

lmente Platão

Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,

E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega  
duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!

Metam-me debaixo dos comboios!

Espanquem-me a bordo de navios!

Masoquismo através de maquinismos!

Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,

Morder entre dentes o teu cap de duas cores!



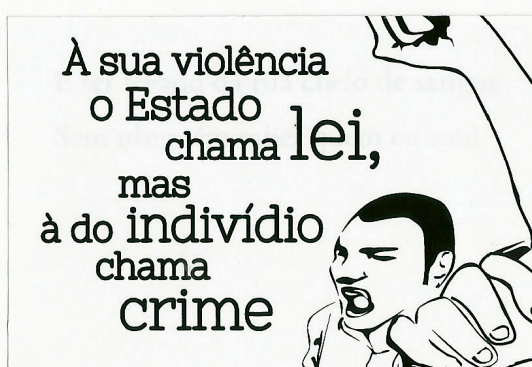
O autocolante presente na página da esquerda, reforça o conceito da violência que o sujeito poético é alvo por face ao Estado. Na página oposta o sujeito poético faz menção a prostitutas e a presença do autocolante “#Não Sou Só Cona” surge em contexto com “putas” tentando ser uma reacção contrária face às ideias do sujeito

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.



poético. Por último, sendo o texto uma referência a uma cidade, a presença do autocolante localiza o sujeito poético e a descreve.

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,

**#NÃO SOU SÓ CONA**

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

■■■■     ■■■■

**Make Porto Podre Again**

■■■■     ■■■■

A repugnância do sujeito face à cidade continua na página da esquerda, sugerindo fortemente a intenção de limpar a cidade. Já os autocolantes da página seguinte com autocolantes de imagens ilustrativas que aludem ao choque ou espanto funcionam como reacção face aos sucedidos descritos no texto quer na página actual quer nas páginas anteriores.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.

## **DESENTUPIMENTOS ESGOTOS 24H**

COZINHAS • LAVA-LOIÇAS • MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA • SIFÃO  
SANITAS • BANHEIRAS • BIDÉS • COLUNAS • CONDUTAS DE LIXO  
LIMPEZA DE TELHADOS • LIMPEZAS DE CHAMINÉS • ALGEROZES  
CALDEIRAS • CAIXAS • MAUS CHEIROS • FOSSAS • MONTAGEM DE  
BOMBAS • FILMAGEM DE INTERIORES DE TUBAGENS

**963 710 591** 1S,  
**915 479 034**

(Na nora do quintal da minha casa

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.

Limpa o suor com o braço,  
A luz do sol abafa o silêncio  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo  
Pinheirais onde a minha infância  
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva me  
Outra vez a obsessão movimenta

E outra vez a fúria de estar imerso  
Em todos os comboios

De todas as partes do mundo  
De estar dizendo adeus de boca aberta  
Que a estas horas estão levando  
Ou afastando-se das costas

Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó  
Ó cais, ó portos, ó comboios



Atendendo às descrições de desastres presente na página, a aplicação dos autocolantes nas duas páginas, sugere a necessidade de reparações e reciclagens. Os autocolantes aplicados na página acabam por criar informações adicionais.

Eh-lá grandes desastres de comboios!

Eh-lá desabamentos de galerias de minas!

Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!

Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,

Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,

Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,

A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,

E outro Sol no nov

**S.O.S REPARAÇÕES**  
224 069 538 / 918 857 346

<b>DESENTUPIAMENTOS</b> (Caixas, Cozinhhas, Sanitas, Colunas de lixo, Prumadas e todo o tipo de esgotos.)	<b>FECHADURAS</b> (Reparação-Abertura-Instalação.)
<b>MÁQUINAS LAVA LOIÇA E ROUPA</b> (Reparação Instalação.)	<b>ESTORES</b> (Reparação Instalação.)
<b>ELECTRICISTAS</b> (Reparação Instalação.)	<b>ESQUENTADORES CALDEIRAS</b> (Reparação Instalação.)
<b>CANALIZADORES</b> (Reparação Instalação.)	

**224 069 538** **918 857 346**  
*Piquete 24 Horas*

**224 069 538 / 918 857 346**

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,

# RESTAURO DE MÓVEIS

RESTAURAMOS E RECUPERAMOS MÓVEIS ANTIGOS, ESTRAGADOS,  
COM DEFEITOS OU QUE SOFRERAM ALGUNS DANOS.

**ORÇAMENTOS GRÁTIS**

**968 735 231**

**LENHAS**

PARA

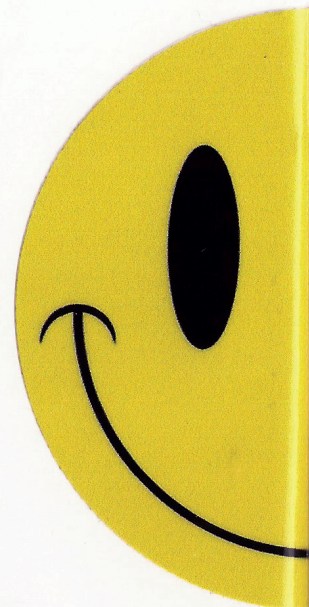
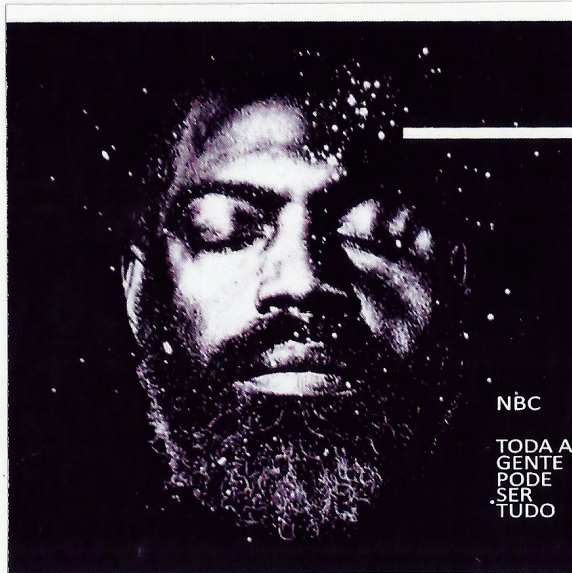
LAREIRAS,  
RECUPERADORES,  
SALAMANDRAS, ETC.

**917 233 217**

**229 885 581**

O sujeito poético entra em transe graças à aplicação do autocolante do NBC, expressando depois a sua alegria e felicidade. O autocolante é aplicado nas duas folhas levando uma continuidade da sua alegria.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Eu sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Entra-me em todos os comboios.

Entra-me em todos os cais.

Entra-me nas hélices de todos os navios.

Entra-me na!

Entra-me por mecânico e a electricidade!



A informação impressa nos autocolantes aplicados na última página enriquecem o espaço que o sujeito poético se encontra, isto é, ao dirigir-se para um elevador. A presença de palavras poucos usuais como “Hup-lá” oferece uma ideia de que o sujeito poético imita o movimento do elevador.

## ACESSO À CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

# ELEVADOR Nº 1

Cod. 13002142

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

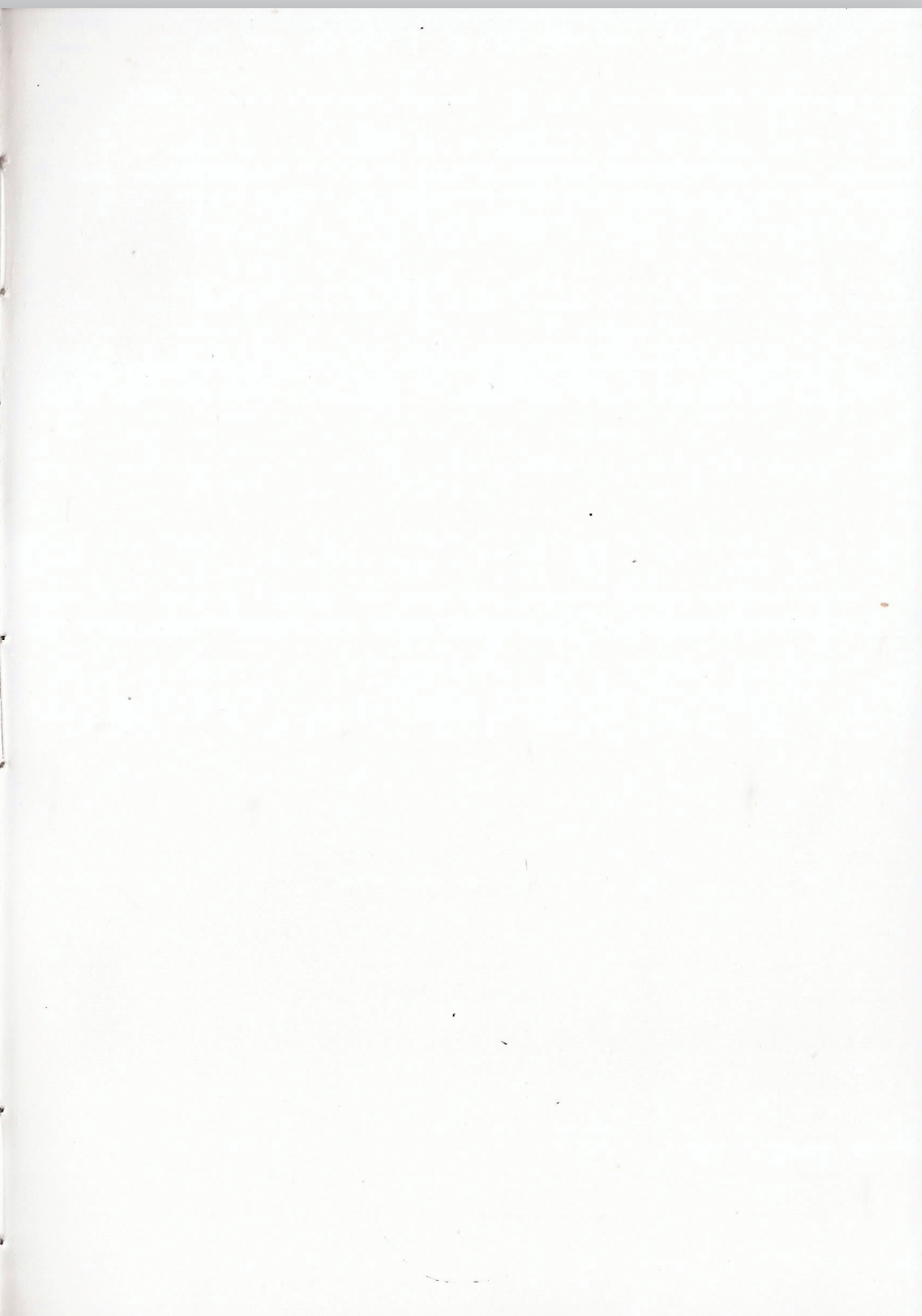
**S+**  
SCHMITT+SOHN  
ELEVADORES

### Manutenção completa

a cargo de SCHMITT-ELEVADORES, LDA.

Delegação Porto

Serviço 24 horas : ☎ 299 569 002



**LIVRO 7** Os autocolantes na página permitem um maior enriquecimento ao espaço que o sujeito poético se encontra.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas  
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza  
Para a beleza disto totalmente desconhecida do

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

**MÁQUINAS DO ASCENSOR - PERIGO**  
**ACESSO INTERDITO A PESSOAS**  
**ESTRANHAS AO SERVIÇO**

Cód. 15002006

**SECURITAS**  
Alcances MAI, Nº 22A, Nº 22B e C



**Para sua protecção,  
este local é objecto  
de videovigilância.**

Responsável pelo Tratamento de dados

Art 31º da Lei 342013 de 16 de Maio

uinas!

Na página da esquerda, o sujeito poético estabelece uma comparação entre os maquinismos e movimentos das máquinas da fábrica com a violência, isto porque estas máquinas continham Virgílio e Platão. Já na página seguinte, fruto das suas expressões, o sujeito poético expressa a sua existência, e esta é reforçada com o autocolante presente.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas  
e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro  
do Ésquilo do século cem,  
Andam por estas correias de transmissão e por estes  
êmbolos e por estes volantes,  
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,  
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo  
numa só carícia à alma.

A sua violência  
o Estado  
chama lei,  
mas  
à do indivíduo  
chama  
crime



Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente

Rasgar-me todo, abrir-me completamente ao mundo

A todos os perfumes!

Desta flora estranha e bela!

Das máquinas!

Do agente

cosmopolita

dos estrénuos,

Da transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono

das correias de transmissão!

**J'EXISTE.**

A presença de um autocolante que menciona a capital da França, Paris, localiza o sujeito poético no espaço. Na página oposta, o sujeito poético provoca as “burguesinhas” mencionadas na página, dizendo piropos acerca dos seios. Essa ideia surge graças à aplicação do autocolante das tetas da vaca.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
 Entre maquinismos e afazeres úteis!  
 Grandes cidades paradas nos cafés,



s de inutilidades ruidosas  
 am e se precipitam  
 gestos do Útil  
 odas-dentadas  
 naceiras do Progressivo!  
 m-alma dos cais e das gares!  
 os de estatura do Momento!  
 as de ferro sorrindo encostadas às docas,  
 las, nos planos-inclinados dos portos!  
 nacional, transatlântica, Canadian-Pacific!  
 das de tempo nos bares, nos hotéis,

Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
 E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram  
 Pela minh'alma dentro!

O autocolante “Não Sou Só Cona” reage em oposição ao primeiro autocolante, como forma de resposta aos piropos.



À la foule!  
montras!  
mente bem-vestidos;  
cos;  
nília vagamente felizes  
e atravessa o colete

Te passa e nunca passa!

Presença acidentalmente acentuada das cocotês

Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,

Que andam na rua com um fim qualquer;

A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;

**#NÃO SOU SÓ CONA**

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

O sujeito poético contempla a cidade e os aspectos negativos desta, sendo que a presença do autocolante sugere uma intenção de a limpar. Na página seguinte, em resposta à enumeração do texto, o sujeito poético a entende como publicidade e a rejeita-a. A presença do autocolante do ciclista acaba por ilustrar o sujeito poético, possivelmente a andar de bicicleta nesta cidade.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez-à-la-carte



com o olfacto  
facto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!

Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!

Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,

Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,

calmos escritórios!

**PUBLICIDADE NÃO ENDEREÇADA**

**AQUI NÃO**



**OBRIGADO**

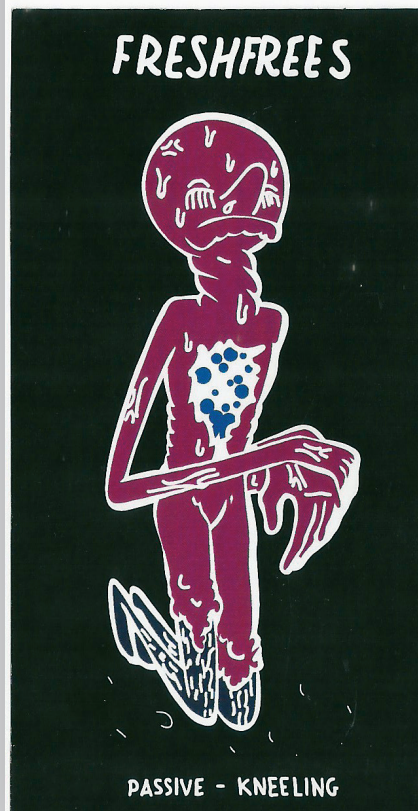
Lei n.º 6/99, de 27 de Janeiro de 1999



A presença dos dois autocolantes reforça uma ideia de submissão que os habitantes da mesma cidade são sujeitos face ao seu superior, neste caso, uma figura religiosa. A sua aplicação foi aplicada em função da palavra "Deus" mencionada na página da esquerda.

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.



te e enroscando a minha vista  
as grandes, banais, úteis, inúteis,  
modernas,  
temporâneas, forma actual e próxima  
mediato do Universo!  
o metálica e dinâmica de Deus!



halls, ó Luna-Parks,

ituantes —

ndescida

la,

uma mulher bela

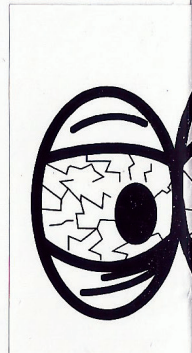
cha interessantíssima.

O autocolante na página da esquerda surge em posição face ao segmento “Orçamentos Falsificados”, sugerindo que este mesmo orçamento fora projectado por Pedro Arroja. Já o autocolante presente nas duas páginas oferecem uma ideia de irritação que o sujeito poético é alvo face aos sucedidos nestas duas páginas. O autocolante presente na página da direita surge em tom de desafio.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!



Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.



Eu podia morrer triturado por um motor

Com o sentimento de deliciosa entrega

duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!

Metam-me debaixo dos comboios!

anquem-me a bordo de navios!

soquismo através de maquinismos!

ismo de não sei quê moderno e eu e barulho!



**QUERO QUE  
ME QUEIXAS...**

[facebook.com/HeroiDeRua](https://www.facebook.com/HeroiDeRua)

O sujeito poético entra num elevador para contemplar a cidade que irá descrever na próxima página. Os autocolantes presentes implementam uma ideia de um elevador e do acto de subir. Já o autocolante aplicado na página da direita interliga os contextos e conteúdos presentes nos dois lados da folha.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!



**Atenção**

com bagagem  
volumosa use  
o elevador



Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo

e onde eu me posso banhar como queria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!

Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,

As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,

Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto

E os gestos que faz quando ninguém pode ver!

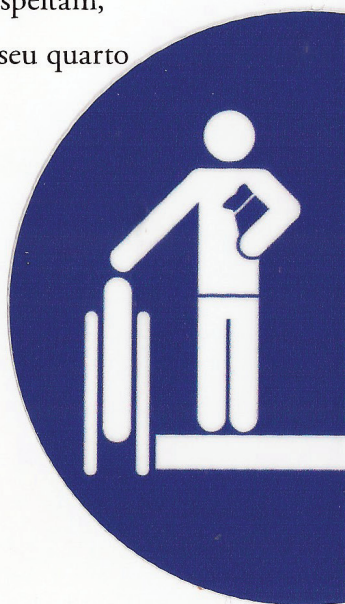
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,

Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome

Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos

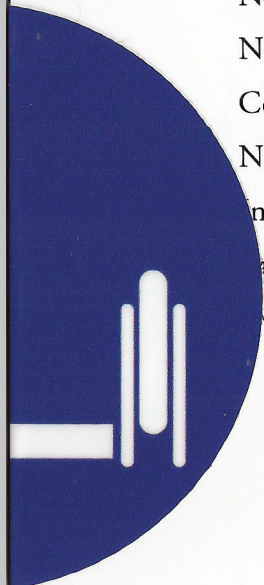
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas

Nas ruas cheias de encontrões!



O autocolante aplicado oferece uma continuidade nos dois lados da folha e o segundo autocolante. Os autocolantes concebem uma ideia de que o sujeito poético observa um local movimentado.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e  
Maravilhosamente gente humana  
Que está abaixo de todos  
Para quem nenhuma regra  
Nenhuma arte criada  
Nenhuma política de  
Como eu vos amo a todos  
Nem imorais de tão baixa  
Inatingíveis por todos os  
Uma maravilhosa do fundo  
Na nora do quintal da minha casa



O sujeito poético, com a presença do autocolante, reage com desagrado, procurando uma intenção de limpar a decadência de uma cidade que é diferente daquela que recorda na infância.

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)

## **DESENTUPIMENTOS ESGOTOS** **24H**

de

COZINHAS • LAVA-LOIÇAS • MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA • SIFÃO  
SANITAS • BANHEIRAS • BIDÉS • COLUNAS • CONDUTAS DE LIXO  
LIMPEZA DE TELHADOS • LIMPEZAS DE CHAMINÉS • ALGEROZES  
CALDEIRAS • CAIXAS • MAUS CHEIROS • FOSSAS • MONTAGEM DE  
BOMBAS • FILMAGEM DE INTERIORES DE TUBAGENS

**963 710 591**  
**915 479 034**

Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

O autocolante aplicado na página da esquerda enfatiza a corrupção e o caos políticos descrito no texto. O autocolante aplicado nas duas páginas sugere uma intenção de o sujeito poético mostra rebeldia contra o controlo do sistema.

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,

**CONFIA AS SUAS POUPANÇAS NUM  
BANCO MENTIROSO?**

**"NOVO BANCO MANTÉM INTENÇÃO DE  
PAGAR PAPEL COMERCIAL SUBSCRITO  
PELOS CLIENTES DE RETALHO AOS SEUS  
BALCÕES" - SITE NOVO BANCO, JANEIRO 2015**

**TENHAM VERGONHA!  
PAGUEM PAPEL COMERCIAL**

**NOVO BANDO**



O autocolante da proibição do acto de fumar surge em oposição da expressão “... quente como um fogareiro”, reforçando a ideia de controlo por parte do sistema.



Que importa tudo isto,

Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,

Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?

Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,

O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,

O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,

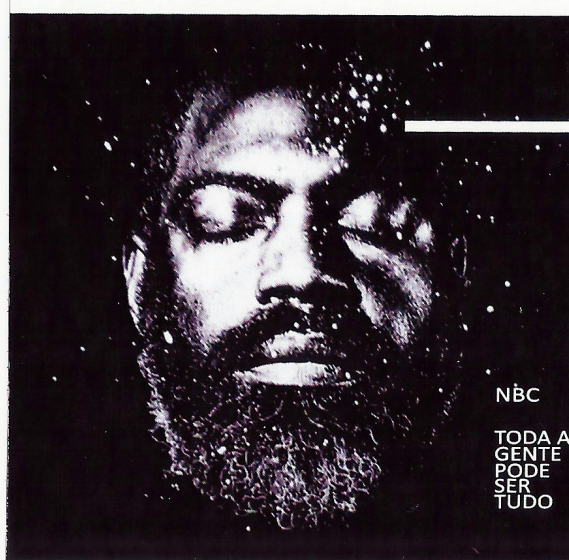
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes

Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.



O sujeito poético expressa um momento de contemplação e o autocolante presente na página reforça esse sentido. O autocolante aplicado na direita funciona como elemento ilustrativo que complementa com o autocolante da esquerda, sendo uma criança a observar o sujeito poético.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!



O autocolante entra em contexto com o verbo “galgar” e com as expressões “Hup-lá”, “Hê-lá!” oferecendo a ideia que o sujeito poético move-se e tem a agilidade de um gato.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

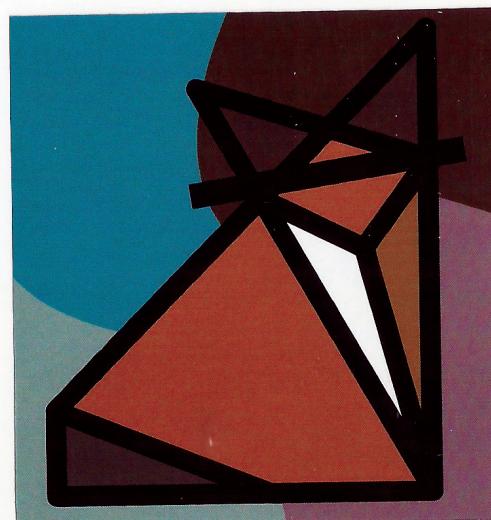
Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

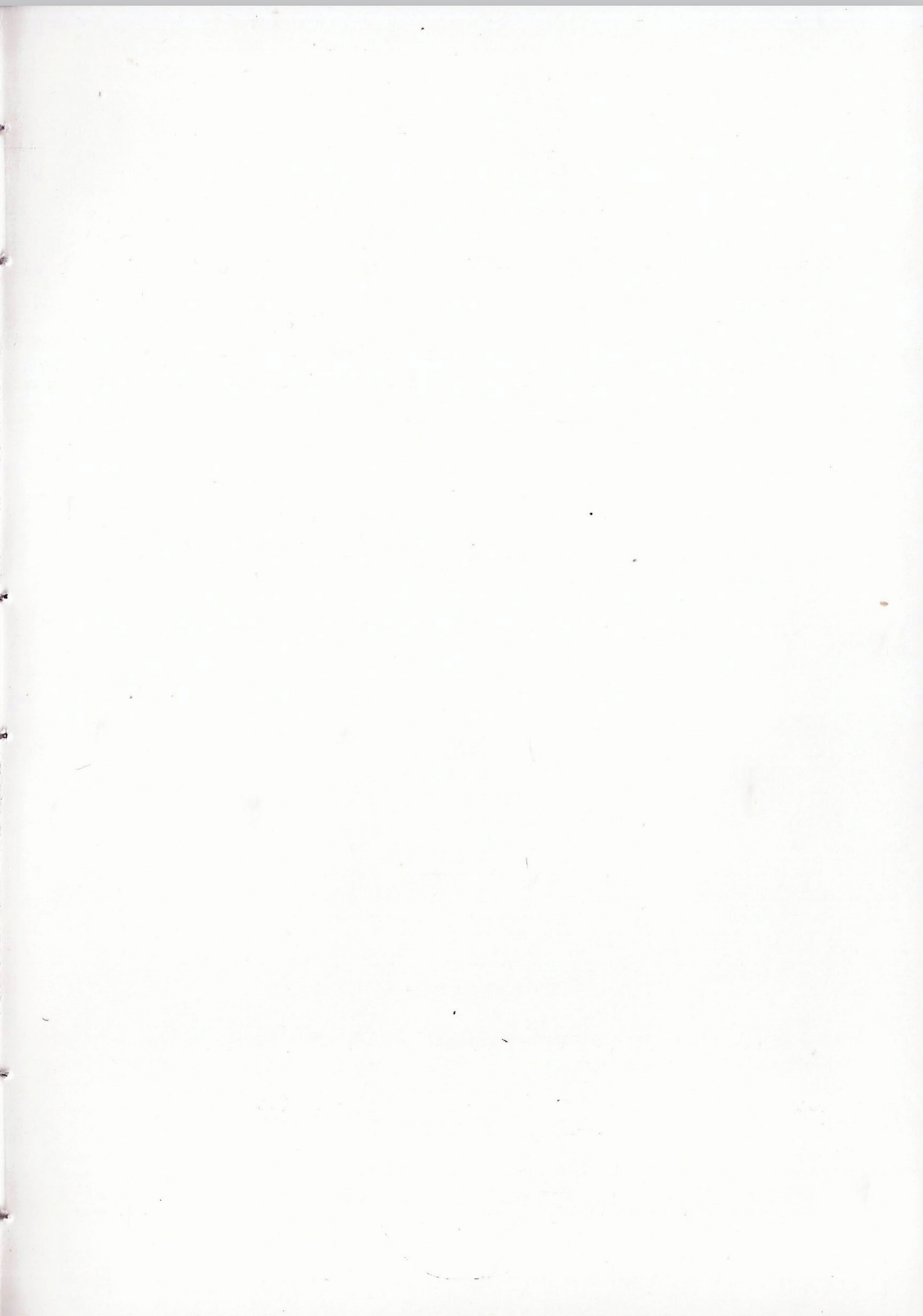
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

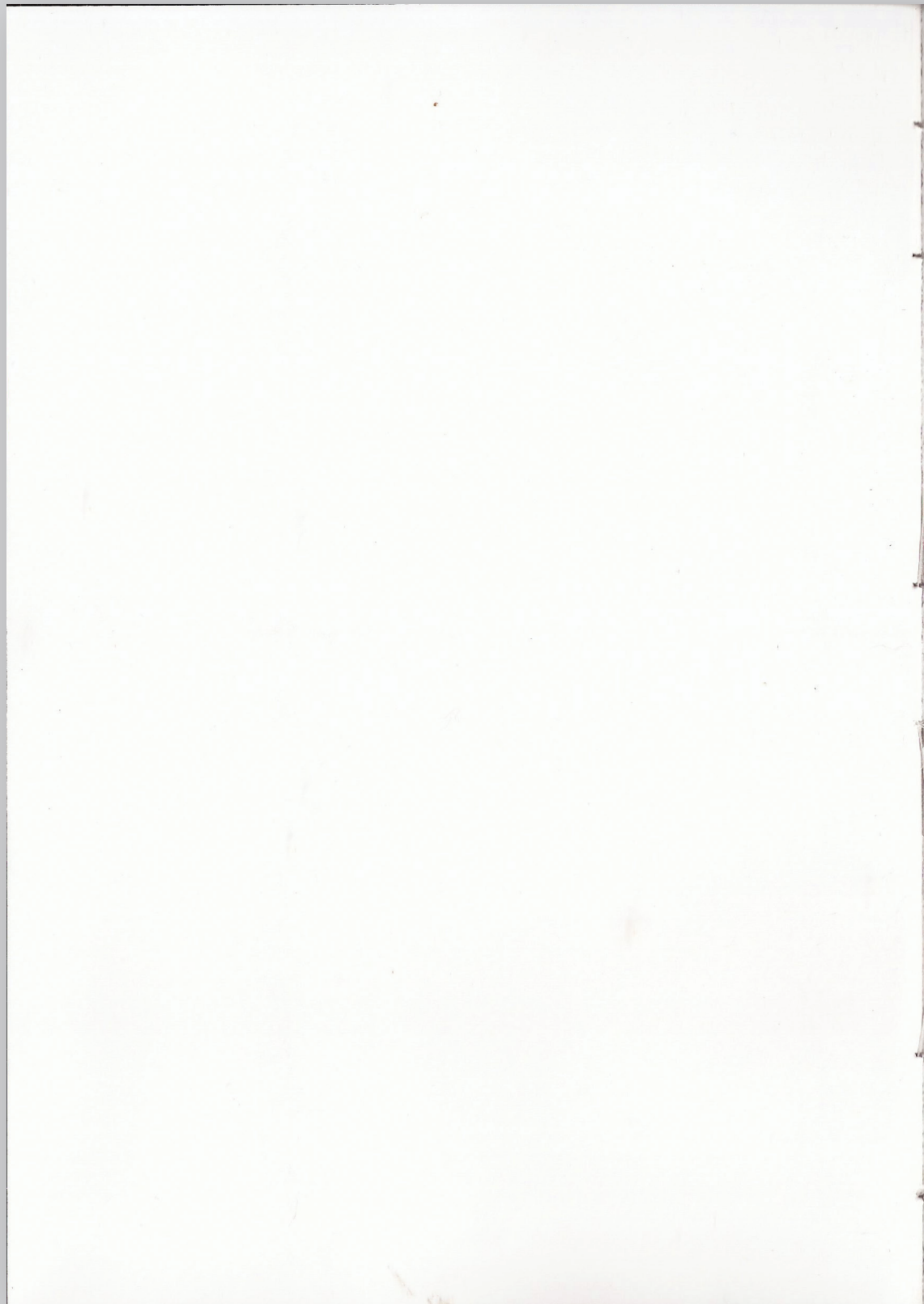
Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 — Junho.





**LIVRO 8** O autocolante aplicado fortalece a ideia do sentido dos movimentos que as máquinas da fábrica fazem. O sujeito poético descreve-os como dotados de um sentido único.



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora dentro de mim.  
Permito-me escrever  
E sinto que não quero parar com  
De  
Com  
sinto!  
nos,  
um excesso  
quinas!

**sentido**  
**único**

compartimento

[www.facebook.com/sentidounico](http://www.facebook.com/sentidounico)

O autocolante na página da esquerda surge em conciliação com a ideia do tempo e a sua aplicação sugere uma necessidade de restauro. No lado oposto, o sujeito poético expressa a sua contemplação pelas máquinas, todavia é contrariado pela aplicação do autocolante alusivo à publicidade que se opõem a ele, isto porque ele estava a irritar, como o autocolante dos olhos indicam.

Em febre e olhando os motores como a uma

Natureza tropical —

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

**RESTAURO DE MÓVEIS**

**RESTAURAMOS E RECUPERAMOS MÓVEIS ANTIGOS, ESTRAGADOS,  
COM DEFEITOS OU QUE SOFRERAM ALGUNS DANOS.**

**ORÇAMENTOS GRÁTIS**

**968 735 231**

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo

numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor  
Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

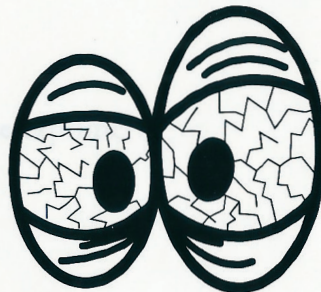
como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!



## **PUBLICIDADE NÃO ENDEREÇADA**

**AQUI NÃO**



**OBRIGADO**

Lei n.º 6/99, de 27 de Janeiro de 1999

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

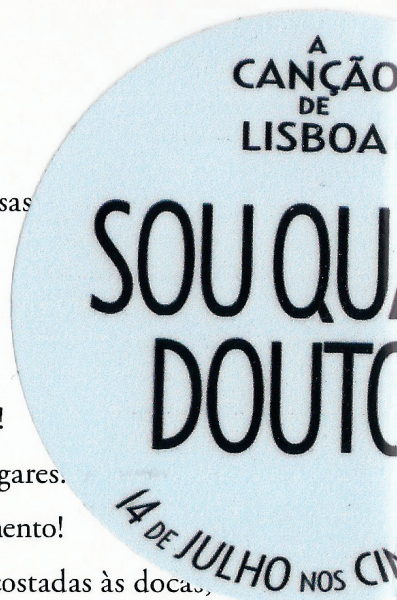
Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono

das correias de transmissão!

O autocolante aplicado nas duas páginas localizam o sujeito poético na cidade de Lisboa, também sugerindo que é “quase doutor”. Os autocolantes de crianças ilustram a cidade dando a ideia que se encontram a brincar na rua.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas  
e as chumaceiras do Progressivo!  
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares.  
Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,  
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!  
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!  
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram  
Pela minh'alma dentro!



ASE  
OR  
NEMAS

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!

Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!

Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;

Membros evidentes de clubes aristocráticos;

Malvidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes

Com o ornais até na corrente de ouro que atravessa o colete

Da gibeira a algibeira!

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!

Presença demasiadamente acentuada das cocotes

Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,

Que andam na rua com um fim qualquer;

A graça feminil e falsa dos pederastas que p

E toda a gente simplesmente elegante que p

E afinal tem alma lá dentro!



eu desejaria ser o souteneur dist



Os autocolantes aplicados reforçam e dão contexto às ideias que o sujeito poético expressa acerca da corrupção que decorre na cidade. O autocolante aplicado nas duas páginas surge em função da descrição do texto da página esquerda. O autocolante na direita surge em posição de crítica ao capitalismo que corrompe a cidade.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez-à-la-caisse, grandes crimes –  
Duas colunas deles passando para a segunda  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vients-de-paraître amarelos como uma cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

**CONFIA AS SUAS POUPANÇAS  
BANKO MENTIROSO**

“NOVO BANCO MANTÉM INTERESSE EM  
PAGAR PAPEL COMERCIAL SUO  
PELOS CLIENTES DE RETALHO  
BANCOS” - SITE NOVO BANCO, J

**TENHAM VERGONHA  
PAGUEM PAPEL COMERCIAL**

**NOVO BANCO**

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!

Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!

Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,

Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,

alongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

ÇAS NUM  
O?  
NÇÃO DE  
BSCRITO  
AOS SEUS  
ANEIRO 2015  
HAI  
RCIAL

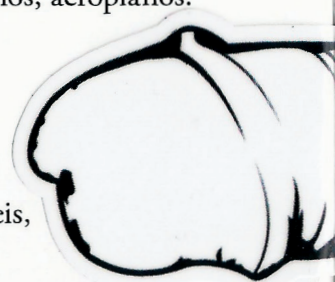
ND

Se não queremos  
ser destruídos pelo  
capitalismo  
então  
o capitalismo  
terá de ser  
destruído  
por nós



A aplicação de um autocolante de pênis mais a presença de um autocolante com um desenho de um animal de boca aberta ilustra uma perversão sexual que o sujeito poético expressa face à indústria e ao desenvolvimento tecnológico, principalmente no texto da página da direita. A perversão sexual se deve à presença

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!



do excerto “Possuo-vos como a uma mulher bela que não se ama” e da palavra “Ó”  
indicando um exaltação sexual.

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela  
que não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.



O autocolante aplicado na página da esquerda é usado como elemento ilustrativo face à ideia de espanto que o sujeito poético expressa no texto com as expressões como “Eh-lá-hô”. A presença de a cabeça de um homem a surgir de uma pequena abertura reforça esse sentido. Já na página oposta, entrando em contexto à “morte” do sujeito poético pelas máquinas, o autocolante “Luto Ferroviário” é aplicado.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos!  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como um homem)  
E um parlamento tão belo como uma mulher!



Eh-lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega  
duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!



os!  
u e barulho!  
by,  
as cores!

A aplicação de um autocolante com uma figura religiosa se deve à sua associação com a palavra “catedrais”, reforçando o sentido religioso. Com a aplicação do autocolante correspondente aos elevadores oferece-se a ideia de que o sujeito poético se elevou numa catedral graças ao elevador.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.



**Atenção**

com bagagem  
volumosa use  
o elevador



No outro lado da página, o sujeito poético expressa uma contemplação pessoal face ao espaço urbano à sua volta.

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo

e onde eu me posso banhar como quereria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!

Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,

As dissensões domésticas, os d

Os pensamentos que cada um

E os gestos que faz quando nin

Não saber tudo isto é ignorar t

Ó raiva que como uma febre e

Me põe a magro o rosto e me a

Em crispações absurdas em ple

Nas ruas cheias de encontrões!



NBC  
TODA A  
GENTE  
PODE  
SER  
TUDO

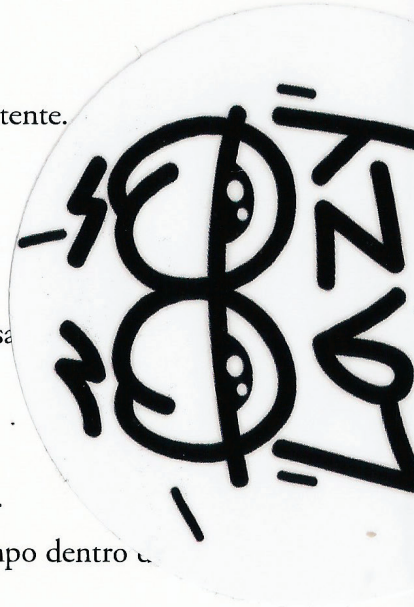
No texto da página do lado esquerdo, o sujeito poético estabelece uma comparação entre “gente ordinária” e “cães” e a aplicação de um autocolante que restrita animais fortalece uma intenção de este proibir a sua presença na cidade.

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
Que emprega palavrões como palavras usuais,  
Cujos filhos roubam às portas das mercearias  
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.  
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães  
Que está abaixo  
Para quem nenh  
Nenhuma arte c  
Nenhuma polít  
Como eu vos am  
Nem imorais de  
Inatingíveis por  
Fauna maravilho  
(Na nora do qui



O autocolante aplicado nos dois lados da folha e com a presença de palavras como "Lazy" surge em contexto do trabalho do trabalhador citado no texto. O sujeito poético não só o menospreza como também o chama de preguiçoso.

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro e  
fora  
todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!



A outra metade do autocolante aplicado na margem exterior surge em contexto com as tragédias descritas no texto, chamando-as de produções ou reacções produzidas pela corrupção. O autocolante aplicado na página da esquerda surge em reacção o desprezo que o sujeito poético expressa pela “grande invasão dos bárbaros amarelos”.

Productions!  
facebook.com/lczil

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,

**THIS IS  
435ISM**

Nesta página, com a aplicação de um autocolante que faz referência a desentupimentos, recontextualiza o texto mostrando uma intenção do sujeito poético em fazer limpezas.

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto

Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,

Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?

Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,

# **DESENTUPIMENTOS ESGOTOS**

**RALOS • SANITAS • LAVA-LOIÇAS**

**ALGEROZES • CHAMINÉ • CANALIZAÇÃO**

**FOSSAS • LIMPEZA DE TELHADOS**

**962 384 250**

O autocolante aplicado na página fora aplicado em oposição ao texto que enumera objectos e construções de índole industrial, levando a entender que o texto do poema é publicitário. A sua aplicação sugere uma forma de comentário ou posição contrária face à enumeração.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Face à répétition da palavra “Eia” que o sujeito poético exalta, o autocolante aplicado nos dois lados da folha dão uma ideia que este se encontra a cantar.

Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

WWW.FACEBOOK.COM/HIPHOPCONSENTIDO

HIPHOP

A palavra “Eia” também se repete na página seguinte, daí a aplicação do autocolante nos dois lados da folha. O último autocolante surge em contexto à realização espiritual que o sujeito poético expressa no texto, ilustrando-o.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

*Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!*

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

**COM  
SENTIDO**

HIP HOP EM TODO O LADO.

s, 1914 — Junho.

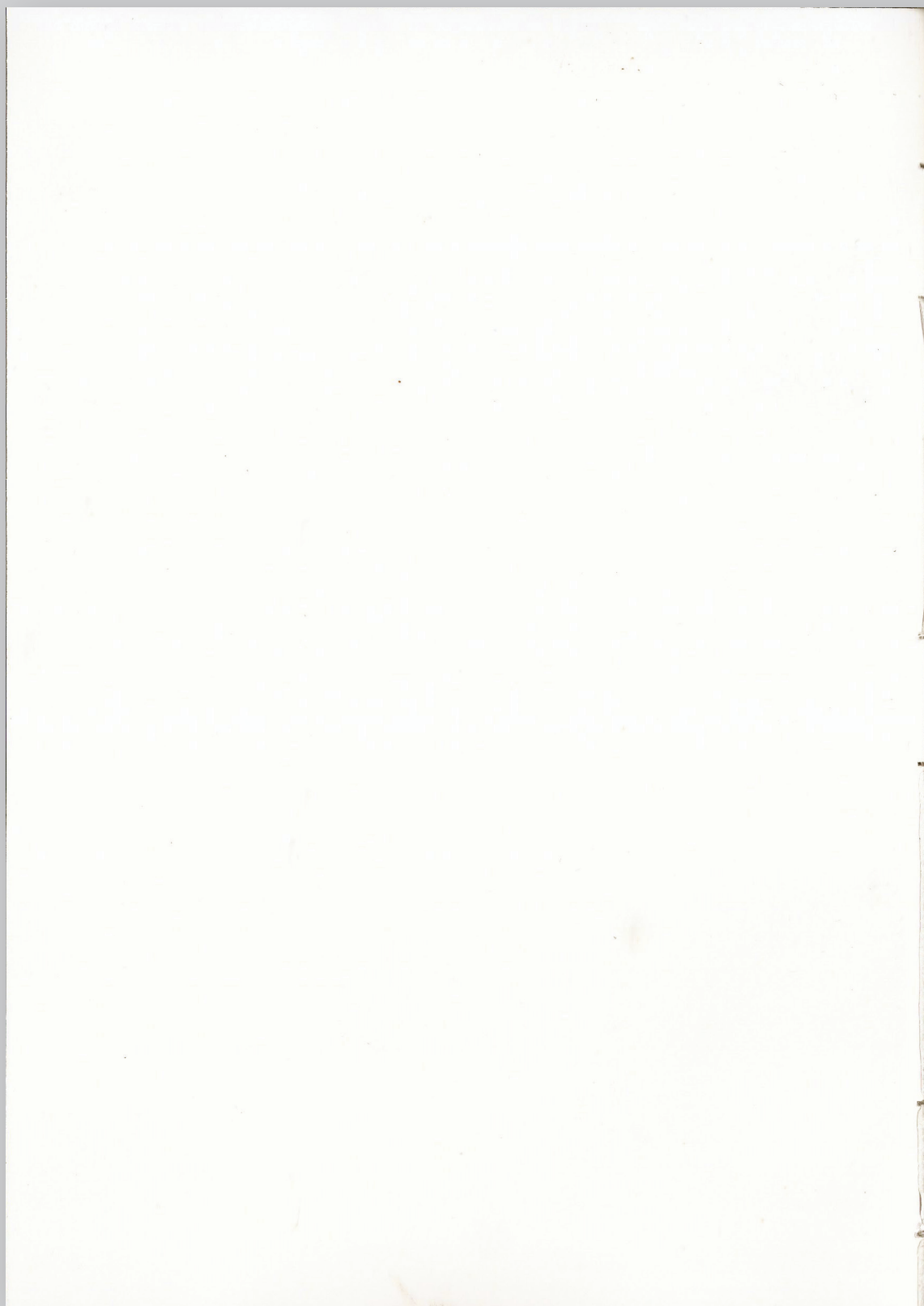




NBC

TODA A  
GENTE  
PODE  
SER  
TUDO

**LIVRO 9** Os autocolantes aplicados na página acrescentam mais detalhes acerca do sujeito poético quanto ao espaço (fábrica e máquinas do elevador) que se encontra e à acção (movimento descendente do autocolante azul).



À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.

## ACESSO À CASA DE MÁQUINAS DO ELEVADOR

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r etc  
Forte espasmo retido dos maquinis  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos disse  
Por todas as papilas fora de tu  
Tenho os lábios secos, ó grande  
De vos ouvir demasiadamente d  
E arde-me a cabeça de vos querer  
De expressão de todas as minhas sensa  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó m



O fantasma presente na página da esquerda personifica as figuras históricas mencionadas no texto, como Platão, Virgílio e Alexandre Magno, e a sua reacção face ao “reconhecimento” da civilização moderna por eles. O autocolante também entra em contexto com o autocolante do pénis na página da direita, que ilustra a vontade de o sujeito poético se penetrar “fisicamente de tudo”.

Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas  
e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro  
do Ésquilo do século cem,



reias de transmissão e por estes  
estes volantes,  
ficiando, estrugindo, ferreando,  
so de carícias ao corpo  
cia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

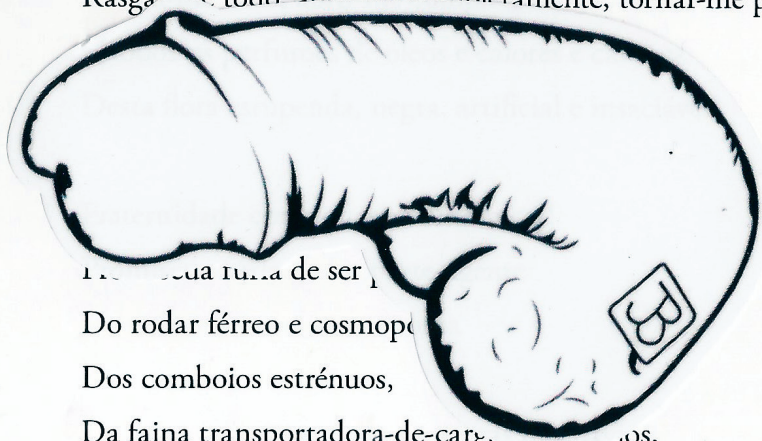
Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante

como um automóvel último-modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento



...a tua tua de ser

Do rodar férreo e cosmop

Dos comboios estrénuos,

Da faina transportadora-de-carg- os,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

E do quase-silêncio ciciante e monótono

das correias de transmissão!

Enquanto que a metade superior do autocolante está aplicada na página anterior, sugerindo a morte das máquinas por causa da penetração do sujeito poético, na página seguinte, ilustra os transportes da cidade. O autocolante aplicado no meio não só localiza o sujeito poético na cidade do Porto, como também a descreve.

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas  
e as chumaceiras do Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas

Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados do

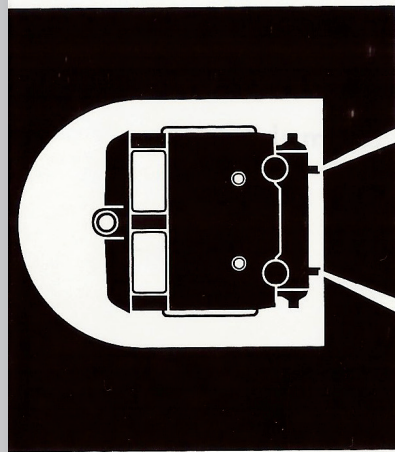
Actividade internacional, transatlântica, Cana

Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos





aps e nos Derbies e nos Ascots,

e Avenues de L'Opéra que entram

a dentro!



Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotès  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)

  ■■■■ nhas, mãe e filha geralmente,  
na rua com um fim qualquer;  
nil e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
e simplesmente elegante que passeia e se mostra  
  ■■■■ alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

O autocolante aplicado nas duas páginas entra em contexto com a palavra “jornal”, fortalecendo a ideia de um diálogo com o sujeito poético com o leitor ou com uma outra personagem no livro. O autocolante aplicado na direita contextualiza com o primeiro autocolante e com a ideia de corrupção e inflação que o texto menciona na página da esquerda, brincando com a disparidade dos valores.

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarras os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!  
Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez-à-la-caisse, grandes crimes  
Duas colunas deles passando para a segunda  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vients-de-paraître amarelos como uma ci...  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!



Aubos, debuladoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

**Novo Preço**

**6,00 €**

Ainda na cidade do Porto, o autocolante aplicado nas duas páginas fortalecem uma ideia geral de vastidão de podridão na cidade. O autocolante aplicado na esquerda localiza o sujeito poético numa rua.

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se  
é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos  
Progressos dos armamentos gloriosamente mo  
Couraças, canhões, metralhadoras, submarino  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.

**SV: 000752 / 2015**

DIVISÃO MUNICIPAL DE TRÂNSITO



Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —

Na minha mente turbulenta e encandescida

Possuo-vos como a uma mulher bela,

Completamente vos possuo como a uma mulher bela

o se ama,

ra casualmente e se acha interessantíssima.

AKE  
ORTO  
ODRE  
GAIN!!!!

O autocolante aplicado na esquerda entra em contexto com a palavra “Orçamentos falsificados”, fortalecendo uma ideia de ambiente de fraude e de mentiras que se vive na cidade. O autocolante aplicado na direita ilustra o acto do sujeito poético ao afirmar a sua intenção de entrar numa fornalha.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

**CONCERTO DE  
ELECTRODOMÉSTICOS  
AO DOMICÍLIO**

**ORÇAMENTOS  
GRATIS**

**919556193**

... a vida,  
... os brilhantes nas montras  
... entre os astros  
... indo as costas  
... e o mesmo  
... ealmente Platão  
... a carne com a alma dentro,  
... e havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega  
duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masoquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e ba  
Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu cap de duas cor



O autocolante do elevador aplicado na esquerda adiciona novas informações ao texto e, principalmente à ideia do movimento do ascensor (“Eh-lá, eh-lá, eh-lá...”). O autocolante “Ariuken”, sendo uma cabeça, ilustra o estado de alma do sujeito poético, descrito na última linha. A expressividade do rosto incita uma ideia de loucura.

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!

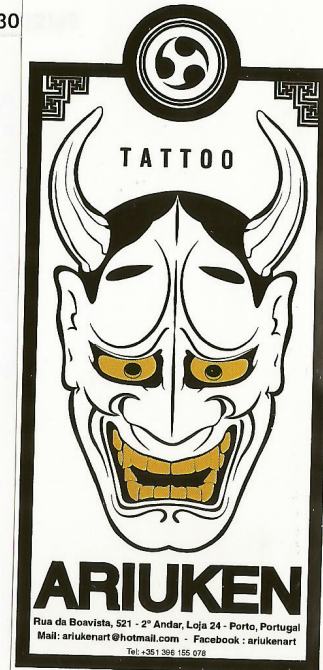
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!

Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

## ELEVADOR Nº 1

Cod. 130



Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas  
Rio multicolor anónimo

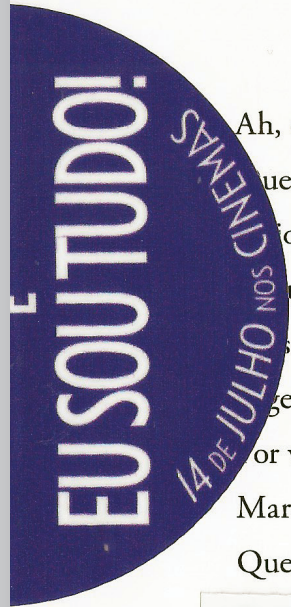
e onde eu me posso banhar como quereria!

Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!

A  
CANÇÃO  
DE  
LISBOA

TU ÉS UM QUASE

O autocolante aplicado nos dois lados da folha interliga os conteúdos das duas páginas, para além de indicar uma conversa entre o sujeito poético e os demais habitantes mencionados no texto. Os restantes dois autocolantes aplicados na mesma página contextualizam bem entre si com a expressão do texto “Que está



Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,  
que emprega palavrões como palavras usuais,  
os filhos roubam às portas das mercearias  
as filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —  
esturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.  
gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa  
por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.  
Maravilhosamente gente humana que vive como os cães  
Que está abaixo de todos os sistemas morais,

## O PEDRO ARROJA JÁ ENOJA



Nem imorais  
Inatingíveis pe  
Fauna maravi  
(Na nora do q

nem maus,



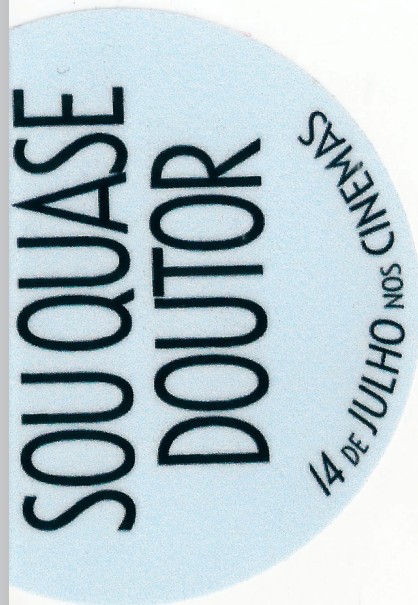
[www.facebook.com/domrubirosa](http://www.facebook.com/domrubirosa)  
[www.twitter.com/domrubirosa](http://www.twitter.com/domrubirosa)  
[www.instagram.com/domrubirosa](http://www.instagram.com/domrubirosa)  
[www.youtube.com/domrubirosa](http://www.youtube.com/domrubirosa)  
[www.domrubirosa.com](http://www.domrubirosa.com)

abaixo de todos os sistemas morais”. O autocolante de Pedro Arroja provoca um conceito de desprezo que o sujeito poético tem por ele, enquanto que o outro autocolante foi aplicado para explicar os motivos desse mesmo desprezo.

O burro anda à roda, anda à roda,  
E o mistério do mundo é do tamanho disto.  
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.  
A luz do sol abafa o silêncio das esferas  
E havemos todos de morrer,  
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)  
Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!  
Outra vez a obsessão movimentada dos ónibus.  
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de  
    todos os comboios  
De todas as partes do mundo,  
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,  
Que a estas horas estão levantando ferro  
    ou afastando-se das docas.  
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!  
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

O autocolante aplicado no lado esquerdo é também aplicado nos dois lados. A sua repetição sugere uma nova localização do espaço físico que o sujeito poético se encontra, nesse caso, em Lisboa. O conceito desse mesmo autocolante sugere também o possível motivo na qual o sujeito poético expressou a sua superioridade face aos demais.

Eh-lá grandes desastres de comboios!  
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!  
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!  
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,  
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,  
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,  
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,  
E outro Sol no novo Horizonte!



Em função dos versos cinco e seis e com a aplicação dos respectivos autocolantes, oferece-se a ideia que o sujeito poético se encontra a defecar e na qual aconteceu um imprevisto. A presença da cabeça ilustra a loucura e o esforço deste.

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
da bebedeira dos metais.



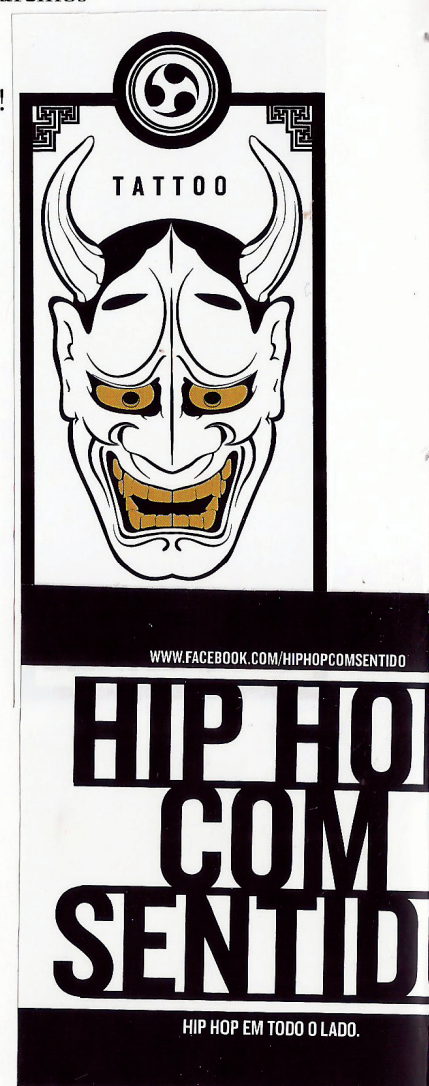
**DESENTUPIMENTOS**

**SimpliEsgotos**

**800 917 917**

A repetição constante do autocolante acaba por criar um perfil do sujeito poético, representando-o como uma figura diabólica. A presença do autocolante alusivo ao hip hop sugere que este se encontra a cantar. A repetição da palavra “Eia” fortalece essa ideia.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos  
de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!



Eia! eia! eia!

Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

O sujeito poético, em função do uso de palavras poucos usuais no texto, como “Hé-lá!”, “He-hô!”, “H-o-o-o-o!” e “Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!” e do último verso entra em transe e contemplação espiritual e o autocolante reforça e ilustra essa ideia.

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

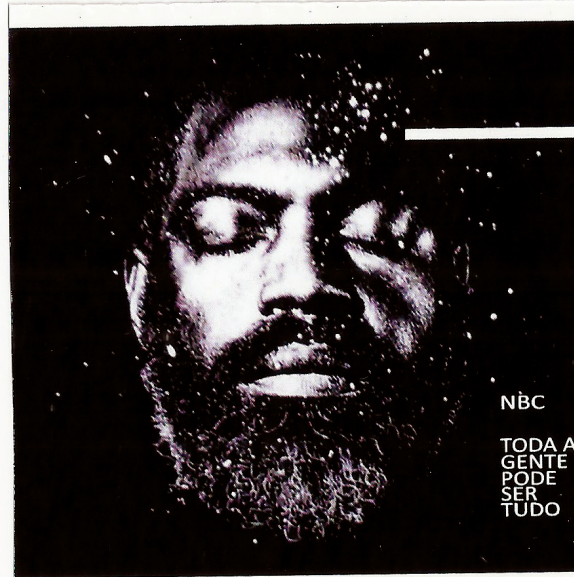
Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

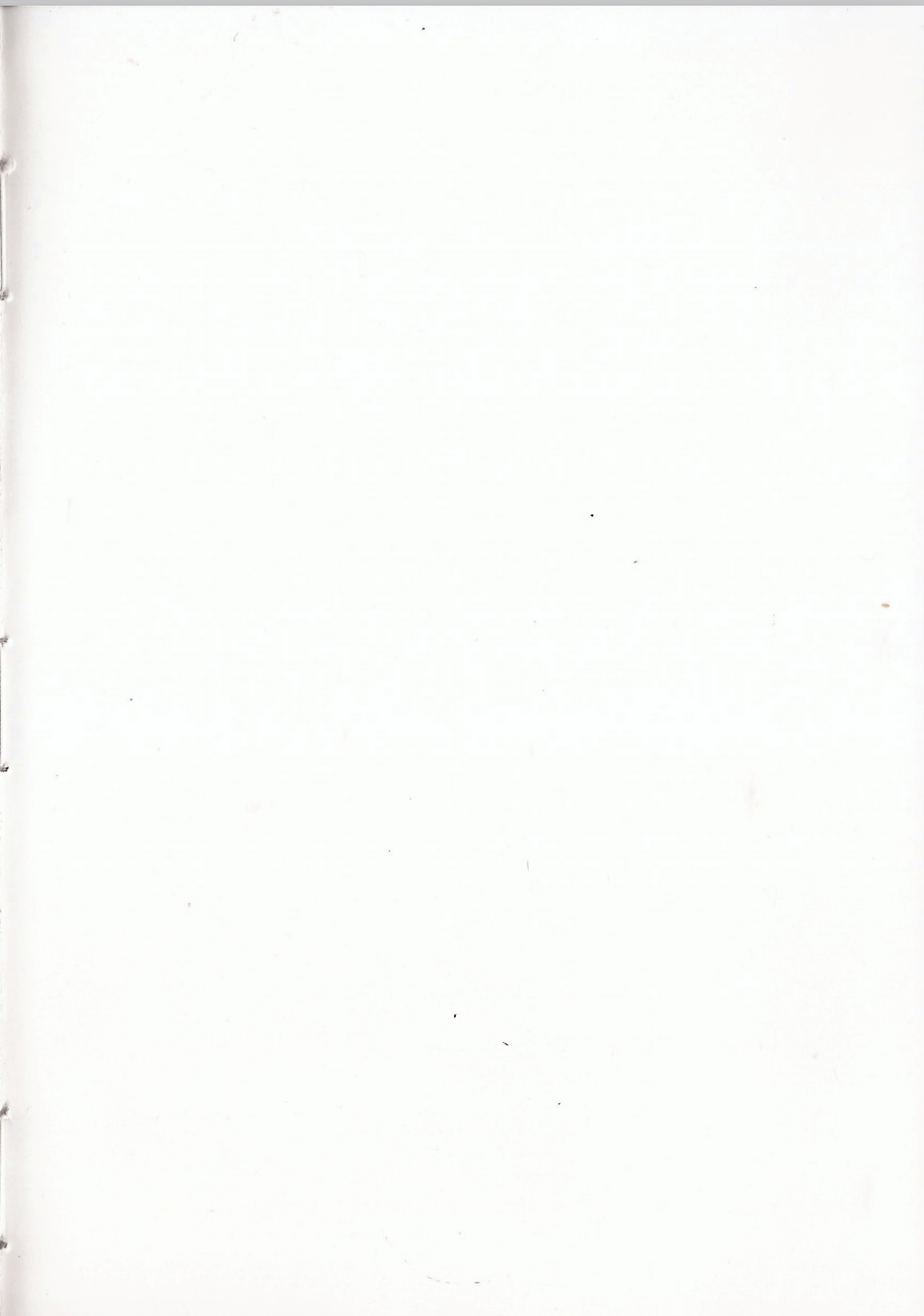
Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!





## Conclusões do Trabalho Prático

O texto do livro, após a aplicação dos autocolantes, foi alvo de recontextualizações na sua mensagem. O conceito da mensagem continua o mesmo, isto é, o amor às máquinas e uma crítica à sociedade moderna. Todavia, com a aplicação dos autocolantes o seu sentido é diferente. Os livros comparando entre si contam a mesma coisa de maneiras diferentes.

A aplicação dos autocolantes ofereceu ao texto uma nova forma de o interpretar. Novas personagens, diálogos ou situações foram criados. Dependendo da natureza gráfica do adesivo e do local da sua aplicação, o conceito do texto ora é enriquecido com a adição de novas informações acerca do espaço e da acção do sujeito poético, ora ganha narrativas adicionais que acabam por estabelecer novos e diferentes conceitos em relação com a versão original.

O autocolante tem o seu significado e propósito original modificado, e isso varia de acordo com a natureza gráfica. Os autocolantes publicitários provocou resultados cómicos e irónicos. O exemplo mais perceptível são os autocolantes referentes ao desentupimentos de esgotos ou reparações. A sua aplicação reforça o sentido da crítica à sociedade moderna e seus desastres. Outro exemplo a considerar são os autocolantes alusivos à divulgação de música, como o “NBC”, “Dom Rubirosha” ou “Amantes do Trance”, que acrescentam informações adicionais ao texto e vê o seu próprio conceito recontextualizado. Os autocolantes urbanos usados como forma de crítica, como “Pedro Arroja”, “Make Porto Podre Again”, “Novo Bando”, “This Is Not America”, “#Não Sou Só Cona” e “Luto Ferroviário” reforçam a ideia de podridão da sociedade moderna e da cidade. Os autocolantes que são usados como forma de assinatura (“J’existe”, “Quero que me Queixas”, “Je Suis Partout” e “This is 435ism”) perdem o seu conceito e funcionam como um reforço à expressividade do sujeito poético. Os autocolantes de cadernetas e urbanos (estes com ilustrações), em relação com os autocolantes publicitários, tem uma presença mais passiva e funcionam mais como um elemento que ilustram o contexto do texto. Por último, os autocolantes informativos são recontextualizados e adicionam novas situações à acção e pensamento do sujeito poético e do espaço que este se encontra, como proibições. A aplicação de autocolantes alusivos à maquinaria enriqueceram o conceito de máquina que o sujeito poético faz menção, adicionando informações acerca do espaço que ele se encontra.

## **CONCLUSÕES**

O autocolante é uma ferramenta gráfica incrível e um meio flexível. A sua enorme flexibilidade acaba por ser uma vantagem quanto à possibilidade de conceber novos e inesperados conteúdos e leituras. O autocolante, com as suas particularidades gráficas impressas, provocam não só diferentes recontextualizações do contexto do livro como influencia a leitura do livro em si. Aplicado no livro, o autocolante também vê o seu sentido alterado.

O autocolante e a mensagem do livro estabelecem uma relação forte, similar à relação entre texto e imagem. Neste exemplo, a imagem é um forte elemento na produção de sentido e a sua complementaridade com o texto cria novos sentidos. Apesar de cumprir papéis diferentes na comunicação, ambos os elementos transpõem as suas próprias barreiras criando linguagens híbridas, que transitam uma dentro de outra, formando novos sentidos (Fassina, Cavalcante & Andrade, 2009).

O conteúdo é mais fácil de ser entendido com um autocolante. No entanto o mesmo autocolante acaba por se destacar mais que o texto, este assumindo um papel secundário. O autocolante é lido como texto e o texto é visto como imagem.

Na informação impressa no adesivo, autocolantes com texto impresso provocam mais impacto isto porque o texto presente no adesivo acaba por ser um elemento adicional em relação ao texto original, acrescentando mais dados e informações, podendo alterar o conceito original desse mesmo texto. Os autocolantes com ilustrações ou representações gráficas mais pictóricas oferecem um impacto mais passivo em relação com o texto original, funcionando mais como ilustrações adicionais que permitem que o texto seja mais fácil de entender (pois a sua presença reforça o sentido) mesmo que o conceito original da ilustração não possua uma relação com o conceito da mensagem.

FIGURA 26

Fotografia dos livros com os autocolantes aplicados.  
Fotografia do Autor.



FIGURA 26

FIGURA 27

Fotografia dos livros com os autocolantes aplicados nos dois lados da folha. Fotografia do Autor.

A aplicação correcta do autocolante também influencia no modo como o livro é lido. O autocolante aplicado no meio do livro interliga o texto das páginas permitindo uma continuidade, levando o conteúdo a ser rápido de se ler, e um entendimento do conteúdo como um todo, dando a ideia que se trata de uma só informação. O autocolante aplicado nos dois lados da folha permite uma maior interligação entre os conteúdos das duas páginas, oferecendo mais velocidade na leitura e riqueza gráfica ao livro. Para além disso, a sua aplicação nos dois lados permite um factor surpresa no acto de virar as páginas. A repetição do mesmo autocolante funciona visto que permite uma história mais consistente e homogénea.



FIGURA 27

O autocolante também tem o seu próprio sentido modificado. Neste projecto o local da sua aplicação recontextualiza o sentido do adesivo. Estabelecendo um paralelismo, a “Fonte” de Marcel Duchamp, num contexto artístico, ou apresentado num museu, é entendido “como uma escultura com linhas graciosas e bordas íntimas que podem ser esteticamente agradáveis” (Gaver, Beaver, Benford, 2003, tradução livre <sup>1</sup>), mas por outro lado é um objecto de massa, uma comodidade para casas de banho. O autocolante aplicado no contexto “A” significa uma coisa, mas no contexto “B” significa outra. Esse fenómeno pode ser entendido como algo positivo na construção de múltiplos conteúdos usando o mesmo livro e autocolantes, criando uma rede complexa de narrativas.

Com o autocolante aplicado, a leitura tradicional desvanece-se e assume uma leitura mais rápida e dinâmica, tornando o livro um artefacto mais expressivo. As possibilidades de criar novos sentidos através da combinação entre autocolante e texto são interessantes.

---

<sup>1</sup> “Seen as a sculpture, the Fountain’s graceful lines and intimate enclosure can be aesthetically pleasing. But it is, almost insistently, a urinal.”

## REFERÊNCIAS

## Referências Bibliográficas

Almeida, P. (2012). Brand Archives: The Rescuing of Locally Specific Brand Imagery as a Graphic Design Response to the Globalization of Visual Identity. Tese de Doutorado. Central Saint Martins College of Art & Design - University of the Arts London, Londres.

Ambrose, G., & Harris, P. (2007). The Layout Book. Lausanne: An AVA Book.

Bodman, S. (2010). A Manifesto for the Book. In *PLI Arte & Design*. 2-3; 42-57.

Clough, A. (2011). Combating Urban Disengagement? - Stickers as a Form of Street Art. Tese de Mestrado. Department of Anthropology, Londres.

Coelho, J. (1987). Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. Lisboa: Editorial Verbo.

Faria, J. et al (2011), Pas de Deux. In *PLI Arte & Design*. 1; Parte integrante.

Gil, J. (1986). Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações. Lisboa: Relógio d'Água.

Granja, F. (2015). A Street Art como catalizador da memória coletiva do espaço - O caso de estudo de intervenções nas ex-conserveiras de Matosinhos Sul. Tese de Mestrado. Faculdade de Belas Artes, Porto.

Hollis, R. (1996). *Graphic Design: A Concise History*. Londres: Thames and Hudson.

Klanten, R. (2008). *Fully Booked: Cover Art and Design for Books*. Berlim: Gestalten.

Moreira, A. (2015). *Interação na Comunicação Visual: O Exercício do Design de Comunicação em Suportes Físicos Interativos*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos.

Müller-Brockmann, J. (2012). *Sistema de Grelhas - Um Manual para Designers Gráficos*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

Kane, J. (2012). *Manual dos Tipos*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

Noble, I., & Bestley, R. (2005). *Visual Research - An Introduction to Research Methodologies in Graphic Design*. Lausanne: An AVA Book.

Rodrigues, L. (2010). *Sticker: Colando Ideias*. Tese de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Instituto de Artes, São Paulo.

Rose, G. (2007) *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage.

Sadlier, D. (2009). *An Introduction to Fernando Pessoa: Modernism and the Paradoxes of Authorship*. Gainesville: University Press of Florida.

Victionary (ed.) (2012). *Hands on – Interactive design in print*. Hong Kong: Victionary

Walde, C. (2007) *Sticker City - Paper Graffiti Art*. Londres: Thames and Hudson.

Witham, S. (2002). *Festive : The art and design of promotional mailing*. Mies: RotoVision.

## Referências Eletrônicas

Advanced Labels Blog (2014). Fruit, Drugs, and Hazardous Inks: A Brief History of Labels & Stickers. Retirado em Fevereiro 12, 2016 de <http://www.advancedlabelsnw.com/blog/fruit-drugs-and-hazardous-inks-a-brief-history-of-labels>

Arquivo Pessoa (s.d.). Álvaro de Campos - Ode Triunfal. Retirado em Junho 21, 2016 de <http://arquivopessoa.net/textos/2459>.

Ball, D. (2012). The History of Stickers. Retirado em Abril 15, 2016 de <https://labellingmachines.wordpress.com/2012/04/25/the-history-of-stickers/>

Big Active (s.d.). Beck 'The Information'. Retirado em Janeiro 15, 2016 de <http://www.bigactive.com/art-direction/music/beck-information/>

Brunfaut, T. (2014). Brands are like people. Retirado em Maio, 22, 2016 de <http://www.basenow.net/2014/01/06/brands-are-like-people-2/>.

Cavalcante, A., Fassina, U., & Andrade, R. (2009). Reflexões sobre a complementaridade entre imagem e texto, e o seu papel na criação da linguagem da infografia. Retirado em Novembro 11, 2016, de [http://www.designemartigos.com.br/wp-content/uploads/2010/02/Fassina\\_Uria-reflexoes-sobre-imagem-e-texto.pdf](http://www.designemartigos.com.br/wp-content/uploads/2010/02/Fassina_Uria-reflexoes-sobre-imagem-e-texto.pdf)

Casa Fernando Pessoa (s.d.). Álvaro de Campos. Retirado em Dezembro 12, 2016 de <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=4291>.

Creative Blog (2006). Behind the scenes: Beck's The Information album artwork. Retirado em 14 Janeiro, 2016 de <http://www.creativebloq.com/computer-arts/behind-scenes-becks-information-album-artwork-12069625>

Diffuser (2015). Cover Stories: Beck's Design-Your-Own Artwork For 'The Information'. Retirado em 10 Dezembro, 2016 de <http://diffuser.fm/cover-stories-becks-design-your-own-artwork-for-the-information/>

Ellison, K. (2016). Exploring Pop Culture's Subversive Sticker Art Culture. Retirado em Abril 16, 2016 de <https://99designs.pt/blog/creative-inspiration/history-famous-sticker-art/>.

Fairey, S. (2003). Sticker Art. Retirado em Dezembro 4, 2016 de <https://obeygiant.com/essays/sticker-art/>.

Gaver, W., Beaver, J., & Benford, S. (2003). Ambiguity as a Resource for Design. Retirado em Abril, 17, 2016 de [https://www.blasttheory.co.uk/wp-content/uploads/2013/02/research\\_ambiguity\\_as\\_a\\_resource\\_for\\_design.pdf](https://www.blasttheory.co.uk/wp-content/uploads/2013/02/research_ambiguity_as_a_resource_for_design.pdf)

Jornal de Notícias (2010). Álvaro de Campos, o futurista. Retirado em Dezembro 12, 2016 de <http://www.jn.pt/artes/dossiers/portugues-actual/interior/alvaro-de-campos-o-futurista-4672422.html>.

Lloyd, P. (2014). Panini and the Design of Experience. Retirado em Novembro 23, 2015 de <https://iprofessdesign.wordpress.com/2014/05/05/panini-and-the-design-of-experience/>.

Retroist (2011). Sticker Fever – A Secret History of Stickers. Retirado em Fevereiro 12, 2016 de <http://www.retroist.com/2011/05/25/sticker-fever-a-secret-history-of-stickers/>

Tennenbaum, J. (2015). The History of Stickers. Retirado em Abril 16, 2015 de <https://stickerslapshop.com/blogs/news/80202115-the-history-of-stickers>

The New York Times (1997). R. Stanton Avery, 90, Inventor and Producer of Self-Sticking Labels. Retirado em Dezembro 17, 2015 de <http://www.nytimes.com/1997/12/22/business/r-stanton-avery-90-inventor-and-producer-of-self-sticking-labels.html>

Trumper, M. (2010). History of the “Sticker”. Retirado em Dezembro 17, 2015 de <https://www.mavericklabel.com/blog/history-of-the-sticker/>

Wei Sraum (s.d.). Das Projekt Data Pilot 1.0. Retirado em Março 23, 2016 de <https://www.weissraum.at/veranstaltungen/das-projekt-data-pilot-1-0>

## **LISTA DE IMAGENS**

Figura 4, 5: Exemplos de caderneta (2005). Fotografia de Ana Rocha e Silva. (2015)

Figura 6, 7: Flyer “Curtas de Vila do Conde” concebido por André Cruz (2011). Retirado de <https://www.behance.net/gallery/6638629/Curtas-Short-Film-Festival-2011-Flyer>

Figura 8: Autocolantes do álbum “The Information”, concebido pelo estúdio Big Active (2006). Retirado de <http://www.bigactive.com/art-direction/music/beck-information/>

Figura 9, 10: Álbum “The Information”, do músico Beck, concebido pelo estúdio Big Active (2006). Retirado de <http://www.bigactive.com/art-direction/music/beck-information/>

Figura 11: Livro “I want the title of this book to be...” concebido por H55 Studio (2001). Retirado de <http://www.h55studio.com/portfolio/i-want-the-title-of-this-book-to-be/>

Figura 12,13: Livro “Hands On” (2012). Retirado de <http://victionary.com/product/handson/>

Figura 14: Livro “DATA PILOT” concebido por Björn Börris Peters (2006). Retirado de <https://www.weissraum.at/veranstaltungen/das-projekt-data-pilot-1-0>

Figura 15: Livro “DATA PILOT” concebido por Björn Börris Peters (2006). Retirado de <http://www.designspotter.com/product/2008/06/DATA-PILOT-A-COMPILATION-OF-STICKERS-A-flight-over-the-external-skin-of-communications.html>

Figura 16, 17: Livro “Stickers! An Activity Book with Stickers” (2010). Retirado de [https://books.google.pt/books?id=hagxl0tEzqkC&printsec=frontcover&dq=stickers&hl=pt-PT&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiM96K\\_KAhUCQBQKHdCdCHwQ6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=hagxl0tEzqkC&printsec=frontcover&dq=stickers&hl=pt-PT&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwiM96K_KAhUCQBQKHdCdCHwQ6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false)

262

Figura 18: Artefacto “Reusable Sticker Pad - Vehicles” (s.d.). Retirado de <http://www.melissaanddoug.com/reusable-sticker-pad---vehicles/4199.html?cgid=our-toys-activity-pads-sticker-pads>

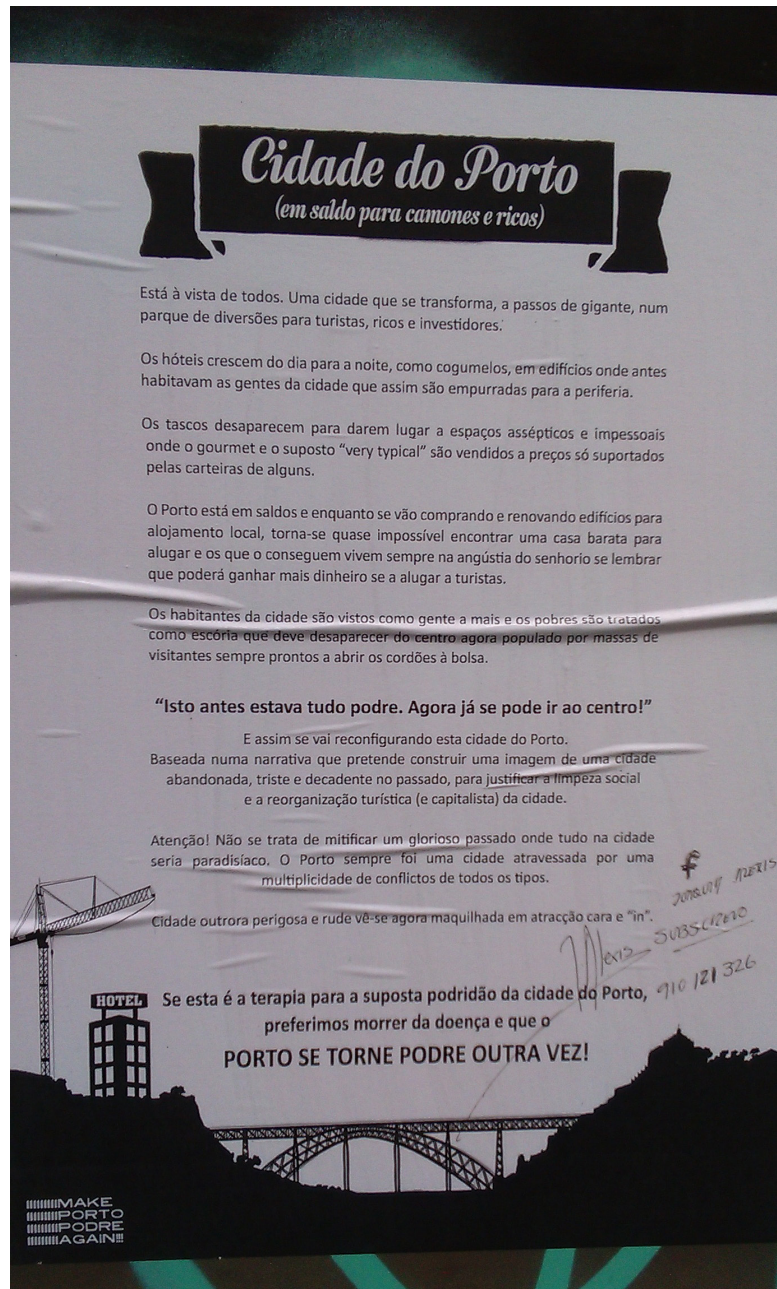
Figura 19: Artefacto “Make-a-Face Crazy Animals Sticker Pad” (s.d.). Retirado de <http://www.melissaanddoug.com/make-a-face-crazy-animals-sticker-pad/8605.html?cgid=our-toys-activity-pads-sticker-pads>

Figura 20: Artefacto “Make-a-Face Sticker Pad - Sparkling Princesses” (s.d.). Retirado de <http://www.melissaanddoug.com/make-a-face-sticker-pad---sparkling-princesses/9433.html?cgid=our-toys-activity-pads-sticker-pads>

Figura 21: Livro “FUSSBALL-WM 1974” (2006). Retirado de Klanten, R. (2008). Fully Booked: Cover Art and Design for Books. Berlim: Gestalten. (pg. 19

## **ANEXOS**

## Cidade do Porto (em saldo para camones e ricos)



**Cidade do Porto**  
*(em saldo para camones e ricos)*

Está à vista de todos. Uma cidade que se transforma, a passos de gigante, num parque de diversões para turistas, ricos e investidores.

Os hotéis crescem do dia para a noite, como cogumelos, em edifícios onde antes habitavam as gentes da cidade que assim são empurradas para a periferia.

Os tascos desaparecem para darem lugar a espaços assépticos e impessoais onde o gourmet e o suposto "very typical" são vendidos a preços só suportados pelas carteiras de alguns.

O Porto está em saldos e enquanto se vão comprando e renovando edifícios para alojamento local, torna-se quase impossível encontrar uma casa barata para alugar e os que o conseguem vivem sempre na angústia do senhorio se lembrar que poderá ganhar mais dinheiro se a alugar a turistas.

Os habitantes da cidade são vistos como gente a mais e os pobres são tratados como escória que deve desaparecer do centro agora populado por massas de visitantes sempre prontos a abrir os cordões à bolsa.

**"Isto antes estava tudo podre. Agora já se pode ir ao centro!"**

E assim se vai reconfigurando esta cidade do Porto.

Baseada numa narrativa que pretende construir uma imagem de uma cidade abandonada, triste e decadente no passado, para justificar a limpeza social e a reorganização turística (e capitalista) da cidade.

Atenção! Não se trata de mitificar um glorioso passado onde tudo na cidade seria paradisíaco. O Porto sempre foi uma cidade atravessada por uma multiplicidade de conflitos de todos os tipos.

Cidade outrora perigosa e rude vê-se agora maquilhada em atracção cara e "in".

Se esta é a terapia para a suposta podridão da cidade do Porto, preferimos morrer da doença e que o

**PORTO SE TORNE PODRE OUTRA VEZ!**

**MAKE PORTO PODRE AGAIN!**

*Handwritten notes:* 2018/07/12/15, 2018/07/12/15, 2018/07/12/15, 910 121 326

## Ode Triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica  
Tenho febre e escrevo.  
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!  
Em fúria fora e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fora,  
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!  
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,  
De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical —  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo  
do século cem,  
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e  
por estes volantes,  
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,  
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento  
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões  
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!  
Promíscua fúria de ser parte-agente  
Do rodar férreo e cosmopolita  
Dos comboios estrénuos,  
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,  
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,  
Do tumulto disciplinado das fábricas,  
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazeres úteis!  
Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas  
Onde se cristalizam e se precipitam  
Os rumores e os gestos do Útil  
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!  
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!  
Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,  
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!  
Actividade internacional, transatlântica, Canadian-Pacific!  
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,  
E Piccadillies e Avenues de L'Opéra que entram  
Pela minh'alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotes  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)  
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,  
Que andam na rua com um fim qualquer;  
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,  
E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez-à-la-caisse, grandes crimes —  
Duas colunas deles passando para a segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vients-de-paraitre amarelos como uma cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! Ó manequins! Ó últimos figurinos!  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!  
Olá grandes armazéns com várias secções!  
Olá anúncios eléctricos que vêm e estão e desaparecem!  
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é  
diferente de ontem!  
Eh, cimento armado, beton de cimento, novos processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!  
Couroças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!  
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.  
Amo-vos carnivoramente.  
Pervertidamente e enroscando a minha vista  
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,  
Ó coisas todas modernas,  
Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks,  
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —  
Na minha mente turbulenta e encandescida  
Possuo-vos como a uma mulher bela,  
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que  
não se ama,  
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!  
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!  
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma árvore  
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh-lá o interesse por tudo na vida,  
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras  
Até à noite ponte misteriosa entre os astros  
E o mar antigo e solene, lavando as costas  
E sendo misericordiosamente o mesmo  
Que era quando Platão era realmente Platão  
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,  
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor  
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.  
Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem-me a bordo de navios!  
Masoquismo através de maquinismos!  
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!  
Up-lá hô jockey que ganhaste o Derby,  
Morder entre dentes o teu cap de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!  
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!  
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas.

E ser levado da rua cheio de sangue  
Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó tramways, funiculares, metropolitanos,  
Roçai-vos por mim até ao espasmo!  
Hilla! hilla! hilla-hô!  
Dai-me gargalhadas em plena cara,  
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,  
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,  
Rio multicolor anónimo e onde eu me posso banhar como quieria!  
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!  
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,  
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,  
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto  
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!  
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,  
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome  
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos  
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas  
Nas ruas cheias de encontrões!



Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto  
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,  
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?  
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,  
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,  
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,  
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes  
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos, Instrumentos de  
precisão, aparelhos de triturar, de cavar,  
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!  
Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!  
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!  
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!  
Eia todo o passado dentro do presente!  
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!  
Eia! eia! eia!  
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!  
Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!  
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.  
Engatam-me em todos os comboios.  
Içam-me em todos os cais.  
Giro dentro das hélices de todos os navios.  
Eia! eia-hô! eia!  
Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a Europa!  
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!  
Hé-la! He-hô! H-o-o-o-o!  
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 — Junho.

## **DOCUMENTO DIGITAL**

